

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Clara Sofia da Costa Monteiro Gonçalves

**Contributos de um blogue de disciplina
no ensino de História e de Geografia:
Um estudo com alunos do 8.º ano de
História e alunos do 12.º ano de Geografia**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Clara Sofia da Costa Monteiro Gonçalves

**Contributos de um blogue de disciplina
no ensino de História e de Geografia:
Um estudo com alunos do 8º ano de
História e alunos do 12º ano de Geografia**

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de História e de Geografia
no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Isabel Barca

janeiro de 2014

Nome: Clara Sofia da Costa Monteiro Gonçalves

Título do Relatório:

Contributos de um blogue de disciplina no ensino de História e de Geografia:

Um estudo com alunos do 8º ano de História e alunos do 12º ano de Geografia

Supervisora:

Professora Doutora Isabel Barca

Ano de Conclusão:

2014

Designação do Mestrado:

Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho: ____ / ____ / _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Isabel Barca, pela disponibilidade, pela forma com que me orientou e me auxiliou ao longo de todo este Projeto.

Aos professores cooperantes Dr. João Nuno e Dr. Moisés, pela gentileza com que acolheram este Projeto e permitiram que este se desenvolvesse nas suas aulas.

Aos alunos do 8º ano e 12º ano de escolaridade que participaram neste Projeto.

À minha mãe, pelo amor, pela força, pela coragem e pela presença constante ao longo de todo este trajeto.

Ao meu pai, pela forma como sempre me incutiu o gosto por explorar novos conhecimentos.

Às minhas irmãs e cunhado pela ajuda, pela paciência, pela força que sempre me incutiram e pelo amor que em tudo colocam.

Ao meu namorado pelo amor, pelo companheirismo, pela ajuda, pelo constante incentivo, por acreditar em mim e me fazer ver que sou capaz.

À minha Avó que mesmo do outro lado do caminho me continua e sei que continuará a acompanhar.

À minha pequena Mia, pela companhia ao longo de todos os dias deste longo percurso.

Aos meus amigos que de forma insistente me impulsionaram a terminar este desafio a que me propus. Eles sabem quem são.

A todos obrigada...

RESUMO

Inserido no âmbito do estágio profissional do Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, este Relatório apresenta e analisa uma Intervenção Pedagógica em sala de aula que procura perceber de que forma é que o uso de recursos como o blogue, mais dinâmicos e moldados à sociedade actual, pode auxiliar o processo de ensino e aprendizagem, tornando as aulas de História e de Geografia mais atrativas e promovendo o pensamento histórico e geográfico dos alunos. O Projeto de Intervenção Pedagógica foi implementado numa turma de História do 8ºano de escolaridade e numa turma de Geografia do 12ºano de escolaridade. Para tal foram criados dois blogues, o “*Aquihahistoria*” para a disciplina de História e o “*Aquihageografia*” para a disciplina de Geografia.

A metodologia deste Projeto enquadra-se numa abordagem de investigação-ação, em que o processo investigativo se baseia no desenho e desenvolvimento de uma experiência que, depois de analisada e avaliada, permite ao professor investigador beneficiar dos seus resultados. Com vista à avaliação comportamental dos alunos perante um blogue de disciplina e, também, à avaliação das potencialidades desta ferramenta de TIC, efetuámos a observação e registo das reações dos alunos e aplicámos aos mesmos um questionário de resposta fechada. Numa vertente conceptual, analisámos os dados dos alunos relativos a propostas de trabalho a partir dos materiais postados nos blogues, e realizadas em aulas das duas disciplinas. Se as reações individuais ao uso do blogue foram positivas, sobretudo como base de participação nas aulas, o trabalho colaborativo pouco se verificou. Quanto a resultados de aprendizagem, para a disciplina de História as respostas dos alunos foram analisadas tendo em conta o nível de inferência bem como o nível de interpretação de mensagens e, para a disciplina de Geografia, foram analisadas as respostas tendo em conta o nível de observação de uma imagem. Pelos resultados dessa análise concluímos que, em História, a maioria dos alunos fez inferências ao nível histórico e interpretou de forma contextualizada a mensagem (interpretação contextualizada). Em Geografia, quase todos os alunos realizou observações a um nível superficial (observação simples). Os resultados serviram de base a uma reflexão final que clarificou algumas potencialidades do uso do blogue de disciplina e também nos alertou para alguns cuidados indispensáveis ao bom uso desta ferramenta no ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

This Report, integrated in the teacher training of the Master on History and Geography Teaching in the 3rd cycle of Basic Education and Secondary Education, presents and analyses a Pedagogical Intervention in classroom attempting to understand how the use of more dynamic and shaped to the present society resources, such as the blog, can aid the process of teaching and learning, making history and geography classes more attractive and promoting the historical and geographical students' thinking. The Project of Pedagogical Intervention was implemented in a 8th grade history classroom and a 12th grade geography classroom. To this end, two blogs, the "*Aquihahistoria*" for history and "*Aquihageografia*" for geography, were created.

The methodology of this project is framed by an action research approach, in which the research process is based on the design and development of an experience that allows the teacher-researcher to benefit from its results after analysis and evaluation. For the behavioral assessment of students when facing a school subject blog, and also for the assessment of the potential of this ICT tool, we conducted an observation and recording of the students' reactions, and applied a questionnaire. In a conceptual perspective, we analysed students' data related to learning tasks based on the materials posted on blogs, and carried out during classes in both subjects. If the individual reactions to the use of the blog were positive, especially as a basis for class participation, the collaborative work was scarcely found. As to learning outcomes in history, students' responses were analysed taking into account the level of inference and message interpretation, and as to geography the responses were analysed taking into account the level of observation of an image. From the results of this analysis we concluded that, in history, most students made inferences at a historical level and interpreted messages at a contextualized level. In geography, almost all the pupils made observations at a superficial level (simple observation). The results formed the basis for a final reflection that clarified some potential uses of the subject blog and also alerted us to some essentials to a good use of this tool in the teaching and learning process.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
1.1 – O BLOGUE COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM.....	5
1.2 – O CONSTRUTIVISMO E AS FERRAMENTAS TIC PARA A APRENDIZAGEM.....	6
1.3 – OS BLOGUES EM EDUCAÇÃO.....	11
1.4 – AS TICS NO ENSINO DE HISTÓRIA E DE GEOGRAFIA.....	13
1.5 – CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO.....	17
1.6 – CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO.....	20
CAPÍTULO II – QUESTÕES METODOLÓGICAS GERAIS	22
2.1 – O PROJETO NO CONTEXTO DO PLANO TECNOLÓGICO DE EDUCAÇÃO.....	22
2.2 – CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	23
2.3 – PROCESSO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA EM HISTÓRIA E EM GEOGRAFIA.....	26
CAPÍTULO III –METODOLOGIA DA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO EM HISTÓRIA	28
3.1 – CARATERIZAÇÃO DA TURMA DE HISTÓRIA.....	28
3.2 – O INSTRUMENTO PRINCIPAL: <i>AQUIHAHISTORIA</i>	30
3.3 – VISÃO GERAL DOS CONTEÚDOS ABORDADOS.....	32
3.4 – PROCEDIMENTOS DO PROJETO NAS AULAS DE HISTÓRIA.....	43
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE DADOS	51
CAPÍTULO V – METODOLOGIA DA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO EM GEOGRAFIA	63
5.1 – CARATERIZAÇÃO DA TURMA DE GEOGRAFIA.....	63
5.2 – O INSTRUMENTO PRINCIPAL: <i>AQUIHAGEOGRAFIA</i>	66
5.3 – VISÃO GERAL DOS CONTEÚDOS ABORDADOS.....	68
5.4 – PROCEDIMENTOS DO PROJETO NAS AULAS DE GEOGRAFIA.....	69

CAPÍTULO VI – ANÁLISE DE DADOS	73
REFLEXÕES FINAIS	82
LIMITAÇÃO DO ESTUDO	85
IMPLICAÇÕES PROFISSIONAIS	86
BIBLIOGRAFIA	87
ANEXOS	91
ANEXO I – Página principal do blogue <i>aquihahistoria</i>	91
ANEXO II – Apresentação da professora investigadora no blogue de História.....	92
ANEXO III – Primeira aula de História <i>postada</i> no blogue.....	93
ANEXO IV – Segunda aula de História <i>postada</i> no blogue.....	94
ANEXO V – A Terceira aula de História <i>postada</i> no blogue.....	95
ANEXO VI – Quarta aula de História <i>postada</i> no blogue.....	96
ANEXO VII – Quinta aula de História <i>postada</i> no blogue.....	97
ANEXO VIII – Sexta aula de História <i>postada</i> no blogue.....	98
ANEXO XIX – Sétima aula de História <i>postada</i> no blogue.....	99
ANEXO X – Inquérito de “avaliação global do Projeto pelos alunos de História.....	100
ANEXO XI – Proposta de trabalho de História.....	102
ANEXO XII – Página principal do blogue <i>aquihageografia</i>	104
ANEXO XIII – Apresentação da professora investigadora no blogue de Geografia.....	105
ANEXO XIV – Primeira aula de Geografia <i>postada</i> no blogue.....	106
ANEXO XV – Segunda aula de Geografia <i>postada</i> no blogue.....	107
ANEXO XVI – Terceira aula de Geografia <i>postada</i> no blogue.....	108
ANEXO XVII – Quarta e Quinta aula de Geografia <i>postadas</i> no blogue.....	109
ANEXO XVIII – Inquérito de “avaliação global do Projeto pelos alunos de Geografia.....	110
ANEXO XIX – Proposta de trabalho de Geografia.....	112

ÍNDICE DE GRÁFICOS E FIGURAS

Gráfico 1 – Situação Profissional dos Encarregados de Educação.....	28
Gráfico 2 – Uso de computador e internet em casa, segundo os alunos de História.....	29
Gráfico 3 – Frequência de respostas dos alunos de inferência Simples e Histórico.....	53
Gráfico 4 – Frequência de respostas dos alunos ao nível da Interpretação.....	55
Gráfico 5 – Frequência de acesso ao Blogue de História, antes, durante e após as aulas do Projeto.....	57
Gráfico 6 – Resposta dos alunos à questão: “que tipo de utilização fazes com a Internet”	58
Gráfico 7 – Respostas dos alunos, relativas à intenção com que os alunos acedem ao blogue..	59
Gráfico 8 – Balanço final relativamente à introdução do blogue no processo de ensino e de aprendizagem.....	61
Gráfico 9 – Situação Profissional dos Encarregados de Educação.....	63
Gráfico 10 – Uso do computador e internet em casa pelos alunos de Geografia.....	64
Gráfico 11 – Expectativas dos alunos face à escola.....	65
Gráfico 12 – Frequência de respostas dos alunos ao nível da Observação Indireta.....	75
Gráfico 13 – Frequência de acessos feitos pelos alunos ao longo da implementação da Projeto em Geografia.....	76
Gráfico 14 – Resposta à questão “Que tipo de utilização fazes com a internet?”	77
Gráfico 15 – Respostas dos alunos, relativas à intenção com que os alunos acediam ao blogue.....	78
Gráfico 16 – Balanço final.....	80
Figura 1 – Blogue de História.....	31
Figura 2 – Comentário de um aluno de História postado no blogue.....	47
Figura 3 – Comentário de um aluno de outra escola postado no blogue de História.....	48
Figura 4 – Participação de um aluno no blogue de turma.....	48
Figura 5 – Blogue de Geografia.....	67

INTRODUÇÃO

Desenvolvido no âmbito da unidade curricular Estágio profissional, o presente Relatório do Projeto de Intervenção Pedagógica encontra-se inserido no Mestrado em Ensino de História e de Geografia para o 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário, no ano letivo de 2011/2012.

Com este Projeto pretendeu-se explorar as potencialidades de um blogue¹ em contexto escolar, quer como recurso didático, quer como estratégia pedagógica. De que forma, é possível produzir e partilhar informação com alunos do 8º ano da disciplina de História e alunos do 12º ano da disciplina de Geografia, no sentido de auxiliar o processo de ensino e aprendizagem nessas duas disciplinas. Pretendeu-se ainda perceber os seus contributos para uma aprendizagem colaborativa.

Para isto, foi necessário definir um ponto de partida que surgiu em forma de questão orientadora. Através desta, entendemos ser possível encontrar respostas à problemática aqui em análise, que de seguida nos propomos desenvolver:

De que forma é que a ferramenta blogue consegue promover o processo de ensino e aprendizagem nas aulas de História e de Geografia, proporcionando uma aprendizagem colaborativa?

Em nosso entender, o blogue pode apresentar-se como um veículo importante e interessante para a construção do conhecimento histórico e geográfico, no contexto da sociedade da informação. O termo “*Sociedade de Informação e do Conhecimento*” surgiu no final do século XX com origem no termo globalização, como forma de caracterizar o tipo de sociedade. Aliada a todas as potencialidades dos novos meios de comunicação, assistiu-se a um desenvolvimento muito rápido, pois a velocidade de partilha de informação passou a ser verdadeiramente vertiginosa. Com esta nova realidade passamos a ter “*tudo e todos ininterruptamente acessíveis – basta estar à frente do média ou do terminal*” (Tornero, 2007, p. 67).

¹ Para o presente Relatório, optamos por adotar a grafia portuguesa “blogue”, sugerida pela Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação em Portugal (AAVV, 2005).

Ora, esta nova característica das sociedades tem na informação - ou deverá ter - o principal meio de criação de conhecimento, riqueza, bem-estar e qualidade de vida dos seres humanos.

Para além da presença constante no quotidiano de todos nós, as tecnologias de informação e comunicação surgiram também, em contexto escolar, como ferramentas essenciais no processo de ensino e aprendizagem. Da mesma forma que potenciou o desenvolvimento da sociedade em geral, pela velocidade de partilha de informação, é fácil de entender que estas ferramentas permitem também um enorme avanço, se aplicadas à Educação.

Desta forma, a escola necessitou de se renovar de forma a conseguir acompanhar e responder às exigências que lhe foram sendo colocadas. A escola precisou de se manter atrativa e formativa, para garantir assim a formação de indivíduos habituados a aprender, utilizando produtos e estratégias como as TIC, como forma normal de resolução de problemas.

À semelhança do que podemos encontrar no Livro Verde para a Sociedade da Informação (AAVV, 2005) em Portugal, a escola tem de passar a ser encarada como um lugar de aprendizagem interativa, em vez de um espaço onde o professor se limita a transmitir o saber ao aluno. Deve tornar-se num espaço onde são facultados os meios para desenvolver competências, isto é, para construir conhecimento, atitudes e valores. Só assim, a Escola será um dos pilares da sociedade do conhecimento. Neste sentido, Renato (1997) refere:

A importância da reforma dos sistemas educativos é apontada pelas organizações internacionais como uma prioridade na preparação dos cidadãos para essa sociedade pós-moderna. Não é à toa que a introdução das novas tecnologias digitais na educação apresentou mudanças para a dinâmica social, cultural e tecnológica. (p.05)

Assim, propõe-se que a presença das novas tecnologias de informação e comunicação, em particular o computador e a internet, passem a ser uma realidade e possam auxiliar todo o processo de ensino e aprendizagem, bem como a relação entre alunos e os seus pares, estes e os seus professores e por fim a relação da escola com todo o meio social.

A utilização do blogue em contexto escolar, surge como uma ferramenta mais “personalizada, social e flexível” (Valente, 2007, p. 84), capaz de desenvolver novos contextos

de interação, constituindo assim alternativas criativas e estimulantes no processo de ensino e aprendizagem.

Gomes (2005, p.311) chama a atenção para o facto da “blogosfera” ter já no seu seio um conjunto de práticas educativas que abarcam uma grande diversidade de abordagens”. No entanto, não podemos deixar de referir que é ainda com alguma renitência que os professores optam por introduzir um recurso como o blogue em contexto de sala de aula.

Com o objetivo de dar respostas ao problema apresentado, propusemo-nos desenvolver metodologias de trabalho que insiram a utilização do blogue no processo de ensino e aprendizagem. Desta forma, estruturamos este trabalho em sete capítulos, além desta Introdução.

No primeiro capítulo será feita uma apresentação de algumas conceções teóricas acerca do blogue e da sua utilização enquanto recurso e estratégia pedagógica. Serão também desenvolvidas questões em torno do paradigma construtivista em Educação, que serviu de base a todo este projeto de investigação bem como o novo papel do professor e do aluno, segundo a perspetiva deste paradigma. Serão também identificados os diferentes tipos de blogue em educação. Ainda neste primeiro capítulo, serão abordadas questões relativas à introdução das TIC no processo de ensino e aprendizagem de História e de Geografia, bem como a construção do conhecimento histórico e geográfico.

No segundo capítulo serão apresentadas as questões metodológicas gerais envolvidas no decurso deste estudo, nomeadamente o contexto do plano Tecnológico de Educação, a reconstrução do edifício e respetivo equipamento da escola onde se desenvolveu o projeto, bem como aspetos gerais do processo de intervenção pedagógica em História e em Geografia.

O terceiro capítulo refere-se à implementação específica do projeto na aula de História: caracterização da turma e do instrumento principal, visão geral dos conteúdos abordados e procedimentos da aplicação do projeto.

Os capítulos quarto e sexto referem-se à análise de dados resultantes da Implementação do Projeto em História e em Geografia.

Seguindo uma estrutura semelhante ao terceiro capítulo, o quinto refere-se à implementação do projeto na aula de Geografia.

No final efetuaremos, num só capítulo, as reflexões finais de todo este estudo, incluindo as limitações e implicações sobretudo para a prática profissional.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 – O BLOGUE COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM

O termo blogue surgiu pela primeira vez em 1997 por Jorn Barguer. Para este autor, o termo blogue, mais não era do que uma abreviatura do termo original “*weblogue*”, em que “*Web*” significaria rede e “*log*” diário de bordo.

Ao longo dos anos assistimos a um aumento exponencial do número de blogues, diversificando o seu campo de atuação. Hoje em dia, podemos encontrar milhares de blogues na internet referentes a diferentes temas, dos mais específicos aos mais abrangentes, com diferentes objetivos e de natureza distinta (lúdica, informativa, política, de intervenção cívica...). Esta rápida expansão levou a uma transformação do próprio conceito de blogue, sendo cada vez menos consensual a sua definição (Gomes, 2005, p.311). Também para Alvim (2007, p.39), definir blogue é “uma tarefa árdua, visto que a sua evolução tem sido muito rápida, não só quanto à sua estrutura, número de utilizadores, número de blogues, como até à missão e objetivos que lhe atribuem.”

Acessível a qualquer utilizador, Vandal (2006) atribui-lhe muitas vantagens. Entre elas, podemos enumerar a simplicidade em criar, administrar e gerir um blogue, a rapidez de criação, a interatividade proporcionada entre o criador e os seus leitores, as hiperligações estabelecidas nos blogues para outros blogues ou *sites* na *Web*, a gratuitidade do serviço, a dinâmica que possibilita o seu carácter acessível e os diferentes papéis que obriga o gestor a desempenhar, quer como administrador quer como autor. Tudo isto fez com que o número de blogues aumentasse exponencialmente. Compilação de mensagens ou textos e comentários organizados de forma cronológica (do mais recente para o mais antigo) são algumas das potencialidades de um diário, que pressupõe a sua atualização e manutenção de forma perfeitamente cadenciada.

Ao autor do blogue é possível escrever mensagens, isto é “*post*”, que se perpetuam no tempo, que estão disponíveis para os demais internautas e que são facilmente atualizadas, quase à velocidade do próprio pensamento humano. Para além desta partilha de conteúdos por parte do autor do blogue, que de forma deliberada atualiza o blogue, existe também a possibilidade do leitor poder interagir com este. Pode fazê-lo através de comentários aos “*post*” do autor, tecendo considerações, trocando opiniões, e desenvolvendo pensamentos e mentalidades. Esta troca de informação pode ser feita entre qualquer cidadão de qualquer parte

do planeta, desde que tenha acesso à internet. O “blogue potencia e eleva a escrita a um modo normal de estar, de se apresentar, de discutir os seus pontos de vista e receber os pontos de vista do outro, constituindo uma ferramenta de construção de uma inteligência colectiva” (Pereira, 2007; in Rodrigues, 2010, p.56). É precisamente esta interação, de troca de informações e opiniões, que tem vindo a chamar a atenção dos professores bem como de profissionais com preocupações no domínio da educação, particularmente dentro do paradigma construtivista.

1.2 – O CONSTRUTIVISMO E AS FERRAMENTAS TIC PARA A APRENDIZAGEM

O paradigma construtivista e toda a sua teorização serviram de base a todo este Projeto de investigação que realizamos. Igualmente como tantos outros autores que cuidaremos de particularizar mais adiante, alicerçámos o nosso trabalho na perspectiva de que toda a aprendizagem que o ser humano é capaz de fazer, acontece através da interação entre o indivíduo e o meio. Dado que é pilar deste projeto a aplicação do Construtivismo à educação e à aprendizagem em particular, cingimo-nos a este aspeto do Construtivismo.

Foram muitos os autores que se debruçaram sobre esta teoria, neste sentido, podemos sublinhar o trabalho de Glasersferd (1996) e Fosnot (1996) entre outros.

Partimos para este estudo com a ideia chave de que o conhecimento não é algo que possamos considerar como acabado, mas sim como algo que está em constante criação e desenvolvimento. A este respeito Barca (2004, p.134.), refere “o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento”.

Ora, é exatamente esta mudança de posição relativamente quer ao papel do aluno quer do professor, que a aplicação do Construtivismo, veio introduzir profundas e importantes alterações no contexto educativo.

Neste contexto, o Construtivismo permite uma abordagem diferente e permite introduzir novas variáveis no desenvolvimento da aprendizagem. Desde logo, as experiências sociais de cada indivíduo permitem uma contextualização única e particular da realidade. Por outro lado, os modelos pessoais de cada um, em contacto com o meio envolvente, fazem com que este possa evoluir e desenvolver o seu conhecimento.

A este respeito, referiu Mortimer (2000, p.36) “ a aprendizagem dá-se através do ativo envolvimento do aprendiz na construção do conhecimento: as ideias prévias dos alunos

desempenham um papel fundamental no processo de aprendizagem, já que essa só é possível a partir do que o aluno já conhece”.

A Teoria do Construtivismo aplicado à educação, foi pensada e debatida por muitos especialistas, entre eles, podemos destacar o nome de Glasersfeld, como um dos mais importantes precursores desta teoria. Por muitos considerado como um subjetivista radical, foi sem dúvida fundamental o seu trabalho no desenvolvimento do Construtivismo radical. Afirmou este autor que “o conhecimento, não importa como ele é definido, está na cabeça das pessoas, que o sujeito pensante não tem outra alternativa senão construir o que ele ou ela sabe com base na sua própria experiência” (1996). Para este, é fundamental este processo de construção e de sincronização entre o vivido e o aprendido. Glasersfeld baseou os seus estudos nos resultados obtidos por Piaget que defendeu que as crianças adquirem os seus conhecimentos de forma ativa.

A par do Construtivismo Radical preconizado por Glasersfeld, encontramos também o Construtivismo Social que baseia os seus estudos no pressuposto de que os indivíduos alcançam e desenvolvem o conhecimento por interação com o grupo que o rodeia, lidando uns com os outros. Ou seja, identificamos aqui uma outra perspetiva, mais social, que fundamenta o conhecimento na interação dos indivíduos.

Apesar de perspetivas diversas que podem encontrar pontos de diferença, podemos sobretudo identificar um traço comum em ambas as tendências, ao caracterizar de forma mais generalizada o Construtivismo. Senão vejamos, os Construtivistas levam em consideração a individualidade de cada aluno, e a este respeito defende Glasersfeld na senda de Piaget que cada aluno tem de ser tratado, tendo em conta a sua individualidade, capaz de pensar por si próprio. Assim, podemos afirmar que existe todo um processo que necessita ser pensado e levado em consideração. Este processo comporta essencialmente duas fases: a da aquisição e a de produção do conhecimento, ambas mediadas por uma tão mais importante que é a adaptação. Pela adaptação é possível mudar as estruturas mentais e fazê-las evoluir e assimilar novos elementos, construindo continuamente novos conhecimentos. Este processo não é estático, não percorre sistematicamente o mesmo caminho vezes sem conta.

O processo de aprendizagem é dinâmico, pressupõe a interação de vários intervenientes. O professor assume aqui um papel fundamental, enquanto multiplicador/ potenciador deste processo, mas não anula a essência da autonomia de cada sujeito. O professor deixa aqui de ser um mero transmissor de conhecimento, para passar a ser um facilitador da criação do

conhecimento. Ele terá de ser capaz de perceber o meio envolvente dos seus alunos, terá de ser capaz de perceber as estruturas internas dos mesmos e arranjar formas de os cativar na busca do conhecimento. À semelhança do que nos diz Moran (2005) “anteriormente o professor só se preocupava com o aluno na sala de aula. Agora, continua com o aluno na sala de aula (organizando a pesquisa), na Internet (atividades à distância) e no acompanhamento das práticas, dos projetos, das experiências que ligam o aluno à realidade, à sua profissão, à sua cultura como mediador entre a teoria e a prática.”

É com este pano de fundo conceptual que consideramos útil a aplicação das TIC no processo de ensino e aprendizagem,

“Um modelo de ensino com blogues numa pedagogia construtivista entende o blogue como um meio pessoal e próprio do aluno, de tal maneira que pode utilizá-lo de modo transversal ao longo da sua vida académica e não apenas dentro de uma determinada classe. O papel do professor neste modelo será o de facilitador deste novo espaço de liberdade, acompanhando o aluno no seu próprio caminho de experimentação e aprendizagem através do blogue.”
(O'Donnell, 2005 citado em Lara, 2005)

Funcionalidade, velocidade, dinamismo e interatividade, são algumas das características e qualidades reconhecidas destas novas ferramentas tecnológicas, que têm vindo a despertar o interesse da sociedade em geral, e constituindo um verdadeiro desafio para a educação. Através da sua utilização é possível desenvolver novos contextos de interação, estimular a aprendizagem colaborativa e fomentar a construção do amplo conhecimento nos alunos.

A introdução das tecnologias de informação nas sociedades atuais, provocou profundas alterações. Desde logo, proporcionou um maior acesso à informação e conseqüentemente, permitiu a sua constante e rápida atualização.

As tecnologias de informação e comunicação evidenciam as alterações profundas nos paradigmas de educação que se consubstanciam no construtivismo, advogado por vários autores.

De acordo com o construtivismo, o professor deixa de ser um mero transmissor de conhecimentos e passa a ser um elemento mediador, que pode ser potenciado com o recurso a várias TIC (incluindo o blogue).

O acesso livre mas controlado à informação, bastando para tal um computador com ligação à internet, é altamente inovador e potenciador do desenvolvimento de conhecimentos. Com estes recursos, é possível flexibilizar o tempo de estudo, e assim adaptar o horário de estudo ao ritmo de cada aluno, permitindo-lhes ainda a compatibilização com um sem número de atividades extracurriculares, e também o convívio com os familiares nas restantes atividades. Como acentua Moran (1997).

“A educação presencial pode modificar-se significativamente com as redes electrónicas. As paredes das escolas e das universidades abrem-se, as pessoas intercomunicam, trocam informações, dados, pesquisas. A educação continuada é facilitada pela possibilidade de integração de vários media, acessando-os tanto em tempo real como assincronamente, isto é, no horário favorável a cada indivíduo e é facilitada também pela facilidade de pôr em contacto educadores e educandos.”

No entanto, para que tudo isto seja viável, não basta apenas disponibilizar toda a tecnologia às escolas. É necessário dotar as mesmas de novas formas de lecionar, formas estas que terão obrigatoriamente de ser mais atrativas sobretudo viradas e centradas no aluno. Estas novas formas vão permitir valorizar o trabalho *online* e possibilitar a apresentação de documentos digitais.

O professor deverá estar agora ao lado do aluno ou dos grupos de trabalho, potenciando as pesquisas, a resolução de dúvidas, a partilha de informação e conhecimentos, auxiliando na problematização das questões e posteriormente na busca da sua resolução e comparação de resultados com as diversas fontes.

Deve assumir o papel de coordenador do processo de aprendizagem, responsável pelo bom funcionamento da sala de aula, local onde a construção do conhecimento deve acontecer. Este deverá ser o fator agregador de informação recolhida e transmissão da mesma à turma, para que estes possam ir acompanhando a evolução da aprendizagem.

Para Carvalho (2007, p.36), o importante é criar situações que envolvam os alunos na aprendizagem, que os prepare para a tomada de decisões, numa sociedade globalizada e concorrencial. Também Smyer (1993) nos alerta para a importância da aprendizagem colaborativa, em que a aquisição de conhecimento acontece a partir do momento em que os

alunos participam ativamente no processo de aprendizagem, como parceiros entre si e com o professor.

Como um dos inspiradores da aprendizagem colaborativa, recorreremos mais uma vez a um autor inspirador do construtivismo social: Vygotsky defende o desenvolvimento cognitivo do aluno por meio da interação social. Segundo a Teoria de Aprendizagem de Vygotsky, a aprendizagem é uma experiência social, mediada pela utilização de instrumentos e signos, relacionados com os conceitos utilizados pelo próprio autor. É mediante a interação entre os indivíduos, que surge o aparecimento de novas experiências e conhecimento. Ainda na senda desta teoria, a aprendizagem deve surgir da interação social, que deverá acontecer na zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Ou seja, a aprendizagem é a distância entre aquilo que o sujeito já sabe e a potencialidade que tem para aprender. Assim, a aprendizagem ocorre e surge no intervalo da ZDP, onde o conhecimento real é aquele que o sujeito é capaz de aplicar sozinho, e o potencial, é aquele em que ele necessita do auxílio de outros para aplicar.

Neste contexto, o professor terá um papel preponderante. Deverá ser capaz de mediar a aprendizagem, utilizando para tal, estratégias que permitam ao aluno tornar-se independente e procurar sobretudo, estimular o conhecimento potencial, de modo a criar uma nova ZDP constante.

Portanto, para os “Nativos digitais”, tal como Prensky (2001) designou a geração de crianças e jovens desta era, o computador e a internet são ferramentas essenciais no seu dia-a-dia e isso constitui uma mais-valia, que a Escola não deve desperdiçar.

O professor deverá ser capaz de utilizar diferentes tipos de estímulos como trabalho grupo, de forma a motivar a aprendizagem e a colmatar as falhas dos alunos na sua busca pelo conhecimento. No entanto este professor, será também fundamental ao permitir que os alunos construam o conhecimento por si só, na interação com os restantes grupos e com o seu meio social.

Aqui, o blogue poderá assumir-se como uma das formas apropriadas para que o processo de aprendizagem aconteça. Cabe ao educador adaptar, aplicar e explorar os recursos disponíveis nos dias de hoje.

A velocidade e agilidade na difusão de informação que tão bem define os blogues são características que assumem um papel preponderante no ensino e aprendizagem que agora estudamos. A via de comunicação criada entre professor aluno torna este meio, um veículo de experimentação e construção das aprendizagens. O seu carácter colaborativo e motivante atrai

todos os seus utilizadores. Os *posts* e as imagens, que podem ser lidos e comentados por outros leitores posteriormente, tornam este processo mais dinâmico e aliciante. Permitem desenvolver a capacidade de análise crítica e reflexão e, ao mesmo tempo, permitem a partilha de interesses e conhecimentos o que, origina naturalmente uma aprendizagem em tudo mais diversificada e mais sólida.

Concluimos pois, que toda a envolvência virtual poderá estimular a aprendizagem ativa e colaborativa, permitindo uma grande autonomia dos alunos durante o seu estudo, na busca de soluções para os problemas. É importante igualmente que se favoreça as interações entre colegas e professores, partilhando quer as suas descobertas, quer as dificuldades, pois umas e outras permitem sempre novo conhecimento. No entanto, só com uma atualização constante por parte dos professores, este modelo se afigura possível. Apenas com o seu esforço para cativar os alunos se poderá alcançar algum tipo de resultado. Alunos motivados são sempre alunos participativos, interessados e desafiadores de novos conhecimentos.

1.3 – OS BLOGUES EM EDUCAÇÃO

Segundo nos confirma Gomes (2005, p.311),

O interesse pela exploração dos blogues como recurso e simultaneamente como estratégia, tem vindo progressivamente a conquistar adeptos sendo possível já identificar diversas experiências e práticas continuadas neste domínio. Mais ainda, nos confirma o facto de a nível mundial o fenómeno dos “blogues educativos” ou “edublogues” constituir já não só uma prática de intervenção pedagógica mas também um domínio de estudo e investigação.

É neste sentido que ainda segundo Gomes (2005, p.311) e Gomes e Silva (2006), na atualidade podemos já considerar a existência de uma blogosfera escolar em Portugal, que se torna cada vez mais consolidada, abrangente e diversificada, na medida em que envolve várias abordagens e práticas educativas.

Das potenciais utilizações de um blogue, Gomes (2005, p.312) chama a atenção para a distinção entre blogues enquanto recurso pedagógico e enquanto estratégia pedagógica:

Enquanto recurso pedagógico os blogues podem ser um espaço de acesso a informação especializada, bem como um espaço de disponibilização por parte do professor. Enquanto estratégia pedagógica, os blogues podem assumir a forma de portefólio digital, espaço de intercâmbio e colaboração, espaço de debate, bem como um espaço de integração.

Para Carvalho (2007, p. 36) “o importante é criar situações que envolvem os alunos na aprendizagem, que os preparem para a tomada de decisão, numa sociedade globalizada e concorrencial”.

Baltazar e Aguaded (2005, p. 4), como também Baltazar e Germano (2006, p. 5-6), apresentam uma tipologia de blogues no ensino:

- Os *blogues* de professores “funcionam como um tipo de diário do professor, onde disponibilizam informações sobre as aulas, o programa, a matéria dada, bibliografia etc.” (p. 4). Funcionam como uma vitrina do trabalho produzido pelo professor e que normalmente não possibilita a interação e comunicação entre alunos e professor.
- Os *blogues* de alunos funcionam como um espaço de reflexão, partilha e divulgação de informação entre os colegas. Este tipo de blogue pode ter diferentes objetivos. Desenvolvimento da escrita dos alunos; local onde os colegas podem encontrar informações sobre assuntos que lhes interessem; criados no âmbito de um trabalho de grupo como forma de comunicar e organizar o trabalho à medida que este se desenvolve; criados por um grupo de amigos com o objetivo de estudar em conjunto, esclarecer dúvidas; criados com o objetivo de publicar os trabalhos realizados por um grupo de alunos.
- O *blogue* de disciplina possibilita a interação entre alunos e professor, a reflexão sobre o conteúdo trabalhado em sala de aula e a ampliação do espaço da sala de aula. A participação de todos dá a este tipo de blogues uma dinâmica que em muito os enriquece.

Os *blogues* de disciplina são na opinião de Baltazar e Aguaded:

Blogues criados e mantidos pelo professor e pela turma para uma disciplina. O principal objectivo deste tipo de blogue é dar continuidade ao trabalho desenvolvido em espaço de sala de aula fomentando o trabalho colectivo e motivando todos os elementos da turma a participar, escrevendo posts e comentários, colocando questões, publicando trabalhos, etc. A participação de todos dá a este tipo de blogue uma dinâmica que os enriquece, pelo que consideramos que é este o tipo de blogue com mais potencialidades no ensino e que mais se deverá desenvolver (Baltazar e Germano, 2006, p. 6).

Portanto, esta ferramenta permite a alunos e professores comunicar, trocar ideias e partilhar informações. É esta continuidade do espaço de sala de aula que pode trazer um enriquecimento não só a nível de matéria lecionada, como também a nível humano, contribuindo para a aproximação entre professor e alunos - e até mesmo entre os próprios alunos, o que inevitavelmente contribuirá para a melhoria do ensino e da formação pessoal.

1.4 – AS TICS NO ENSINO DE HISTÓRIA E DE GEOGRAFIA

Já foi aqui referida a importância das Tecnologias de Comunicação e Informação na sociedade atual e a intenção de analisar, neste projeto, até que ponto a utilização de recursos como o blogue pode melhorar o processo de ensino e aprendizagem, tornando-o mais dinâmico e adequado à sociedade atual. Neste estudo tivemos também como ponto de referência as Competências Essenciais reconhecidas no Currículo Nacional do Ensino Básico no que diz respeito à disciplina de História 8º ano, bem como no Currículo do 12º ano de escolaridade/Ensino Secundário para a Disciplina de Geografia.

Não podemos deixar de referir que nos mantivemos atentos também às homologações das Metas Curriculares definidas pelo Ministério de Educação para estas duas disciplinas. No entanto, no que diz respeito à Disciplina de História, estas só entrarão em vigor a partir de 2014, e para a disciplina de Geografia 12º ano, em 2017-18. Para o Ministério da Educação e Ciência, as Metas Curriculares “são meio privilegiado de apoio à planificação e à organização do ensino, incluindo a produção de materiais didáticos e constituem-se como referencial para a avaliação interna e externa” (Diário da República 14 de Dezembro de 2012), o que no nosso entender não deverá invalidar todo o trabalho conceptual que se tem desenvolvido nas áreas de ensino de

História e de Geografia. Com efeito, este trabalho nas duas disciplinas não descarta os conteúdos, antes os potencia como base de aprendizagens elaboradas.

No que diz respeito à Disciplina de História, o Currículo Nacional² refere que é através dela que o aluno constrói uma visão global e organizada da sociedade complexa, plural e em permanente mudança. (Currículo Nacional p.87). No que diz respeito à função do professor de história enquanto agente que participa na construção do conhecimento histórico, o currículo nacional destaca que este deve enquadrar o aluno no estabelecimento de referenciais fundamentais, estimulando-o a construir o saber histórico, através da expressão de “ideias históricas” na sua linguagem, desde os primeiros anos de vida. Esta construção do pensamento histórico é progressivamente e gradualmente contextualizada, em função das experiências vividas. (Currículo Nacional p.87).

Relativamente às experiências de aprendizagem, o Currículo Nacional destaca a necessidade de todos os alunos experimentarem atividades que impliquem a utilização da tecnologia informática (internet) na aprendizagem da História, trabalhando com programas específicos que veiculem informação histórico-geográfica. (Currículo Nacional p. 91)

Para além destas, consideramos orientador o facto de ao nível da comunicação em História o Currículo Nacional preconizar:

No conjunto dos três ciclos, tanto quanto possível, dever-se-á utilizar meios informáticos como suporte da comunicação recorrendo a programas de processamento de texto e consulta de sítios na internet que veiculem informação histórico-geográfica (Currículo Nacional do Ensino Básico, p.104).

No que diz respeito à Geografia C, presente no curriculum do Curso Geral de Ciências Sociais e Humanas e do Curso Geral de Ciências Socioeconómicas, a disciplina tem como finalidade proporcionar aos alunos uma formação que, a partir do tratamento de uma temática global, lhes facilite a compreensão da crescente interdependência planetária e dos problemas que afetam os territórios, as sociedades e as relações do Homem com ambiente, estimulando-os a interessarem-se por uma participação mais consciente na procura de soluções alternativas, desenvolvendo atitudes de solidariedade territorial, numa perspetiva de sustentabilidade. (M.E. Programa de Geografia C). Segundo este mesmo documento, o carácter opcional das disciplinas

² O Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais (2011), constituía um documento orientador para o ensino e aprendizagem no ensino básico, à data da implementação deste projeto pedagógico.

como a Geografia, que constituem a componente específica do Curso Geral de Ciências Sociais e Humanas e do Curso Geral de Ciências Socioeconómicas do ensino secundário, inviabiliza uma articulação horizontal. No entanto, este condicionalismo poderá ser superado, sempre que o leque de disciplinas escolhido em cada escola, permita a realização de trabalhos de carácter interdisciplinar (M.E. Programa de Geografia C,p.6). A geografia desempenha um papel importante na preparação dos jovens para a vida do dia-a-dia, fornecendo-lhes uma informação correta sobre o mundo atual e ajudando-os a compreender por si mesmos. O conhecimento geográfico inclui componentes muito diversificadas (sociais, económicas, ambientais e culturais) que se concretizam em cada território.

Segundo os objetivos gerais / competências, definidos pelo Ministério da Educação, as Tecnologias de Informação e comunicação desempenham um importante contributo no desenvolvimento da compreensão, utilização individual e social do espaço geográfico. Define também como objetivo a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação, nomeadamente os meios informáticos, telemáticos e vídeo.

Ao longo do programa de Geografia C definido pelo Ministério da Educação, podemos constatar o importante contributo reconhecido às Tecnologias de Informação e Comunicação, no processo de ensino e aprendizagem. Para além deste contributo, não foi esquecido também o papel do professor como orientador nas tomadas de decisão quanto a métodos de trabalho a utilizar, bem como na escolha de recursos a explorar.

Tal como nos refere o programa, o ensino da Geografia requer recursos didáticos diversificados e torna-se imprescindível a utilização de meios informáticos na concretização das múltiplas atividades propostas. Através destes meios de comunicação podemos facilmente armazenar, processar e transmitir informação em lugares tão distintos como em casa, na escola e na sala de aula.

Parafraseando ainda as orientações do Ministério da Educação, a utilização das tecnologias de informação e comunicação na mudança de comportamentos, de atitudes e de valores dos jovens, deve ser enquadrada em atitudes pedagógicas que valorizem a articulação da Escola com o exterior (M.E. Programa de Geografia C, p.15).

Uma pedagogia construtivista e colaborativa, centrada na interação professor-aluno e colegas de sala, numa relação dinâmica com o saber, é sem dúvida um dos objetivos da utilização do blogue em contexto sala de aula. Tal como nos diz Barbosa (2005, p.1), o desafio

para a educação da nova era é desenvolver novos contextos de interação que proporcionem ao aprendiz a utilização de alternativas criativas e estimulantes ao aprendizado.

O uso das novas tecnologias no processo ensino e aprendizagem, tem vindo a despertar cada vez mais as atenções da chamada sociedade do conhecimento. Os estudos que se têm vindo a realizar, permitem-nos perceber o alcance dos meios informáticos na reestruturação do processo de aprendizagem. No entanto, não podemos deixar de referir que o sucesso desta utilização deve ser feito de forma integrada por professores e alunos, descobrindo novas potencialidades que levarão a uma melhoria considerável dos resultados da aprendizagem.

Entre várias investigações relacionadas com as novas tecnologias, serviram de base ao nosso projeto algumas realizadas no âmbito da educação histórica e da educação geográfica. O estudo de Aline Rodrigues (...), com a utilização dos *podcasts* no ensino da História, de Hugo Martins (.....) com a aplicação da *Webquest* para aprender história (nestes dois casos com alunos do 5º ano de escolaridade), entre outros, e de Mário João Rodrigues com a utilização de e-recursos na aprendizagem de Geografia (com alunos do 8º e do 11º anos de escolaridade). Com estes estudos, pudemos constatar as diversas potencialidades que não devem ser desperdiçadas em termos de aprendizagem na área das Ciências Sociais.

Perceber de que forma é que uma determinada tecnologia específica contribui para a aprendizagem de uma disciplina específica, não é tarefa fácil. No entanto, reconhecemos o importante contributo de estudos de caso, como o de Aline Rodrigues sobre o uso destas novas tecnologias no processo de ensino aprendizagem, na disciplina de História. A autora pretendeu perceber quais as conceções que os alunos apresentam sobre a História Local, quais as evidências que consideram mais relevantes, de que forma é que os *podcasts* contribuem para a construção do conhecimento da História Local e como é que os alunos reagem e aceitam os *podcasts*. Os resultados revelaram que os alunos conseguem aprender de uma forma autónoma, divertida e motivante a história local e que as reações ao uso dos *podcasts* em leitores de mp3 ou mp4 foram positivas, demonstrando uma enorme vontade de repetir a experiência.

Aline Rodrigues reconhece que o *podcast* é uma mais-valia no ensino, pois pode ser uma forma não só de transmitir instruções e feedback aos alunos sobre os trabalhos realizados ou em curso, resumos orientadores para o estudo dos testes, como também de comunicar as aprendizagens por parte dos alunos, contribuindo assim para uma aprendizagem autónoma, para orientar visitas de estudo, entre outras finalidades. Segundo esta investigadora, os alunos reconheceram a importância dos *podcasts* para a sua aprendizagem, considerando-os

fundamentais para a sua motivação na aprendizagem da História Local. Acrescenta ainda o facto de os alunos se terem mostrado bastante recetivos à audição dos *podcasts* noutras disciplinas.

Anteriormente a este estudo, temos também trabalho de Roque Gonçalves sobre a interpretação de fontes na disciplina de História, e o de Carla Oliveira relativamente a uma visita de estudo virtual.

No que diz respeito à disciplina de Geografia temos a Tese de Mário João Nunes Rodrigues sobre a “utilização de e-recursos na aprendizagem: uma arquitetura pedagógica em Geografia (2010) ”.

Todos estes estudos constituíram uma importante base de sustentação para o nosso projeto, que também recorreu ao uso das tecnologias para o ensino e aprendizagem da História e da Geografia.

1.5 – CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Na senda do que pretendemos explorar, importa perceber como se processa a construção do conhecimento histórico no indivíduo, no aluno que percorre o seu percurso académico.

Particularmente no que diz respeito ao conhecimento histórico, é já vasto o conjunto de estudos que procuraram desmontar o processo de aprendizagem de crianças e jovens em situação escolar, para constatar como é que os sujeitos dão sentido aos conceitos, interpretam fontes e comunicam ideias referentes ao passado.

Faz parte do senso comum a ideia de que a História mais não é do que a mera aglomeração de datas, acontecimentos que se foram sucedendo no tempo. No entanto, defendemos nós que o conhecimento histórico é, e tem de ser, muito mais que conhecer a sucessão e passagem dos tempos. Para compreender o passado e não só decorar, partimos do mesmo entendimento preconizado por Barca (2013) “para aprender de verdade, a turma precisa trabalhar com fontes históricas e fazer conexões entre o passado e o presente”.

Outras ideias aceites durante muito tempo e que posteriormente se constatou tratar-se de algo profundamente erróneo, era o facto de que o ensino da História era um processo demasiado complexo, que exigia dos estudantes um nível de estruturas mentais e pensamento abstrato, que só se adquiria em idades posteriores aos 16 anos.

Vários estudos foram entretanto surgindo, permitindo revogar este pensamento e estender o ensino da História às camadas cada vez mais jovens, pois também estes eram capazes de assimilar e produzir conhecimento histórico.

Para tal, foi preciso fazer um trabalho de afastamento das teorias de Piaget que, com o seu critério generalista de níveis de pensamento em concreto e lógico dedutivo por faixas etárias, levaram a que o ensino da História fosse adstrito à categoria de elevada abstração, sendo de difícil apreensão por indivíduos menores de 16 anos. Ou seja, segundo esta vertente, o ensino seria demasiado abstrato para as crianças e como tal, de difícil aprendizagem.

Ora, é nesta tentativa de afastamento da teoria dos estádios de desenvolvimento estereotipados, que surge uma nova abordagem ao ensino da História e à construção do conhecimento histórico.

Muitos foram os autores que se debruçaram e desenvolveram estudos, pegando em grupos de indivíduos e aplicando-lhes métodos diferentes de ensino de História. Podemos neste contexto destacar Dickinson e Lee, Shemilt, Ashby, Barton, Levstick, entre outros tantos.

Em comum, estes estudos têm o facto de colocarem a tónica no contexto social em que a aprendizagem é feita e à natureza situada.

No contexto da aprendizagem, entendeu-se que apenas com a interpretação de diversificadas fontes históricas, cruzando-as e permitindo com que façam sentido autonomamente, é que será possível a construção do conhecimento Histórico.

Entre outros, o estudo levado a cabo por Barton e Levstick no “Teaching History For Common Good” foi muito importante, na medida em que pretenderam estabelecer a diferença entre as ideias dos educadores e dos historiadores. A sua maior preocupação foi perceber o contributo da História na preparação dos alunos para a vida em sociedade e em democracia, e perceber como esta pode ser importante e muitas vezes decisiva para o bem social e comum.

Conclui-se portanto que “as crianças têm já um conjunto de ideias relacionadas com a história, quando chegam à escola” (Barca, 2001) e que é necessário trabalhar este conteúdo para que se possa formar e transformar em conhecimento histórico amplo e útil, para a vida de cada um deles em sociedade.

Apenas tendo em atenção este espólio de pré-ideias e o contexto social em que cada um deles se insere, será possível desenvolver este conhecimento. Esta construção terá de ser contextualizada no presente, para retratar o passado e construir um conhecimento no futuro.

Neste sentido, a atenção dada à realidade social em que o sujeito se move enquanto fator relevante da aprendizagem, tem sugerido fortemente que a criança ou jovem aprenderá melhor, quando as tarefas que lhe são propostas fazem sentido em termos de vivência humana (Barca e Gago, 2001, p.240).

O conhecimento histórico não pode ser única e exclusivamente adquirido como certo, acabado, tem de ser assimilado e integrado nas suas estruturas internas. O mero processo de decorar acontecimentos, fazê-los suceder mecanicamente no tempo, não permite a sua compreensão.

Com a intenção de aplicar o construtivismo à aprendizagem histórica, surge o modelo de “aula-oficina” (Barca, 2002,2004), mais inovador e algo arrojado, comparado com o modelo de aula-colóquio. Na “aula oficina” de inspiração construtivista, é suposto que o professor selecione o conteúdo, pergunte aos alunos o que eles sabem a respeito e, então, selecione as fontes históricas pertinentes para a aula. Em seguida, ele deve orientar os alunos a analisar os materiais, fazer inferências e comparações. Todos se envolvem no processo de produção de conclusões.

Para Barca, “ensinar história de modo linear faz com que os alunos se lembrem só dos marcos cronológicos”. O aluno é agente da sua própria formação, tem ideias prévias e experiências diversas; o professor deve assumir-se como investigador social e organizador de atividades problematizadoras, tendo em conta que o saber é multifacetado a vários níveis desde o senso comum até à ciência e à epistemologia (Barca, 2004).

Tal como já tivemos oportunidade de referir, assiste-se aqui a uma mudança de posições entre os intervenientes. O aluno passou a estar agora mais envolvido neste processo, a ter um papel fundamental e ativo na produção do seu próprio conhecimento. Isto faz com que passemos a ter indivíduos potencialmente mais motivados na construção do seu próprio conhecimento, na busca de novos elementos.

Particularmente, no que respeita ao ensino da História, este método permite um conhecimento em tudo mais contextualizado, mais centrado na realidade e sobretudo, um conhecimento mais significativo.

Este modelo de aula-oficina é definido por Barca como um método diversificado, quando diz que o professor deve lançar mão de todos os recursos diversificados que tiver ao seu alcance, chamando os alunos a interagir e sobretudo a estar aberto às ideias prévias dos mesmos. Terá de ser capaz de alcançar estas ideias e potenciá-las para que, de forma natural, possam ir construindo conhecimentos e aprendizagem.

Desta forma a utilização do blogue cabe perfeitamente nesta proposta de ensino e aprendizagem, pois poderá levar a filosofia da aula-oficina para além da escola.

1.6 – CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

Preocupados em reafirmar a identidade da disciplina de Geografia e de promover a sua renovação conceptual e metodológica, autores como Mérenne-Shoumaker (1985 e 1992), Souto Gonzalez (1990 e 1998), Cachinho e Reis (1991), entre outros, desenvolveram os seus trabalhos neste sentido. Os avanços da psicologia cognitiva e a emergência de novos paradigmas educativos, focados em quem aprende, demonstraram que para se ensinar bem, não basta uma boa seleção de conteúdos ou, que o professor domine os programas. Segundo Souto Gonzalez, é também imprescindível saber como é que os alunos apreendem tais conteúdos e a atitude que manifestam perante a apresentação de novos factos.

Para Mérenne-Shoumakera aplicação da metodologia científica à geografia escolar comporta três grandes etapas: etapa 1, fase de apreensão e percepção da realidade, etapa 2, momento de análise e estudo dos problemas e etapa 3, tempo de síntese e aplicação. A cada uma destas etapas a autora indexa três tipos de espaços respetivamente: o espaço vivido e percebido, o espaço pensado, construído através da informação e da investigação e o espaço integrado e de ação.

No contexto do ensino da Geografia Alegria (1999: 578), salienta a importância das ideias dos alunos no plano das formas de atuação, como forma de tornar os alunos mais participantes e ativos, do ato de aprender e não assumir mero papel de espectadores passivos do discurso do professor. A autora alerta para a necessidade do professor criar as condições necessárias, para que os alunos consigam mais facilmente verbalizar ou explicar as suas ideias, acerca dos temas em estudo.

Na mesma linha de pensamento, (Castellar, 2006, p. 39) defende uma aprendizagem com base na construção do conhecimento, em que o aluno é um sujeito mentalmente ativo na aquisição dos saberes, estabelecendo-se como objetivo prioritário, a potencialização de suas capacidades de pensamento.

No que diz respeito à aula de Geografia, podemos recorrer ao que Mérenne-Shoumaker (1999) defende, na medida em que, segundo esta autora, a aula deve ser constituída por três momentos essenciais. São eles, o início, em que o professor terá de ser capaz de motivar os alunos sobre os temas que ali serão abordados e sobretudo, para a sua utilidade na vida prática, deverá questioná-los de forma simples, de resposta fácil e rápida, até para perceber os seus níveis de conhecimento e as estruturas internas, já abordadas. Posteriormente, deverá elaborar propostas de trabalho com a participação de todos os presentes, dando ênfase aos pontos essenciais da aula. Por fim, em jeito de resumo, deverá esquematizar e destacar as principais ideias, conceitos e sobretudo, sintetizar as mesmas e fazê-los perceber os seus pontos de aprendizagem.

CAPÍTULO II – QUESTÕES METODOLÓGICAS GERAIS

2.1 – O PROJETO NO CONTEXTO DO PLANO TECNOLÓGICO DE EDUCAÇÃO

O presente Projeto de investigação, pretendeu tirar partido das condições físicas proporcionadas pelo Plano Tecnológico da Educação (PTE) aprovado e posto em prática em 2007. Com efeito, com a implementação deste plano na escola onde se desenvolveu o projeto, foi possível utilizar o computador e a internet dentro da sala de aula.

O Plano Tecnológico da Educação tinha como principal objetivo, colocar Portugal entre os cinco países europeus mais avançados ao nível da modernização tecnológica do ensino. Neste sentido, o governo estabeleceu então como objetivos para o período de 2007-2010:

- *Atingir o rácio de dois alunos por computador com ligação à Internet em 2010;*
- *Garantir em todas as escolas o acesso à Internet em banda larga de alta velocidade de pelo menos 48 Mbps em 2010;*
- *Assegurar que, em 2010, docentes e alunos utilizam TIC em pelo menos 25 % das aulas;*
- *Massificar a utilização de meios de comunicação eletrónicos, disponibilizando endereços de correio eletrónico a 100 % de alunos e docentes já em 2010;*
- *Assegurar que, em 2010, 90 % dos docentes vêm as suas competências TIC certificadas;*
- *Certificar 50 % dos alunos em TIC até 2010.*

As razões para levar a cabo este programa de modernização tecnológica das escolas foram sustentadas num estudo diagnóstico do Ministério da Educação sobre a modernização tecnológica do sistema de ensino em Portugal. Neste estudo, concluiu-se que as escolas portuguesas mantêm uma relação desigual com as TIC; as TIC necessitam de ser plena e transversalmente integradas nos processos de ensino e de aprendizagem, o que implica o reforço da infraestrutura informática, bem como o desenvolvimento de uma estratégia coerente para a disponibilização de conteúdos educativos e digitais e para a oferta de formação e de certificação de competências TIC dos professores (Plano Tecnológico da Educação, 2007).

Segundo o Plano Tecnológico da Educação é essencial valorizar e modernizar a escola, criar as condições físicas que favoreçam o sucesso escolar dos alunos e consolidar o papel das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), enquanto ferramenta básica para aprender e ensinar nesta nova era.

Para além das infraestruturas criadas, este Plano defende também a alteração dos métodos tradicionais de ensino e aprendizagem, para um tipo de ensino mais ativo, colaborativo, interativo e centrado no aluno, onde este tenha a oportunidade de explorar diferentes recursos didáticos, interagindo e partilhando com os colegas e com o professor.

O presente projeto procurou seguir as linhas orientadoras do Plano Tecnológico da Educação, que realça:

“o caminho para a sociedade do conhecimento impõe uma alteração dos métodos tradicionais de ensino e de aprendizagem e um investimento na disponibilização de ferramentas, conteúdos e materiais pedagógicos adequados”. (Resolução do Conselho de Ministros nº 137/2007)

2.2 – CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA

O presente Projeto de investigação ação foi implementado numa escola do concelho de Braga, localizada na segunda maior freguesia da cidade e do concelho em termos populacionais, com cerca de 20.000 habitantes, distribuídos por 4967 famílias, 6739 alojamentos e 1561 edifícios (Censos 2001).

Criada em 1964 como Liceu tem como objetivos do Projeto Educativo:

Promoção de um serviço público de educação e ensino de qualidade, preparando os jovens, de forma inclusiva e pela via do sucesso educativo, quer para o ingresso na vida ativa, quer para o prosseguimento de estudos.

O contexto socioeconómico e cultural é caracterizado da seguinte forma: 95% dos alunos são de nacionalidade portuguesa, sendo 10,5% subsidiados pela Ação Social Escolar. No que diz respeito aos pais/encarregados de educação, 36% não tem o 9º ano, 64% possui 3º ciclo ou mais, e as suas áreas profissionais são o comércio e serviços, empresários da indústria e

comércio, e professores. Cerca de 44% dos pais e encarregados de educação possui pelo menos o nível secundário, sendo acentuada a posição relativa dos que possuem pelo menos a licenciatura (20%). A maioria dos alunos (88%) afirma querer prosseguir os estudos no ensino superior e os factores que mais influenciaram na sua opção pela escola foram os resultados escolares (23%). No que às ferramentas TIC (Tecnologia de informação e comunicação) diz respeito, 93% dos alunos afirmaram ter computador em casa e 74% com ligação à internet.

Alicerçada nas cinco ideias-chave do projeto de intervenção de Escola, de Abril de 2009 - a qualidade da ação educativa, a abertura da escola à comunidade, o desenvolvimento institucional, a valorização do ambiente interno e a valorização do profissionalismo docente e não docente - esta Escola tem conseguido alcançar resultados escolares muito positivos, sendo clara a progressão em todos os indicadores: taxas de transição, taxas de aprovação, sucesso académico e rendimento académico.

O desempenho nos exames nacionais do ensino secundário acompanhou esta tendência de melhoria e colocou a escola nos cinquenta primeiros lugares do ranking. A dificuldade parece ser a de a escola conseguir manter este nível de resultados no futuro.

Do relatório da avaliação externa das escolas (Abril de 2008) os avaliadores apontaram como pontos fortes da Escola:

A imagem positiva que a escola tem junto da comunidade educativa; o clima de disciplina, de segurança interna e de bom relacionamento inter-pessoal; o sentimento de pertença, a visão partilhada e o forte empenhamento da comunidade escolar; a determinação e a capacidade de liderança do Conselho Executivo; o desenvolvimento de projetos e parcerias com diversas entidades; a valorização da complementaridade entre os diversos órgãos de gestão da escola; a receptividade à diversidade de opções organizacionais e à mudança educacional.

Como pontos fracos destacaram:

A frágil assunção das lideranças pedagógicas ao nível dos departamentos curriculares; os significativos índices de falta de assiduidade de alguns alunos e funcionários não docentes; a insuficiente definição de metas avaliáveis e/ou mensuráveis para apreciar o trabalho realizado.

Inserida na 2ª fase do programa de modernização do parque de escolas do ensino secundário, de acordo com o Relatório de Avaliação Externa do Ministério da Educação e da Inspeção-geral da Educação (2008), a escola teve oportunidade de recuperar e modernizar as instalações já existentes e construir novos edifícios, tendo ampliado largamente a sua área de construção. No interior da escola criou-se um acesso direto à biblioteca e à *learningstreet* (onde se incluem as áreas cobertas informais). Junto à entrada, encontra-se também a zona da administração e gestão da escola. Entre os dois blocos de salas de aulas interpõem-se outros, dedicados a atividades específicas: o dos laboratórios, das oficinas de artes e dos desportos – ginásio e campo coberto. Junto a este último, encontram-se os campos de jogos descobertos, tendo o antigo ginásio sido reabilitado para que pudesse ser mais polivalente.

O antigo edifício da direção, foi adaptado ao uso exclusivo dos professores, apoiando o seu trabalho e os devidos ócios intercalares. Os espaços exteriores foram redesenhados, permitindo melhorar as condições de acessibilidade e de estacionamento, aumentar a área de recreio coberto, bem como a área permeável e arborizada.

Ao nível das novas tecnologias, apresenta boas condições de trabalho. Todas as salas de aula estão equipadas com computador, projetor e ligação à internet e um número considerável de salas tem quadro interativo, sendo disponibilizado igualmente *wireless* em toda a escola. Trata-se portanto, de uma escola com boas condições físicas, essenciais ao bom desenvolvimento da atividade letiva. Consideramos que foram estas excelentes condições que permitiram pôr em prática o presente projeto de investigação ação.

Desta escola, foram selecionadas aleatoriamente duas turmas para o desenvolvimento do estágio e respetiva implementação do presente projeto. Estas turmas fazem parte de ciclos de estudos diferentes: no que diz respeito à História, a turma selecionada pertencia ao 3º ciclo, 8º ano de escolaridade; no que diz respeito à Geografia, a turma pertencia ao ensino secundário, 12º ano de escolaridade. A caracterização de cada uma das turmas foi feita tendo em conta o P.C.T de cada uma delas, bem como a nossa própria análise ao longo do 1º período letivo, entre os meses de Novembro e Dezembro de 2011, aquando do processo de observação. Esta caracterização será apresentada nos dois capítulos posteriores a este.

2.3 – PROCESSO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA EM HISTÓRIA E EM GEOGRAFIA

Alicerçado numa vasta bibliografia sobre a utilização da ferramenta tecnológica blogue no processo de aprendizagem, bem como no contexto de sala de aula, o presente Projeto pretendeu perceber e conhecer a utilidade desta nova ferramenta nesse contexto.

A implementação deste estudo teve como momento introdutório as observações das aulas dos professores cooperantes, de forma a caracterizar o contexto a intervir. (Outubro - Dezembro). Nesta fase, desenhou-se o Projeto de Intervenção a ser concretizado posteriormente.

O segundo momento consistiu na fase de Implementação do projeto propriamente dito. Através do *software Wordpress*³ a professora investigadora criou um blogue para cada disciplina e para cada turma, respetivamente. Para a disciplina de História foi criado o blogue *aquihahistoria* e, para a disciplina de Geografia, foi criado o blogue *aquihageografia*.

No blogue, a professora investigadora disponibilizou todos os conteúdos abordados nas aulas, dinamizando-o através da introdução de materiais e informações adicionais que considerou do interesse para os alunos, sempre acompanhados por propostas de trabalho. Uma das principais preocupações foi manter os dois blogues sempre atualizados, de forma a acompanharem os conteúdos abordados nas aulas.

Este tipo de blogue procurou dar continuidade ao trabalho desenvolvido na sala de aula, permitindo uma aprendizagem em qualquer local e em qualquer momento, flexibilizando assim as práticas pedagógicas, introduzindo um tipo de metodologia mais ativa, com o objetivo de promover a interação entre os alunos, estimular a capacidade de comunicar e despertar o gosto de aprender.

Para além disso, os objetivos do Projeto (implícitos na questão de investigação) consistiram também na integração dos alunos em grupo, pois ao trabalharem e refletirem em conjunto, pretende-se fomentar a participação entre alunos e professora, permitindo ainda a estimulação do debate para além das barreiras físicas da sala de aula. Por isso, os alunos foram convidados a dinamizar o blogue e a interagir entre eles, envolvendo-os num processo interativo de ensino e aprendizagem.

³ Sistema de gestão de conteúdos, direcionado principalmente para a criação de blogues via *Web*. Gratuito e livre, é uma das ferramentas mais famosas na criação de blogues. Disponível em <http://<wordpress.com >>

O terceiro momento consistiu na análise dos dados recolhidos ao longo do período em que o projeto foi desenvolvido, de forma a perceber o sucesso da ferramenta blogue como recurso/estratégia pedagógica no ensino e aprendizagem de História e de Geografia, para assim proporcionar reflexões úteis para a docência.

CAPITULO III – METODOLOGIA DA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO EM HISTÓRIA

3.1 – CARATERIZAÇÃO DA TURMA DE HISTÓRIA

Com uma média de idades de 13 anos, a turma de História do 8º ano é constituída por 16 rapazes e 12 raparigas, composta por um total de 28 alunos.

Constituída por alunos com mais do que uma nacionalidade, desta turma fazem parte um aluno de nacionalidade francesa e duas alunas de nacionalidade ucraniana. Como podemos ver no gráfico 1, estamos perante alunos com um nível de vida relativamente estável à época. Podemos afirmar que os alunos estão inseridos num contexto em que a maioria dos núcleos familiares se encontra com emprego.

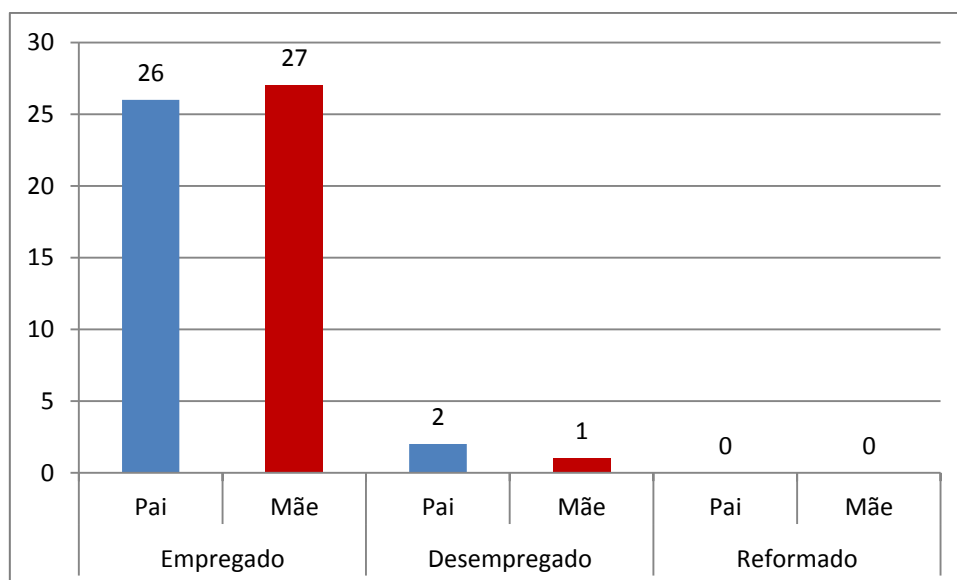


Gráfico 1 – Situação Profissional dos Encarregados de Educação

Fonte: Plano Curricular de Turma (PCT)

No que diz respeito às suas habilitações dos encarregados de educação, a maioria tem habilitações ao nível do 3º ciclo ou inferiores. Um número considerável de pais tem habilitações ao nível do ensino secundário e em menor número são os que tem habilitações ao nível da licenciatura ou pós-graduação.

Uma vez que o presente Projeto carece de computador e de acesso à internet, por parte dos alunos, procuramos obter estas informações. De acordo com o Plano Curricular de Turma

todos os alunos referiram como podemos ver no gráfico 2 ter computador em casa. No entanto no que diz respeito ao acesso à internet na própria residência, três alunos referiram não o terem.

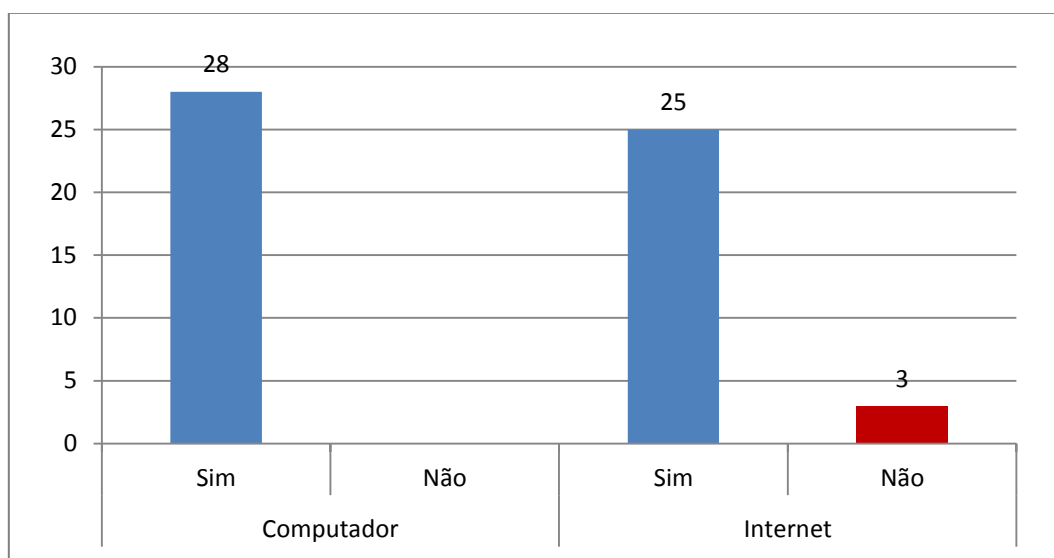


Gráfico 2 – Uso de computador e internet em casa, segundo os alunos de História

Fonte: Plano Curricular de Turma (PCT)

De um modo geral, todos estes alunos demonstram elevadas expectativas escolares, sendo clara a vontade em obter uma graduação escolar ao nível do ensino superior.

Esta turma caracteriza-se como sendo uma turma faladora, indisciplinada, sendo o seu comportamento em contexto de sala de aula bastante desadequado, bastante problemático, tendo sido necessária a realização de várias reuniões ao longo do ano letivo, com o objetivo de delinear estratégias capazes de controlar estes alunos, discutir questões importantes como o aproveitamento, bem como o comportamento dos mesmos. Outra das particularidades desta turma é o facto de todos os alunos serem novos na escola, característica que dificulta as estratégias a aplicar. Em muitas das reuniões ficou decidida a suspensão de alguns alunos que evidenciavam um comportamento desajustado durante as aulas, prejudicando e comprometendo seriamente o sucesso das mesmas.

Apesar destas características, e mesmo que de forma desorganizada, a turma manifestou sempre muita vontade em participar, sendo necessária a constante intervenção da professora.

Estamos pois perante uma turma com acentuados problemas de comportamento e de aproveitamento, relações interpessoais conflituosas, falta de respeito pelas normas de conduta na sala de aula, grandes problemas de atenção e concentração, ausência de métodos de

trabalho e de estudo, bem como grande discrepância ao nível do ritmo de trabalho e de aprendizagem, apesar de gostarem de intervir na aula.

3.2 – O INSTRUMENTO PRINCIPAL: *AQUIHAHISTORIA*

O *software* utilizado pela professora investigadora para a construção do blogue foi o *Wordpress*. Optou-se por este *software*, por este apresentar mais recursos para a organização e navegação das informações, possibilitar a atualização e edição dos recursos do blogue, sem que fossem necessários conhecimentos de programação HTML (*Hypertext Markup Language*). Para além disso, permite um registo detalhado do número de acessos efetuados, bem como a frequência dos mesmos, como também o registo dos conteúdos mais visualizados. Através do endereço eletrónico www.aquihahistoria.wordpress.com (Anexo I), os alunos acediam ao blogue de História. Foi através desta ferramenta que a professora investigadora conseguiu fazer uma monitorização do blogue, auxiliando o processo de análise dos dados e consequentes conclusões, que serão apresentados e analisados no capítulo IV.

A apresentação do blogue à turma foi feita durante uma aula de noventa minutos. A professora investigadora começou por apresentar o blogue de História à turma, acompanhada por uma explicação cuidada e pormenorizada sobre o mesmo. Esta explicação teve como principal objetivo a apresentação deste recurso aos alunos, com o intuito de dar a conhecer os objetivos pretendidos, bem como a forma como se iria desenvolver o mesmo. Os alunos foram convidados a participar como coautores, publicando as suas opiniões, sempre devidamente fundamentadas, sobre todos os temas abordados nas aulas de História. À semelhança de um diário de bordo, todas as aulas eram disponibilizadas no blogue, sendo importante a participação de todos os alunos no debate de ideias. Todos os temas publicados eram acompanhados por propostas de trabalho, funcionando como consolidação dos conhecimentos. A figura 1 mostra uma das aulas de História *postadas* no blogue.

Aqui Há História
Vamos aprender história!

Início Sobre mim

ARQUIVO DA CATEGORIA: SUMÁRIOS

Aula Nº 74/75
Posted on 20 de Maio de 2012

Sumário: A Guerra Civil.

O «Terror» Miguelista




Fig. 1 – Ação de repressão miguelista.

Ação de repressão desencadeada pelo governo miguelista exercida sobre os liberais que ficaram em Portugal, traduzindo-se essencialmente em inúmeras prisões, perseguições e condenações à morte por fuzilamento ou enforcamento.

Actividade:
Realização de uma ficha de trabalho.

CALENDRÁRIO

MAIO 2012						
S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

ARTIGOS RECENTES

- Inquérito – Blogue de História
- Aula Nº 74/75
- Aula Nº 72/73
- Questionário – Revolução Francesa e Revolução Americana
- Aula Nº 70/71

ARQUIVO

- Junho 2012
- Maio 2012
- Abril 2012
- Março 2012
- Fevereiro 2012

CATEGORIAS

- Boas Vindas
- Inquérito
- Questionário
- Sumários

LINKS

- Escola Secundária D. Maria II

Figura 1 – Blogue de História

Fonte: Página principal do blogue de História (<http://aquihahistoria.wordpress.com>)

Os alunos foram convidados a participar no blogue como coautores, publicando as suas opiniões sobre todos os temas *postados*, colaborando e interagindo com os colegas de turma, bem como com a professora investigadora, fazendo uso e tirando partido das principais características de um blogue.

Todas as aulas eram publicadas no blogue, sendo crucial a participação de todos os alunos no debate de ideias, através dos comentários aos vários *posts* (*comentários curtos*). Todos os temas publicados eram acompanhados por propostas de trabalho, que funcionavam como consolidação dos conhecimentos.

Observando a figura 1 podemos ver que no cabeçalho surge o nome do blogue acompanhado por uma imagem que, no nosso entender, transporta o aluno para um contexto histórico acompanhado por um incentivo ao estudo de história, “vamos aprender história”.

Logo abaixo, no centro da página, o blogue apresenta uma barra com *links* permanentes de acesso ao **Início** - página principal do blogue (Anexo I) e ao **Sobre mim** (Anexo II) – breve apresentação da professora investigadora.

Na coluna lateral direita da imagem, surge uma zona de procura, onde os alunos podem de forma rápida e precisa localizar um *post* ou um tema abordado; um calendário que permite uma orientação precisa da evolução do estudo; artigos recentes; um arquivo dos *posts* colocados ao longo da implementação do Projeto, ordenado do mais recente para o mais antigo, conforme característica de um blogue. Através de um simples clique temos acesso a cada aula e *posts* publicados; categorias onde todas as informações colocadas no blogue estão devidamente categorizadas e armazenadas (sumários, inquérito); por fim, mas não menos importante, os *links* de acesso rápido e direto aos diversos sites relacionados com os conteúdos abordados.

Ainda na figura 1, no centro da página, encontramos o desenvolvimento propriamente dito de uma das aulas lecionadas. Aqui foram publicados pela professora investigadora os vários *posts*, organizados, de forma cronológica (do mais recente para o mais antigo). Aqui surgem os vários *posts*, organizados uma vez mais do mais recente para o mais antigo que incluem, além do título, conteúdo, imagens, vídeos, espaço para os comentários e debates entre os alunos, entre os alunos e a professora investigadora e proposta de trabalho, como forma de consolidar a matéria lecionada.

3.3 – UMA VISÃO GERAL DOS CONTEÚDOS ABORDADOS

O Programa Nacional de História do 8º ano, pretende que a História forneça aos alunos *os instrumentos que lhes permitam construir uma perspetiva global da evolução da humanidade,*

bem como a de lhes proporcionar uma compreensão da realidade mais próxima em que se inserem, nomeadamente a europeia e a nacional (DGEBS, 1991, vol. 1, p.123).

Privilegiam-se assim as grandes fases da evolução da humanidade, com destaque para a história europeia e *uma atenção especial à história de Portugal* (DGEBS, 1991, vol. II, Intr.).

Atendendo às características já apresentadas de um blogue, este projeto não pode ser implementado em apenas uma ou duas aulas, carecendo de uma implementação mais prolongada e, conseqüentemente, no decurso da lecionação de mais do que um tema: conclusão do Tema F – *A Cultura e o Iluminismo em Portugal face à Europa*, bem como do Tema G *O Arranque da Revolução Industrial e o Triunfo das Revoluções Liberais*, dos quais se apresenta aqui uma visão panorâmica.

A revolução científica na Europa e a permanência da tradição

O nascimento do método científico

Período de renovação, o Renascimento caracterizou-se por uma enorme vontade do Homem em querer conhecer a origem e o funcionamento de tudo o que o rodeava, colocando em prática todo o seu espírito crítico. Assistiu-se ao surgimento de um enorme desenvolvimento científico na Europa, considerado uma autêntica Revolução Científica. Tendo como princípio de que nada podia ser considerado como verdadeiro sem ser confirmado pela Razão e pela experiência, surgiu um novo método – O método experimental. Partindo da dúvida metódica, o cientista devia começar por duvidar de tudo o que não fosse evidente e racional. Para atingir o conhecimento, ia-se repetindo as experiências até à obtenção de um conhecimento verdadeiro. Era o início da investigação científica. Com a invenção de um conjunto de novos instrumentos (telescópio, microscópio, termómetro, barómetro e relógio de pêndulo) assistiu-se a um desenvolvimento científico nos séculos XVII e XVIII. Motivados por esta curiosidade, navegadores partiram à descoberta de novas regiões ainda desconhecidas, permitindo assim o desenvolvimento da Cartografia e da Geografia.

O Iluminismo ou Movimento das luzes, surge na Europa durante o século XVIII, como um movimento cultural que procurava instruir o Homem através do ensino e do conhecimento, “iluminando-o” com a luz da sabedoria e da cultura. Este movimento defendia as ideias de Progresso e de Liberdade, o espírito de tolerância e a valorização da razão. Para que tal fosse possível, era necessário melhorar as condições de vida da população, fundar

escolas onde o ensino seguisse os princípios da Razão e do Progresso (experimentalismo e inovação), considerada a única forma de libertar o Homem da Ignorância e do obscurantismo. Quanto mais instruído fosse o Homem, mais livre e feliz seria. Para além disso, era necessário impedir a ação de instituições repressivas como a Inquisição.

O principal objetivo destes déspotas ou iluminados, era o de promover o desenvolvimento cultural do país e melhorar as condições de vida dos grupos não privilegiados.

Defensores de uma sociedade mais igualitária e de um novo regime político, alicerçado na separação de poderes e na soberania popular, surgiram profundas críticas ao Absolutismo, por parte dos iluminados. Este foi sem dúvida um prenúncio das revoluções liberais.

As ideias das luzes rapidamente se propagaram por toda a Europa e América do Norte. Para tal contribuíram as academias, as associações de cientistas e intelectuais, que promoveram investigações e experiências em vários domínios, divulgando-as em livros e jornais especializados; a *Encyclopédie*, obra composta por 35 volumes, dirigida pelo escritor e filósofo Diderot e pelo matemático D'Alembert e que contaram com a colaboração de numerosos intelectuais e cientistas; a maçonaria, que associava membros da nobreza, das profissões liberais, filósofos e cientistas, que defendiam a valorização da Razão, o Progresso e a Igualdade; os clubes, cafés e salões, lugares de convívio das elites, onde se expunham e discutiam ideias e se transmitiam conhecimentos; as universidades, detentoras de importantes e renovadas bibliotecas.

Arranque da Revolução Industrial e o Triunfo das Revoluções Liberais

Até finais do século XVIII, predominava na Europa uma agricultura tradicional, baseada na prática do pousio para descanso da terra, e no uso de instrumentos rudimentares. A partir deste século e durante todo o século XVIII, registaram-se principalmente na Grã-Bretanha, importantes transformações agrícolas. Introduziram-se novas culturas e novas técnicas, fez-se o arroteamento dos terrenos incultos e a drenagem de pântanos que possibilitaram a expansão da área cultivada. Estas transformações, que

contribuíram para o aumento da produtividade e da produção e, conseqüentemente, para a melhoria das condições de vida da população, foram uma verdadeira Revolução Agrícola.

As inovações agrícolas e o aumento populacional – num contexto de concentração da propriedade rural devido ao processo das *Enclosures* possibilitaram não só o aumento da mão-de-obra disponível para trabalhar nas fábricas, como também a produção de grandes quantidades de lã (matéria-prima essencial para a indústria têxtil). Tudo isto contribuiu para o arranque da Revolução Industrial na Grã-Bretanha.

Foi assim que no século XVIII, a Inglaterra se transformou no primeiro país industrializado do Mundo e, para tal, contribuíram diversos fatores. Entre eles, contam-se os avanços científicos e técnicos. A invenção da máquina a vapor por Newcomen, depois aperfeiçoada por James Watt, tornou-se fundamental para o arranque da Revolução Industrial bem como para o desenvolvimento dos meios de transporte, como o comboio e o barco. A indústria têxtil foi a primeira a desenvolver-se, uma vez que a Inglaterra tinha abundância de lã e de algodão. A utilização da máquina a vapor provocou uma profunda alteração no processo de produção: a manufatura foi substituída pela maquinofatura. Com a introdução da mecanização, a partir de 1770, a fição e a tecelagem passou a fazer-se em grandes fábricas; a indústria metalúrgica teve um grande desenvolvimento a partir de 1830, relacionado com a necessidade de produção de maior número de máquinas. A indústria mineira teve também um grande incremento, ao fornecer a matéria-prima como o ferro e o carvão mineral.

Este processo de produção trouxe importantes conseqüências: económicas, surgindo a produção em série; sociais, o artesão foi substituído pelo operário que tinha como principal função vigiar e controlar as máquinas; ambientais, a concentração de fábricas alteraram o ambiente e a paisagem.

Revolução Americana

Em meados do século XVIII, a Inglaterra possuía treze colónias na costa atlântica do continente americano. Apesar de cada colónia possuir administração própria e gozar de certa autonomia, havia entre elas laços comuns: a língua inglesa, a religião cristã protestante e a defesa contra os ataques dos Franceses e dos Índios. As dificuldades financeiras surgidas com a

Guerra dos Sete Anos que opôs a França à Inglaterra, devido às rivalidades comerciais e económicas, levaram ao lançamento, pela Metrópole, de novos impostos sobre o chá, o açúcar e o papel selado. A contestação a estes impostos reforçou a união das colónias contra o domínio britânico. Como os colonos não estavam representados no Parlamento inglês, reagiram contra esta decisão com manifestações públicas de descontentamento. A Inglaterra suspendeu alguns impostos, mas manteve o do chá. Deu-se, então, a revolta de Boston, na qual um grupo de colonos, disfarçados de índios, atirou ao mar o carregamento de chá de três navios ingleses ancorados no porto de Boston. Foi o início da Revolução Americana.

Em 1774, os representantes das colónias reunidos no Congresso de Filadélfia, reclamaram as mesmas liberdades e direitos dos Ingleses da Metrópole e recusaram-se a cumprir o regime de exclusivo colonial. A intransigência inglesa levou à formação de um exército de voluntários, chefiado por George Washington. Em 4 de Julho de 1776, foi aprovada a Declaração de Independência. Após algumas derrotas, os Norte-Americanos conseguiram, com o apoio da França, vencer os ingleses na batalha de Yorktown. A Inglaterra acabou por reconhecer a independência dos Estados Unidos da América pelo Tratado de Versalhes.

Em 1787, foi aprovada uma Constituição que garantia a liberdade e os direitos dos cidadãos, a separação dos poderes (legislativo, executivo e judicial), a soberania da Nação, expressa pelo voto do povo na eleição dos órgãos de poder executivo e legislativo, a separação entre a Igreja e o Estado.

A Constituição americana constituiu a primeira aplicação prática dos ideais iluministas de liberdade, igualdade e soberania da nação. Instituiu, também, os Estados Unidos da América como Estado Federal, ou seja, cada Estado tem uma relativa autonomia, mas delega no Estado central a defesa e os negócios estrangeiros.

Revolução Francesa

Contrariamente ao que se passava nos Estados Unidos da América, em que triunfavam os princípios das luzes de liberdade, igualdade, soberania popular e separação de poderes, em França assim como em outros países europeus, os poderes políticos continuavam concentrados no rei. A nível económico, as grandes propriedades continuavam na posse dos nobres e do clero, mantendo a antiga divisão da sociedade em Ordens. No topo da pirâmide, a burguesia, com

grande poder económico e elevado grau de cultura e, na base, os camponeses que constituíam a maioria da população e que continuavam sujeitos às obrigações feudais.

É em 1770 que a França entra numa grave crise a diferentes campos. Os maus anos agrícolas provocaram o aumento do preço dos cereais, a fome e conseqüentemente o surgimento de protesto e tumultos; a concorrência dos produtos manufaturados ingleses, de qualidade superior que os dos franceses, levou ao encerramento de muitas manufaturas, aumentando o desemprego e a descida dos salários; os elevados gastos da corte em bens de luxo e a concessão de pensões aos nobres cortesãos, bem como a dívida que a França contraía para fazer face à Guerra dos Sete Anos (1756-1763) e para apoiar a Guerra da Independência dos Estados Unidos levaram a que as despesas do Estado fossem superiores às receitas.

O descontentamento social era cada vez mais acentuado, principalmente nas classes populares obrigadas a sustentar as finanças públicas. Para aumentar as receitas, os ministros propuseram reformas fiscais que incluíam um novo imposto, abrangendo as três ordens sociais. Estas medidas foram prontamente recusadas pelo clero e pela nobreza. Perante a difícil situação que se vivia em França, o rei convocou os Estados Gerais, o que não acontecia desde 1614.

Aquando da reunião dos Estados Gerais, o terceiro estado opôs-se à tradicional votação por Ordens (cada Ordem um voto) e exigiu a votação por cabeça (cada deputado um voto). Esta proposta não foi aceite, uma vez que o terceiro estado representava cerca de metade dos representantes. É então que o terceiro estado se reúne em separado e proclamaram-se Assembleia Nacional, declarando que considerariam sem efeito qualquer novo imposto que não tivesse sido aprovado por esta Assembleia. Luís XVI foi obrigado a convocar os deputados do clero e da nobreza para integrar a Assembleia Nacional, uma vez que estes tinham jurado não se separar enquanto o rei não dotasse o Reino de uma Constituição. Esta proclamou-se Assembleia Nacional Constituinte, uma vez que o seu principal objetivo era elaborar a primeira Constituição francesa. Estava aberto o caminho para o fim do Absolutismo em França.

Entretanto, em Paris, a agitação popular contra as tropas de Luís XVI, culmina no assalto à fortaleza-prisão da Bastilha, símbolo do poder absoluto, e na libertação dos presos opositores do Absolutismo. Esta agitação popular alastra-se à província, tomando de assalto castelos e conventos, e exigindo a abolição de privilégios e rendas feudais. Aterrorizados, muitos elementos das Ordens privilegiadas abandonaram o País refugiando-se em países de monarquia absolutistas, conspirando contra a França revolucionária.

As medidas da Assembleia Constituinte passaram pela extinção dos títulos de nobreza e dos direitos senhoriais, nacionalização dos bens do clero, publicação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, aprovação da Constituição que aboliu o poder absoluto e fez da França uma Monarquia Constitucional. Convém ressaltar que, apesar de todas estas medidas revolucionárias, o direito à cidadania ainda era igual para todos; a eleição dos deputados para a Assembleia Legislativa foi feita por sufrágio censitário, sistema em que só os cidadãos com rendimentos superiores a determinadas quantias é que podiam ser eleitores e elegíveis. O direito ao voto continuava restringido aos mais ricos.

No entanto, apesar das conquistas alcançadas, os mais pobres, chamados de *sans-culottes*, continuavam a manifestar-se contra a fome e a miséria, bem como ao facto de lhes ser negado o direito ao voto.

A Prússia e a Áustria, receando o alastrar da revolução, preparavam-se para invadir a França, pelo que a Assembleia Legislativa lhes declarou guerra. Luís XVI foi feito prisioneiro, acusado de se aliar aos defensores do Absolutismo. Perante isto, a Assembleia Legislativa autossuspendeu-se e, foi eleita por sufrágio quase universal uma nova assembleia, a Convenção. Em 1792 a Convenção aboliu a Monarquia e proclamou a República, regime político em que o chefe da Nação é eleito por um determinado período através do voto dos cidadãos. O rei Luís XVI é morto na guilhotina por traição à pátria, levando a uma primeira invasão europeia contra a França revolucionária. A Convenção entregou o poder executivo a um Comité de Salvação Pública, dominado por Robespierre. Muitos foram os franceses condenados à guilhotina, por se oporem às suas medidas. Este radicalismo fez com que a própria burguesia deixasse de apoiar o Governo e começasse a conspirar para sua substituição. O período de terror termina com a morte de Robespierre na guilhotina.

Inicia-se então uma nova etapa da Revolução: a República Burguesa. Em 1795, foi aprovada uma nova Constituição, entregando o poder executivo a um Diretório constituído por cinco diretores. Institui-se novamente o voto censitário, passando a burguesia a dominar esta fase da Revolução. Os desentendimentos entre os membros do Diretório, a agitação social e as derrotas perante uma segunda coligação europeia, criaram uma situação de instabilidade. É neste contexto que o general Napoleão Bonaparte tomou o poder através de um golpe de estado. O poder executivo foi entregue a três cônsules. Napoleão foi-se apoderando progressivamente do poder, tornando-se o primeiro-cônsul vitalício e depois imperador dos franceses. Como imperador desenvolveu e modernizou a França. Externamente procurou dominar a Europa

através de uma política expansionista. Em 1814, a França foi invadida pelos exércitos de uma nova coligação europeia. No Congresso de Viena, os países vencedores estabeleceram um novo mapa político da Europa.

Apesar dos seus excessos (perseguições, mortes, guerras), a mensagem e o impacto da Revolução Francesa foram universais. Constituiu um grito de liberdade, igualdade e fraternidade que se repercutiu por toda a Europa e pela América Latina, originando uma onda de lutas pela liberdade e independência. Napoleão Bonaparte e os seus exércitos levaram a guerra a toda a Europa, mas contribuíram também para divulgar os ideais revolucionários, que conduziram a profundas mudanças sociais e políticas em países como Portugal.

Revolução Liberal Portuguesa

Os antecedentes e o movimento revolucionário de 1820

Sentindo-se ameaçados pela Revolução Francesa, alguns reis absolutos europeus declaram guerra à França. No entanto, o exército de Napoleão Bonaparte acabou por vencê-los, à exceção da Inglaterra, que conseguiu manter a sua resistência ao exército napoleónico. Com o intuito de isolar e destruir o comércio inglês, Napoleão ordenou (1808) aos países europeus que encerrassem os portos aos navios Ingleses (Bloqueio Continental). Inicialmente, Portugal resistiu a esta imposição de Napoleão, devido à aliança existente entre Portugal e a Inglaterra e pelas trocas comerciais existentes entre os dois países. No entanto, em Setembro de 2007 Portugal acaba por aderir ao Bloqueio Internacional, sendo ordenado a saída definitiva dos navios ingleses dos portos portugueses em Outubro.

Apesar da cedência portuguesa, Napoleão já havia ordenado ao general Junot a invasão de Portugal. Apoiada pela Espanha através do tratado de Fontainebleau, assinado a 27 de Outubro, instituiu o apoio espanhol à invasão, conquista e partilha do território português. Perante o perigo eminente, o príncipe regente D. João retira-se com a sua família e a corte para o Brasil, ficando o país a ser governado por 5 governadores nomeados por D. João.

Com a invasão a Portugal, Junot facilmente tomou conta do governo, extinguindo a Regência. No entanto, a violência e os roubos dos militares franceses levaram à revolta popular dos portugueses, que rapidamente se alastrou a todo o país. A Inglaterra, para impedir o projeto expansionista francês, enviou militares comandados por Wellesley para apoiar a revolta

portuguesa, provocando a derrota do exército francês, que após a assinatura da Convenção de Sintra (1808) abandonaram o país.

Apesar da derrota, Napoleão insistiu na tentativa de conquista de Portugal, lançando uma nova invasão comandada por Soult que ocupou o Porto. No entanto, a aliança anglo-portuguesa obrigou os franceses a retirarem-se para a região da Galiza. Em 1810 foi lançada uma nova invasão, comandada por Massena, que apesar de derrotada no Buçaco, continuou a progredir até Lisboa, sendo detida nas linhas de Torres Vedras. As linhas de Torres Vedras constituíram-se como um conjunto de fortificação, mandadas construir por Wellington, que tinham por objetivo impedir a progressão até Lisboa do exército francês. Em 1811, o exército francês retirou-se definitivamente de Portugal, deixando no entanto o nosso país em grandes dificuldades económicas.

Com a saída das forças francesas do território português, o governo do reino foi assegurado por uma regência comandada pelo general Inglês Beresford, que foi encarregado de organizar a defesa do país, enquanto a rainha, o regente (D. João IV) e a corte permaneciam no Brasil (Rio de Janeiro). A governação inglesa estava a ser prejudicial para Portugal, uma vez que, os ingleses defendiam muito mais os seus direitos que os dos portugueses. Em 1808, foram abertos os portos brasileiros ao comércio internacional, terminando assim, o exclusivo colonial da Metrópole. Em 1810, esta situação de prejuízo para Portugal agravou-se com o acordo estabelecido entre Portugal e a Inglaterra, que faz baixar as taxas alfandegárias sobre os produtos ingleses vendidos no Brasil. Esta concorrência dos produtos ingleses aos produtos portugueses, prejudicaram a indústria e o comércio português, beneficiando essencialmente o Brasil e a Inglaterra.

O descontentamento ia-se generalizando por todo o país face a este problema económico, financeiro e governativo. A par deste descontentamento, os ideais liberais iam sendo difundidos e conquistando cada vez mais adeptos. Em 1807, o general Gomes Freire de Andrade foi condenado à morte, quando uma conspiração por si liderada foi descoberta. No entanto, no ano seguinte formou-se no Porto um grupo revolucionário designado por Sinédrio, chefiado por Manuel Fernandes Tomás.

No dia 24 de Agosto de 1820, alguns grupos revoltaram-se no Porto, alastrando-se esta revolta a Lisboa. Da união entre os revoltosos do Porto com os de Lisboa a 1 de Outubro, se dá o triunfo da Revolta Liberal. Com a revolução Liberal, os ingleses foram afastados da função

política e militar, sendo formada uma Junta Provisional, responsável pelas primeiras eleições para deputados às Cortes Constituintes.

As Cortes Constituintes rapidamente exigiram o retorno de D. João VI a Portugal e colocaram em prática os ideais que estavam por trás das revoluções liberais, pondo fim ao Antigo Regime. Para tal, foram abolidos os privilégios senhoriais, a censura e a inquisição, sendo nacionalizados os bens da Coroa.

Em 1822, foi aprovada a primeira constituição que consagrava como princípios fundamentais os direitos, deveres, liberdades e garantias dos portugueses; soberania da Nação; separação dos poderes.

O rei D. João VI jurou cumprir a constituição, sendo substituída a monarquia absoluta, pela Monarquia Constitucional ou Liberal.

A Independência do Brasil

O estabelecimento da corte portuguesa no Brasil, fez com que este território tivesse alcançado grande desenvolvimento e autonomia face a Portugal. Muitos foram os fatores que contribuíram para que estas alterações se verificassem, nomeadamente a abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional. Isto permitiu estabelecer laços comerciais com outros países e possibilitou, sobretudo, o alcance de autonomia face a Portugal, com o fim do exclusivo comercial. Com o desenvolvimento das atividades comerciais, surgiu no Brasil uma burguesia cada vez mais independente, afastada de Portugal e com um poder financeiro crescente. Com a criação de um Reino Unido de Portugal em (1815), composto por Portugal, Brasil e Algarve, o Brasil conseguiu libertar-se do estatuto de colónia, sendo o Rio de Janeiro a cidade sede provisória do governo. Este foi um período de grande desenvolvimento para o Brasil, em que se verificaram diversos investimentos públicos, como a construção de escolas, hospitais, estradas e bibliotecas. Para além destes investimentos públicos, também se verificou um grande desenvolvimento económico/financeiro, com a criação do primeiro banco brasileiro e criação da junta de Comércio Agrícola e Navegação e a concessão da livre criação de qualquer indústria. A criação destes organismos possibilita o aumento e melhoria das atividades económicas e empresariais. Com a Revolução Liberal portuguesa de 1820, foi ordenado ao Brasil que regressasse à condição de colónia, através da Constituição saída das Cortes Constituintes, assim

como a ordenação para o regresso de D. Pedro a Portugal. A estas imposições de Portugal, D. Pedro reagiu proclamando a Independência do Brasil.

O período de mudança do regime absolutista para o regime Liberal em Portugal estava a ser muito conturbado, porque muitos portugueses defendiam o regresso do poder absoluto para o país. Estes portugueses promoveram algumas revoltas e golpes de estado contra a Monarquia Constitucional. Quando em 1826 D. João VI morreu, a situação agravou-se. O príncipe herdeiro da coroa Portuguesa (D. Pedro IV) era ao momento Imperador do Brasil, o que impossibilitava a sua ocupação do trono português. Dada esta impossibilidade, o príncipe herdeiro optou por adotar uma solução de compromisso, tendo abdicado da coroa em favor de sua filha D. Maria da Glória, com sete anos de idade, e entregar a regência do País a seu irmão D. Miguel, com o seu compromisso de casamento com sua filha, e governar de acordo com a Carta Constitucional, outorgada por D. Pedro IV em 1826. De acordo com esta Carta Constitucional, o rei acumularia o poder executivo com o poder moderador, dando-lhe o direito de veto sobre as decisões das cortes.

D. Miguel que vivia exilado na Áustria, aceitou as condições impostas e regressou a Portugal para assumir a regência do País. Apesar de ter jurado a Carta Constitucional, D. Miguel convocou as cortes à maneira antiga, tendo aí sido proclamado rei Absoluto. Viveu-se entretanto um período de perseguições, condenação à prisão e à morte de muitos Liberais. Alguns deles partiram para o exílio no estrangeiro e para a ilha Terceira no Açores, que se manteve fiel à Carta Constitucional.

Em 1831, D. Pedro IV abdicou do trono do Brasil em favor de seu filho e assumiu a regência de Portugal, em nome de sua filha. Com o apoio da França e da Inglaterra, D. Pedro IV dirigiu-se aos Açores para aí constituir um exército Liberal com o objetivo de combater D. Miguel, e voltar a instituir em Portugal uma Monarquia Constitucional. O desembarque desse exército ocorreu a Norte, para logo de seguida ocupar a cidade do Porto, em 1832. D. Miguel rapidamente cercou a cidade, tendo-se desenvolvido algumas batalhas por todo o país, que acabaram por derrotar o exército de D. Miguel. Em 1834 é assinada a Concessão de Évora-Monte que pôs fim à Guerra Civil e ordenou o exílio a D. Miguel, ficando a partir daqui imposto definitivamente o Liberalismo em Portugal.

Ao longo das aulas foram trabalhados conceitos importantes relacionados com os temas em causa, a saber: Iluminismo, Revolução Científica, Método Experimental, Revolução Agrícola,

Enclosure, Saldo fisiológico, Revolução Industrial, Maquinofatura, Constituição, Estado Federal, Monarquia Constitucional, Sufrágio Eleitoral, Sufrágio censitário, Cidadania, Revolução Burguesa, República, Cortes Constituintes, Liberalismo, Carta Constitucional.

3.4 – PROCEDIMENTOS DO PROJETO NAS AULAS DE HISTÓRIA

A implementação do projeto nas aulas de História ocorreu nos dias 5, 12 e 16 de Março, 16, 20 e 23 de Abril e 7 de Maio, com sete aulas no total, divididas entre aulas de 90 e 45 minutos. O período de atividade do blogue de História estendeu-se um pouco mais no tempo. Estando nós a lecionar no 3º ciclo do ensino básico, tivemos de incluir nas nossas planificações, aulas mais curtas de 45 minutos, comparativamente às de 90 minutos, lecionadas no ensino secundário. Tal como foi explicado aos alunos, todas as aulas lecionadas seriam integralmente *postadas* no blogue fazendo-se sempre acompanhar por uma proposta de trabalho que todos os alunos teriam de responder e enviar para a professora investigadora, como forma de consolidar os conteúdos. Ou seja, depois de debatidos e explorados todos os temas em contexto de sala de aula, todos os alunos deveriam ser capazes de, individualmente, construir o seu próprio conhecimento, estando a aprendizagem centrada no aluno em interação.

No que diz respeito ao modelo de aula, este projeto seguiu então as orientações teóricas de Barca (2004). No modelo de aula-oficina, esta autora defende “o aluno como agente da sua formação com ideias prévias e experiências diversas; o professor, investigador social e organizador de atividades problematizadoras” (Barca, 2004, p. 131-144). O modelo de aula-oficina coloca o aluno no centro das atenções da atividade educativa, contrariamente ao modelo de aula conferência e até mesmo ao modelo de aula-colóquio.

Foram estas propostas de trabalho que serviram de base à análise conceptual. No que diz respeito à análise conceptual de História, esta foi feita a partir de uma das propostas de trabalho postada no blogue, como veremos mais à frente (capítulo IV).

Atividades em aula

Na primeira aula (5 de Março de 2012) foi lecionado o “Iluminismo na Europa ” (Anexo III). A aula teve início com o levantamento das ideias prévias dos alunos através da colocação de uma questão introdutória: “*Paris, Cidade das Luzes. Porquê?*”. Através desta questão,

pretendíamos despertar a atenção dos alunos e realizar um levantamento das suas conceções prévias relativamente ao Iluminismo, antes de ser lecionado o subtema “A cultura e o Iluminismo em Portugal face à Europa”. Após este primeiro momento, os alunos visualizaram um vídeo, onde o principal objetivo era, partindo das ideias dos alunos, direcioná-los para conteúdos científicos. Através deste momento interativo entre professor/alunos, pretendia-se que os alunos construíssem o seu próprio conhecimento e que assim, desenvolvessem as competências históricas pretendidas (Temporalidade, Espacialidade e Contextualização). Com o objetivo de consolidar os conteúdos abordados, os alunos realizaram uma proposta de trabalho em grupos de pares, promovendo a sua troca de ideias. Como síntese da aula, analisou-se um esquema e, em diálogo, foi-se sistematizando ideias e retirando dúvidas.

Concluída a aula, esta foi integralmente *postada* no blogue de turma.

Na segunda aula, dia 12 de Março, demos início ao subtema “A Revolução Agrícola e o arranque da Revolução Industrial”, pertencente ao tema “O Arranque da Revolução Industrial e o Triunfo das Revoluções Liberais” (Anexo IV). Tendo como principal objetivo o levantamento das ideias dos alunos, a professora investigadora, antes de dar início ao desenvolvimento do tema propriamente dito, projetou no quadro um conjunto de imagens relacionadas com a agricultura. De um modo geral, a maior parte dos alunos conseguiu fazer uma identificação válida das imagens, bem como a respetiva explicação do modo de utilização. Averiguadas que estavam as ideias prévias dos alunos, a professora investigadora, continuando em diálogo com os mesmos, foi abordando cuidadosamente o tema em causa, construindo assim um diálogo horizontal e vertical, capaz de os ajudar a construir o seu próprio conhecimento. Posto isto, a professora propôs que em grupo de pares, os alunos elaborassem uma proposta de trabalho, possibilitando assim a troca de ideias entre os colegas.

Concluída mais uma aula, a professora investigadora publicou na íntegra todos os conteúdos abordados, possibilitando um acesso rápido e simples por parte dos alunos.

Na terceira aula, dia 16 de Março, foi lecionada a “Revolução Francesa”, tendo os alunos visionado um pequeno vídeo sobre esta (Anexo V). Antes de iniciarem a visualização, a professora investigadora solicitou que, individualmente, cada aluno registasse no caderno diário os aspetos mais relevantes dos conteúdos apresentados. Com este momento, pretendemos despertar os alunos para o tema, bem como perceber o tipo de análise e observação que estes efetuaram do vídeo. O momento seguinte consistiu num momento de interação professor aluno, onde foi feita a contextualização do tema e onde os alunos puderam expor as suas ideias,

esclarecer as suas dúvidas, de forma a desenvolverem um pensamento mais sofisticado e construindo um conhecimento histórico. Como consolidação dos conteúdos abordados, os alunos realizaram em grupo de pares uma proposta de trabalho, do caderno de atividades.

Concluída mais uma aula, a professora investigadora postou no blogue de turma “*aquihahistoria*” a aula, para que todos pudessem ter acesso ao que foi lecionado, bem como realizar a proposta de trabalho que acompanha todas as aulas.

A quarta aula, por questões relacionadas com o calendário escolar, teve lugar a 16 de Abril de 2012. A aula teve início com a leção das Revoluções Liberais (Anexo VI) utilizando para tal, o Filme “O Patriota”⁴. Começou-se por projetar o trailer deste filme, com o objetivo de motivar os alunos, suscitando uma breve reflexão sobre o tema a ser abordado. Com a visualização deste trailer pretendemos que os alunos fossem capazes de perceber os principais fundamentos do tema em questão e, que fossem capazes de apresenta-los à turma.

Num momento de interação entre professora alunos, o tema foi debatido e as dúvidas foram sendo esclarecidas através da projeção de um vídeo/documentário alusivo à Revolução Americana. À medida que foi sendo projetado o documentário, foram esclarecidos os conteúdos e colocadas algumas questões, de forma a levar os alunos a esclarecerem as suas próprias dúvidas. Concluído este momento de interação, os alunos realizaram uma proposta de trabalho em grupo de pares. Uma vez mais, a professora colocou a aula no blogue acompanhada por uma ficha de trabalho.

A quinta aula teve lugar a 20 de Abril de 2012 (Anexo VII). Planeada para 45 minutos, esta aula deu seguimento ao assunto iniciado na aula anterior. Mobilizando os conhecimentos da aula anterior, a professora começou por fazer um ponto de situação, promovendo um momento de discussão entre os alunos. Tendo em conta os 45 minutos, a professora investigadora

⁴ Um filme de Roland Emmerich tem como protagonista Benjamin Martin, interpretado pelo ator Mel Gibson. Benjamin Martin é um herói do conflito entre os Estados Unidos e os britânicos. Viúvo e com sete filhos, desde o término da guerra ele renunciou a luta e resolve viver em paz numa fazenda com sua família. Em 1775 inicia-se a guerra que pode dar à independência política aos Estados Unidos da América e ele é chamado para combater, porém recusa-se a fazê-lo. Entretanto, quando o exército britânico invade sua fazenda e mata um de seus filhos, Martin muda de atitude e apresenta-se para combater em busca da vingança pela morte de seu filho e liderar uma brava rebelião numa batalha contra o implacável e equipado exército britânico. No decorrer dos combates, a guerra torna-se mais do que uma vingança para ele, torna-se um dever patriótico.

reservou esta aula para a discussão de ideias, esclarecimento das dúvidas dos alunos, organizando e estruturando o conhecimento dos mesmos.

Na sexta aula, em 23 de Abril de 2012 (Anexo VIII), uma aula de 90 minutos, com o objetivo de concluir o tema das Revoluções Liberais iniciado nas aulas anteriores a professora, em conjunto com os alunos, elaborou um esquema síntese no quadro. No momento seguinte da aula, os alunos visualizaram um vídeo relativo ao Bloqueio Continental e fuga da família real e respetiva Corte. Este momento constituiu num momento de interação entre professor/aluno, onde foi feita a introdução e respetiva contextualização do tema. Com este momento de interação entre professor aluno, pretendeu-se uma abordagem mais aprofundada, para que os alunos pudessem expor as suas dúvidas e a professora as pudesse esclarecer. O último momento da aula consistiu na realização da ficha de trabalho nº22 do caderno de atividades, tendo como principal objetivo a consolidação de conhecimentos e esclarecimento de dúvidas.

Na sétima aula, no dia 7 de Maio de 2012 (Anexo IX), a professora investigadora promoveu a realização de um diálogo entre professor e alunos, com o objetivo de avaliar os conhecimentos adquiridos na aula anterior e de estabelecer uma ponte com os conteúdos já abordados. Situados no tempo e no espaço, os alunos visualizaram uma apresentação em powerpoint, podendo debater com o professor alguns aspetos menos perceptíveis. Esta apresentação foi composta, para além de outros elementos, por documentos escritos e iconográficos. Mediados pela professora investigadora, os alunos realizaram a análise dos respetivos documentos, exercitando assim a capacidade de análise de fontes, tanto escritos, como iconográficos, tendo este momento consistido num momento de interação. Como conclusão da aula os alunos, em conjunto com a professora, realizaram a análise de esquema síntese do manual escolar

Atividades no Blogue

No blogue os alunos encontraram, para além de todas as aulas, uma proposta de trabalho que deveria ser realizada individualmente por cada um e enviada para a professora investigadora.

As propostas de trabalho, colocadas no fim de cada aula, serviram como estratégia para levar os alunos a fazerem uma utilização regular do blogue. No entanto, e contrariamente ao que verificamos em Geografia, em que os alunos se limitavam a fazer as propostas de trabalho sem

terem qualquer outro tipo de participação no blogue, como veremos no capítulo V, os alunos de História revelaram um tipo de participação um pouco mais ativa.

Na figura que se segue (figura 2), podemos ver um exemplo disso mesmo, em que um aluno expressa de forma aceitável um comentário ao “Arranque da Revolução Industrial”:



Figura 2 – Comentário de um aluno de História postado no blogue

Fonte: Blogue de História

Um aspeto importante e que não pudemos deixar de realçar, foi o facto de termos registado o comentário de uma aluna de uma outra escola, que estando provavelmente a estudar o mesmo tema, não quis deixar de dar o seu contributo no blogue. Isto veio uma vez mais comprovar o verdadeiro alcance desta ferramenta, como veículo difusor de informação, capaz de ultrapassar as barreiras físicas existentes.

Este comentário foi deixado por aluna da Escola Secundária Carlos Amarante, também pertencente ao distrito de Braga:

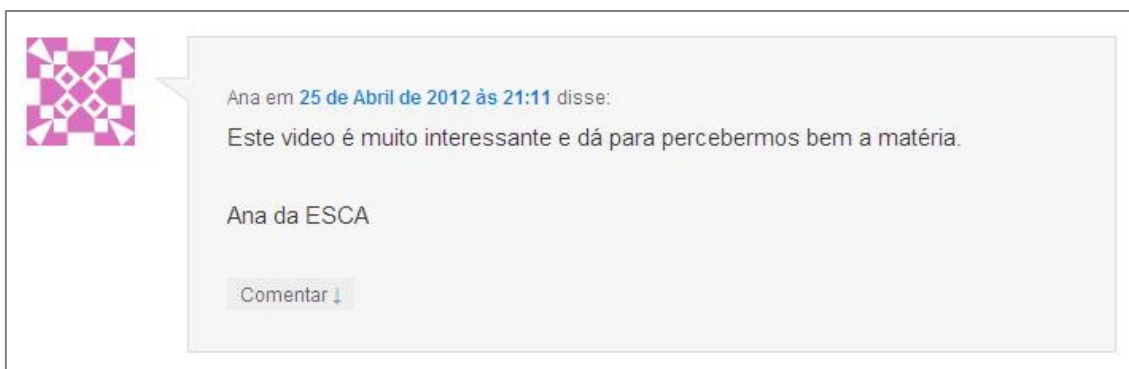


Figura 3 – Comentário de um aluno de outra escola postado no blogue de História

Fonte: Blogue de História

À medida que os temas eram abordados nas aulas e publicados no blogue, houve uma constante preocupação por parte da professora investigadora em promover a participação dos alunos, com o intuito de cada aluno colocar o seu comentário, podendo também ler, comentar e criticar os comentários dos restantes colegas, consolidando assim os seus próprios conhecimentos, bem como o exercício da escrita e da capacidade de debate.

Aos poucos fomos assistindo a um crescendo na participação por parte dos alunos, podendo mesmo admitir que conseguimos implementar hábitos de trabalho *online*. No exemplo abaixo, podemos verificar a preocupação de um aluno em saber qual a atividade proposta pela professora investigadora. Este tipo de questão revela alguma preocupação com o trabalho por parte do aluno:



Figura 4 – Participação de um aluno no blogue de turma

Fonte: Blogue de História

No que diz respeito aos comentários/críticas em relação às posições dos colegas, os alunos evidenciaram grandes dificuldades em fazê-lo, chegando mesmo a não se registar nenhum tipo de comentário/crítica entre colegas de turma.

Tentamos justificar tal facto pelo reduzido hábito de argumentação destes alunos, acrescida pela própria inibição em criticar o colega de turma, havendo mesmo falta de hábito de atividades em diálogo horizontal.

Em nosso entender, esta ausência de interação no blogue, entre colegas, não foi sinónimo de desinteresse por parte dos alunos, nem tão pouco sinal de fracasso desta ferramenta de aprendizagem, mas sim revelador da falta de hábito por parte destes alunos em desenvolver a capacidade de argumentação, de reflexão, para além da franca inibição em partilhar as suas opiniões com os colegas de turma. Apesar de não ter constituído um espaço de interação dos alunos entre si, este consistiu, no entanto, num espaço de partilha e de reflexão dos temas para serem debatidos em contexto de sala de aula.

Comprovamos desta forma, o importante contributo deste recurso no processo de ensino e aprendizagem, dinamizando e enriquecendo as aulas de História. Contudo não podemos deixar de constatar que o blogue é ainda tido como uma ferramenta inibidora no que diz respeito à exposição individual de cada uma das opiniões, por parte dos alunos. A introdução de ferramentas como o blogue no processo de ensino e aprendizagem carece ainda, em nosso entender, de um período de adaptação mais alargado e mais generalizado a outras disciplinas.

Reforçando um pouco mais esta questão, salientamos o facto de que todas as propostas de trabalho *postadas* no blogue eram feitas individualmente e fora das barreiras físicas da sala de aula, tendo à exceção de uma aluna, todos os alunos enviado para a professora investigadora as suas respostas, cumprindo desta forma com os seus deveres. Apenas as propostas de trabalho desenvolvidas em contexto de sala de aula é que eram feitas em grupos de pares.

Todo este processo foi cuidadosamente acompanhado pela professora investigadora, de forma a perceber o tipo de adesão e reação por parte dos alunos ao blogue, registando as reações e comentários que os alunos iam tecendo presencialmente. Durante as aulas e de forma oportuna, a professora investigadora fez sempre referência a questões *postadas* no blogue, com o objetivo de estimular a consulta do mesmo.

Para além deste acompanhamento constante do blogue, a professora investigadora procurou também fazer uma monitorização da aprendizagem perante esta ferramenta. Para isso, *postou* no blogue um questionário em formato digital, constituído por 17 questões (Anexo X), a que todos os alunos responderam individualmente e enviaram as suas respostas. No que à forma deste questionário diz respeito, utilizamos vários tipos de questões, tais como: questões

fechadas, sendo que dentro desta categoria utilizamos oito questões de resposta única, três de escolha múltipla, solicitando que escolhessem apenas a resposta com que mais se identificassem; quatro questões de escala de intensidade e duas questões abertas.

No subcapítulo do capítulo IV relativo à monitorização da aprendizagem, efetuaremos o tratamento estatístico deste questionário. Cumpre-nos apenas referir que as questões relativas ao sexo, idade, computador em casa e ligação à internet, não foram aqui alvo de tratamento uma vez que já tinha sido feito no subcapítulo 3.1, através do Plano Curricular de Turma (PCT).

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE DADOS

UTILIZAÇÃO DO BLOGUE EM HISTÓRIA: ANÁLISE CONCEPTUAL DAS RESPOSTAS DOS ALUNOS

Com o objetivo de avançar um pouco em relação aos estudos que até agora se têm desenvolvido, que envolvem a criação e respetiva aplicação de um blogue em contexto sala de aula, ou seja, no contexto educacional, quisemos avaliar o nosso Projeto numa outra vertente, que não seja apenas a vertente comportamental. Da inúmera bibliografia consultada, apenas encontramos projetos de investigação em que é avaliada e estudada esta vertente comportamental dos alunos, perante esta ferramenta de aprendizagem. Apercebendo-nos dessa lacuna e, de certa forma, apercebendo-nos que também o nosso Projeto poderia ir nesse sentido, tentamos reverter esta situação e, fazendo uso das propostas de trabalho que acompanhavam as aulas postadas no blogue, quisemos analisar os resultados numa vertente conceptual. Perspetivado inicialmente como um projeto de carácter comportamental, foi ao longo do percurso que nos apercebemos da necessidade de inovar e de trazer algo mais conceptual.

É neste sentido que nos propomos analisar conceptualmente as respostas dos alunos, a uma das propostas de trabalho (Anexo XI) postada no blogue. Deste conjunto de propostas de trabalho desenvolvidas pelos alunos através do blogue, propomo-nos analisar, para a disciplina de História, a relativa ao conteúdo “Revolução científica na Europa e a permanência da tradição; O nascimento do método experimental”.

A presente proposta de trabalho tinha como principal objetivo a observação e interpretação de fontes. A análise dos dados obtidos foi categorizada em duas grandes categorias, subdivididas em dois níveis cada uma:

Categoria A – relativa a uma inferência a partir da documentação fornecida

Categoria B – relativa à interpretação da mensagem do autor

A **classe A** foi direcionada para a análise de respostas à questão:

1.1 - Justifica com base na cronologia, a afirmação “os séculos XVII e XVIII são considerados um período de revolução

Esta classe A tem como principal objetivo analisar o nível de inferência a partir da documentação fornecida. Isto é, com esta primeira questão pretendemos perceber que tipo de inferência é que os alunos fazem, com base na informação que lhes foi fornecida, bem como aquilo que eles consideram como mais relevante. Esta classe subdivide-se em dois níveis – **Simples e Histórico**.

No nível **Simples**, inserem-se respostas dos alunos que apresentam uma inferência simples, com um discurso com algumas imprecisões. Os alunos limitam-se a enumerar os elementos identificados na documentação fornecida. As respostas à questão 1.1 são exemplo disso:

- *Porque nos séculos XVII e XVIII houve várias descobertas e invenções.* (Bruno)
- *Foi um período onde os cientistas começaram a inventar.* (Francisca)
- *Estes séculos foram um período de revolução científica porque houve uma explosão de ideias.* (Tiago)
- *Inventou-se o microscópio, o termómetro, a luneta astronómica, descobriu-se a circulação do sangue, a máquina a vapor, a máquina de calcular, o relógio de pêndulo, a marmita de vapor, entre outras.* (Pedro)

No nível **Histórico**, inserem-se as respostas que conseguem inferir a partir da documentação, relacionando-a com o contexto histórico, bem como com os conhecimentos adquiridos. Consideramos também respostas que apresentem um discurso mais elaborado, evidenciando uma preocupação pela construção de uma narrativa histórica. Exemplos disso são as seguintes respostas:

- *O espírito crítico do homem e a sua curiosidade levaram-no a querer conhecer o origem e o funcionamento de tudo o que o rodeava. Foi esse espírito de curiosidade apoiado pela observação e pela experiência que se assistisse na Europa a um desenvolvimento científico de tão grandes dimensões que é considerado uma revolução científica.* (João)
- *O espírito de curiosidade apoiada pela descoberta e pela experiência possibilitou que nos séculos XVII e XVIII houvesse, na Europa um desenvolvimento científico, chamando-se Revolução científica.* (Rodolfo)

- Os séculos XVII e XVIII são considerados um período de revolução científica porque assistiu-se ao aparecimento de um elevado número de novas descobertas científicas aplicadas às diferentes áreas de conhecimento. (Isabel)

- Porque a partir do século XVII houve um grande número de invenções que transformaram o modo de vida das pessoas e formularam novas maneiras de pensar, daí a frase “olhar, experimentar e questionar”. (Marco)

Analisando as respostas a esta primeira pergunta, concluímos que de um modo geral os alunos foram capazes de inferir e desenvolver uma narrativa histórica, a partir da documentação fornecida. Como podemos verificar no gráfico 3 a maioria dos alunos não se limitou a uma observação simplista de senso comum, mas sim a uma preocupação em relacionar os elementos observados com o contexto histórico.

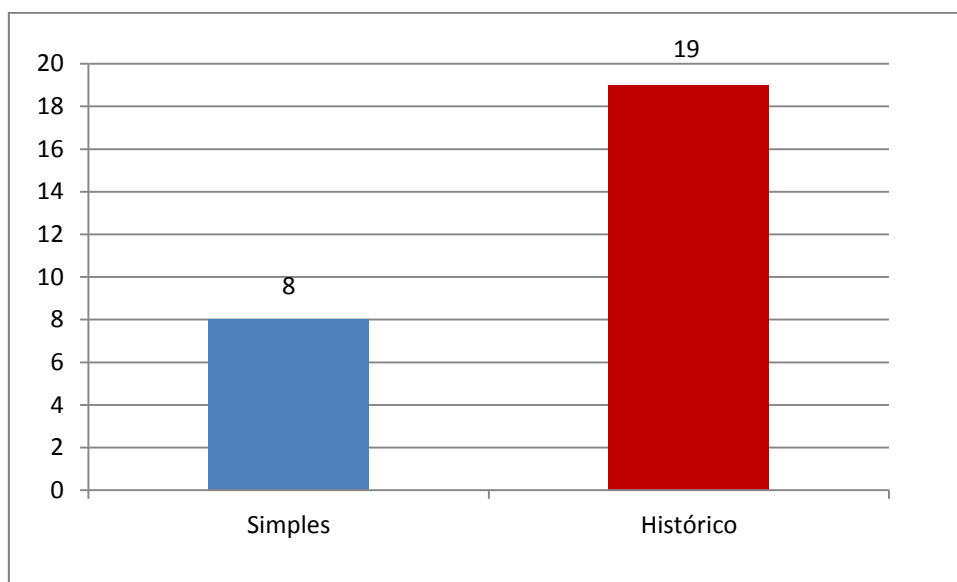


Gráfico 3 – Frequência de respostas dos alunos de inferência Simples e Histórico

Fonte: Elaboração própria

Na **classe B** categorizamos as respostas sobre interpretação da mensagem do autor. Nesta classe englobamos as respostas a duas questões, sendo elas:

1.2 – Com base no documento 4 identifica que tipo de conhecimento defende o autor.

1.3 – Refere se os cientistas representados nos documentos 2 e 3 terão seguido as ideias defendidas pelo autor do documento 4.

Esta segunda classe pressupõe um tipo de resposta mais elaborada, na medida em que pretendemos que os alunos sejam capazes de interpretar a intenção do autor, relacionando-a com os conhecimentos adquiridos. Subdividimos esta classe também em dois níveis – **Desajustada e Contextualizada**.

O Nível **Interpretação Desajustada** aplica-se a respostas em que é evidente a transcrição do documento, ou ausência de uma narrativa histórica, bem como respostas que demonstraram uma má interpretação do documento. As respostas que se seguem são exemplo disso mesmo:

1.2 - Devemo-nos expressar e dizer o que achamos, mas com ideias claras e que nos mostrem que temos direito para nos expressarmos e também devemos experimentar.

(Tiago)

1.2 - A precipitação e as conclusões apressadas. (Pedro)

1.2.- Liberdade de expressão. Antigamente não havia liberdade. (Rui)

1.3 - São as ideias defendidas pelo autor do documento 4. (Tiago)

1.3 - Liberdade de ter novas ideias, devemos questionar, procurar as respostas correctas. (Francisca)

1.3 - Sim, pois eles observam, questionam e testam pelo método experimental. (Pedro)

O Nível **Interpretação Contextualizada** aplica-se a respostas em que é evidente o desenvolvimento de uma narrativa histórica, uma interpretação adequada do documento e uma preocupação em relacionar o que o documento refere com os conhecimentos já adquiridos. As respostas que se seguem demonstram isso mesmo:

1.2 - O autor do documento 4 defende o método experimental ou científico, partindo da dúvida metódica, o cientista devia começar por duvidar de tudo o que não fosse evidente e racional. (Patrícia)

1.2 - Tendo como base o princípio de que nada podia ser considerado como verdadeiro sem ser confirmado pela razão e pela experiência, surgiu um novo método chamada método experimental ou científico. (João)

1.2 - O autor do documento 4 defende o método experimental ou científico pois partindo da dúvida metódica, o cientista devia começar por duvidar de tudo o que não fosse evidente. Para atingir o conhecimento, repetindo as experiências até à obtenção de um conhecimento verdadeiro. (Rodolfo)

1.3 - Sim, na medida em que observaram, duvidaram, experimentaram, repetiram até chegar a um conhecimento verdadeiro. Começando pela observação dos factos, levantava-se um problema e formulava-se uma hipótese de explicação do mesmo, fazia-se a experimentação dessa hipótese que ao ser confirmada se transformava em lei científica. (João)

1.3 - Sim, eles seguiram o método experimental. O cientista devia começar por duvidar de tudo o que não fosse evidente e racional para atingir o conhecimento ia repetindo experiências até à obtenção de um conhecimento verdadeiro. (Marco)

1.3 - Sim, porque os cientistas usam o conhecimento experimental para chegar às conclusões e não acreditam apenas no que os outros dizem. Eles questionam, observam, testam até à sua resposta. (Isabel)

Analisando estas duas questões relativamente à interpretação da documentação fornecida, podemos concluir que também aqui se registou uma maior frequência de respostas desenvolvidas e elaboradas, sendo categorizadas como Interpretação Contextualizada, em detrimento de uma Interpretação Desajustada. Podemos verificar este facto no gráfico 4, relativo à frequência de respostas dos alunos ao nível da interpretação.

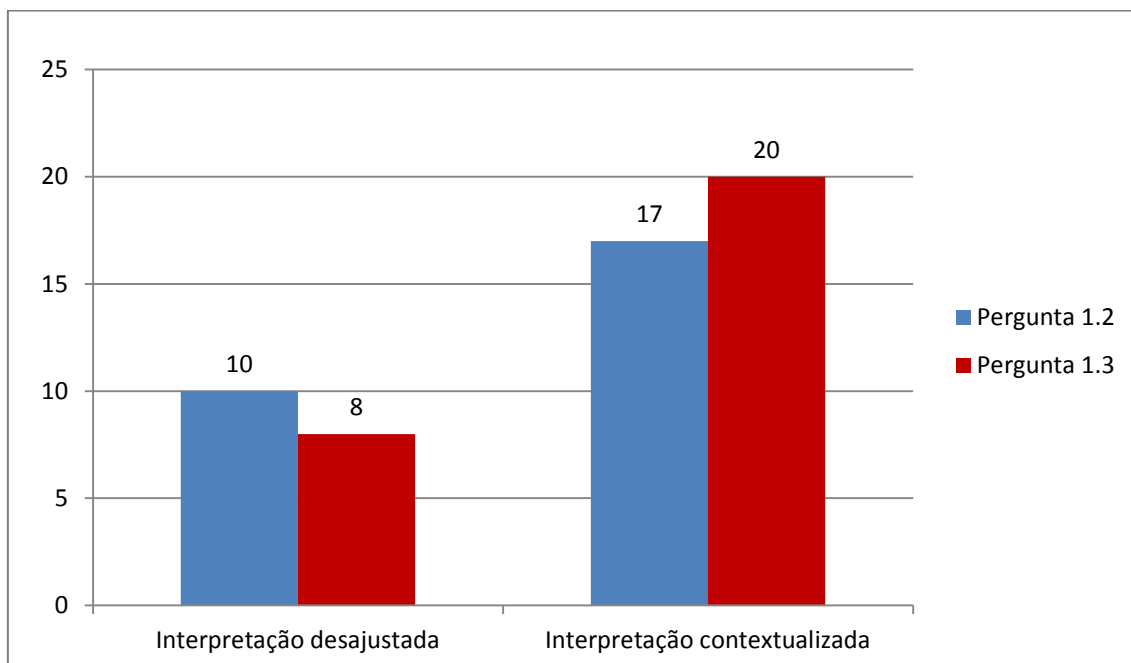


Gráfico 4 – Frequência de respostas dos alunos ao nível da interpretação

Fonte: Elaboração própria

Apesar de termos registado um maior número de respostas categorizadas como interpretação contextualizada que denunciam uma capacidade de interpretação já bastante elaborada, coerente e consistente, não podemos deixar de referir, o facto destes, alunos evidenciarem algumas dificuldades ao nível da construção frásica.

MONITORIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Concluída a aplicação deste Projeto nas aulas de História, a professora investigadora publicou no blogue um inquérito de “avaliação global” do projeto pelos alunos, com objetivos de monitorização da aprendizagem e da utilidade do blogue. De uma forma geral, os alunos reagiram de forma bastante positiva em relação ao recurso e às estratégias desenvolvidas a partir da sala de aula. As opiniões foram francamente favoráveis, considerando o blogue uma mais-valia na aprendizagem da disciplina de História.

Antes de darmos início ao tratamento de dados propriamente dito relativos ao inquérito postado no blogue, quisemos tirar partido das potencialidades do software escolhido (*Wordpress*). Transformada em gráfico a informação registada pelo software, pudemos facilmente fazer uma leitura rápida e simples, percecionando assim os resultados obtidos. Convém, no entanto, alertar para o facto deste registo não pertencer apenas ao número de acessos ao blogue por parte dos alunos, mas sim de um registo total de todos os acessos, que incluíram visitas de vários continentes. Importa referir que se conseguiu fazer um acompanhamento diário do número de acessos feitos, possibilitando uma monitorização quase em tempo real. Através deste histórico, a professora investigadora conseguiu aferir da importância e do interesse que os conteúdos disponibilizados iam tendo aula após aula, bem como da recetividade que os mesmos iam tendo, ao longo da implementação do projeto.

O gráfico 5 representa a frequência de acessos feitos ao longo da implementação do Projeto em História (antes, durante e após).

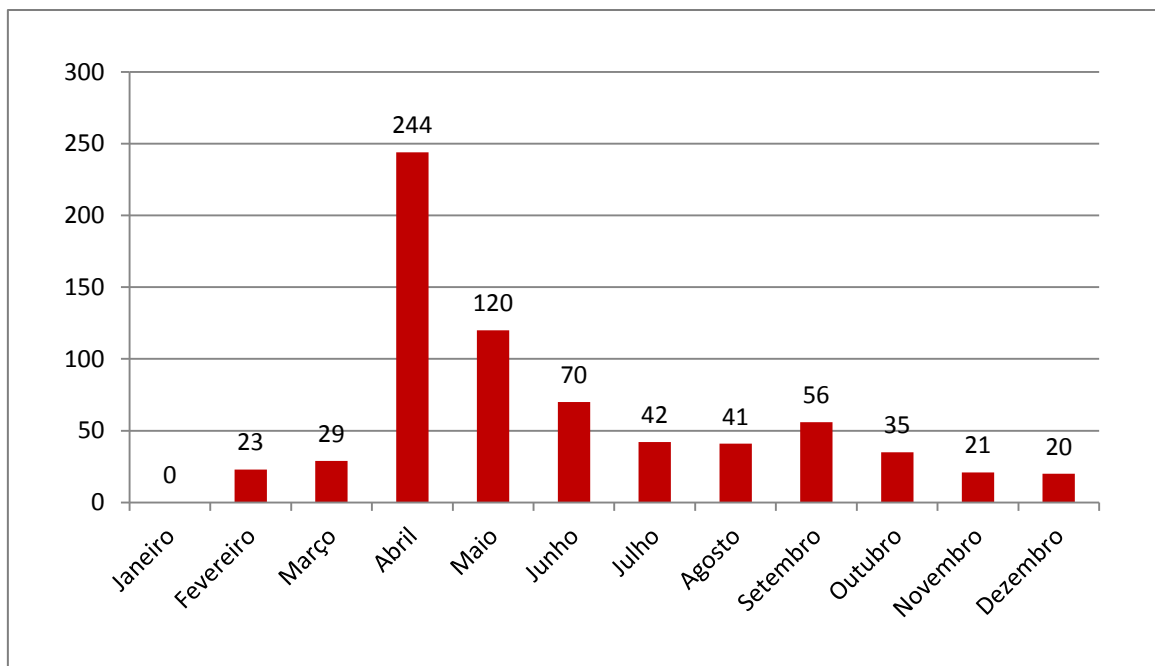


Gráfico 5 – Frequência de acesso ao Blogue de História, antes, durante e após as aulas do Projeto

Fonte: Blogue de disciplina

Como podemos ver neste mesmo gráfico 5, o maior número de acessos registrados no blogue foi no mês de Abril. Tendo o nosso projeto iniciado a sua implementação no mês de Março, é perfeitamente compreensível que no próprio mês não se tenha registrado um elevado número de acessos, uma vez que este tipo de ferramenta necessita de algum tempo de aceitação. Após um primeiro período de adaptação, os alunos desenvolveram uma interessante dinâmica, levando-os a visitar frequentemente o blogue, não com o intuito de publicarem os seus próprios comentários, nem de comentarem as opiniões dos colegas, como era intenção da professora investigadora, mas com o objetivo de realizarem todas as propostas de trabalho publicadas pela professora investigadora. Adquiriram desta forma hábitos de trabalho *online*, tal como podemos comprovar com o elevado número de acesso no mês de Abril e, posteriormente, apresentando um acesso regular.

A implementação deste Projeto ligado a um contexto de sala de aula terminou no mês de Maio. Contudo, achamos conveniente deixá-lo ativo por mais algum tempo, quanto mais não fosse para permitir que os alunos pudessem consultá-lo sempre que necessitassem. Contrariamente ao esperado, esta ferramenta continuou a registar uma cadência de visitas bastante positiva, como podemos ver ainda no gráfico 5.

Pertencentes ou não aos alunos do 8ºC, esta frequência de visitas ao blogue veio fortalecer, em nosso entender, o verdadeiro fundamento deste Projeto, que foi o de conseguir levar as aulas de História para fora das barreiras físicas de uma sala de aula.

No que ao inquérito diz respeito, o gráfico 6 mostra as respostas dos alunos quando questionados sobre o tipo de utilização da internet.

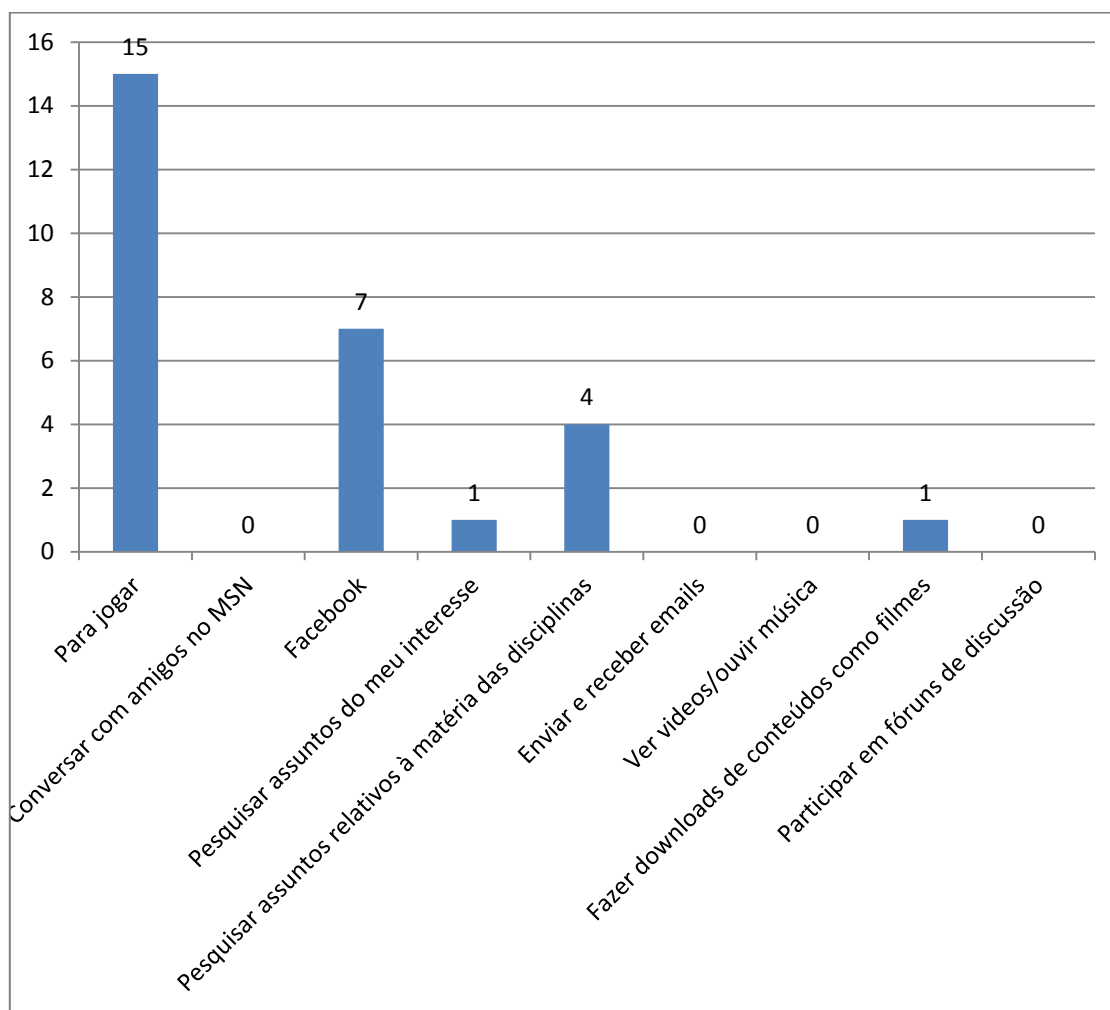


Gráfico 6 – Resposta dos alunos à questão: “que tipo de utilização fazes com a Internet”

Fonte: Questionário *online*

Tal como podemos verificar no gráfico 7, 15 alunos referiram utilizar a internet para jogar, 7 alunos responderam utilizarem-na para aceder ao *facebook*. Apenas 4 alunos responderam utilizarem a internet para pesquisa de assuntos relativos à matéria das disciplinas, e de forma mais discreta, aparecem as pesquisas de assuntos do interesse dos alunos e os downloads de filmes, ambos com a resposta de 1 aluno.

Em relação ao local de acesso ao blogue, 22 alunos referiram fazer o acesso à internet a partir de casa, tendo 4 alunos referido fazê-lo a partir da mediateca. Com menor expressão 2 alunos referiram fazê-lo a partir da casa de familiares.

Confirmando os acessos registados no blogue, a maioria dos alunos (26 alunos) respondeu acederem ao blogue todos os dias, tendo apenas 2 referido acederem algumas vezes. A resposta – nunca ⁵ não teve qualquer registo.

O gráfico 7 mostra as respostas relativas à intenção com que os alunos utilizaram o blogue.

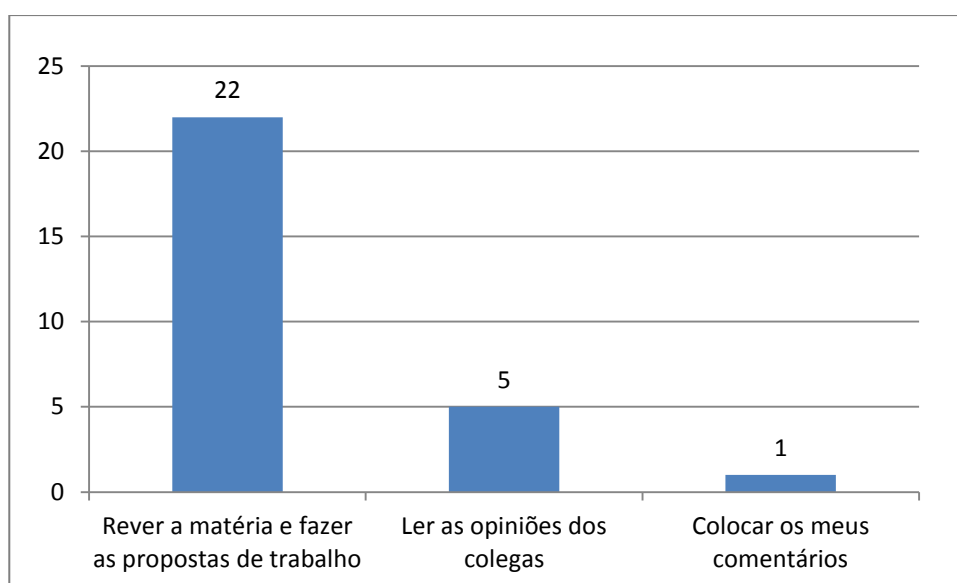


Gráfico 7 – Respostas dos alunos, relativas à intenção com que os alunos acedem ao blogue

Fonte: Blogue de disciplina

Sobre as intenções da utilização do blogue, 22 alunos responderam que o faziam, principalmente para rever a matéria abordada nas aulas e para poderem fazer as propostas de trabalho colocadas pela professora investigadora, 5 alunos afirmaram que o faziam para ler as opiniões dos colegas. Apenas 1 aluno respondeu que o fazia para colocar os seus próprios comentários.

⁵ Importa registar que uma aluna nunca apresentou comentários ou propostas de trabalho *postadas* no blogue, referindo nas aulas que “estava de castigo”. Esta aluna, neste item, respondeu “algumas vezes”.

Apesar do “estímulo” feito pela professora investigadora, esta questão da colocação de comentários, como já foi referido anteriormente, constituiu desde o início um entrave, na medida em que foi interpretada como uma forma de exposição perante os colegas de turma.

Relativamente à questão “ Que vantagens encontras na utilização do blogue de disciplina”, obtivemos respostas que apontaram sobretudo a facilidade de acesso à matéria da aula e o esclarecimento de dúvidas. Eis alguns exemplos de resposta:

- *Facilidade no acesso à informação a qualquer hora*
- *Se não tiver conseguido escrever tudo nas aulas, tenho fácil acesso à aula lecionada*
- *Se me surgir uma dúvida sobre a matéria, sei que a professora está sempre disponível para a esclarecer*
- *Podemos consultar a matéria dada nas aulas anteriores*

Relativamente à questão “Que desvantagens encontras na utilização do blogue de disciplina”, obtivemos respostas que evidenciam o dever de consulta diária do blogue e a exigência de interação entre os seus comentários e os dos colegas:

- *A obrigação de ter de ir todos os dias ao blogue, porque temos sempre novas propostas de trabalho*
- *Ter que comentar as respostas dos meus colegas*
- *Ter que exprimir a minha opinião perante os meus colegas de turma*
- *Obriga-nos a dedicar mais tempo para a disciplina*

Este tipo de comentários, talvez justifique a pouca interação dos alunos no blogue. Apesar de nas suas respostas se ter denotado algum desagrado quanto à necessária regularidade da utilização desta ferramenta, de uma forma geral (27 alunos) responderam positivamente à questão “Achas que aprendes melhor participando no blogue de disciplina” tendo apenas um aluno respondido que não.

Quanto às vantagens dos conteúdos se encontrarem *online*, 27 alunos responderam que isso facilitava o trabalho de casa, tendo apenas 1 aluno referido que não lhe tinha facilitado.

Questionados sobre se “ a participação no blogue de disciplina foi importante na aprendizagem dos diversos temas da disciplina de História”, a maioria dos alunos (26 alunos) respondeu que sim, tendo apenas 2 alunos respondido que não. A maioria dos alunos

concordou com o facto de os blogues favorecerem a aprendizagem colaborativa (24 alunos), tendo apenas 4 referido que não.

No que diz respeito ao facto dos blogues promoverem uma maior participação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, a maioria respondeu que sim (25 alunos), tendo apenas 3 alunos respondido que não.

Questionados sobre se o blogue aumenta a motivação para aprender, a maioria respondeu afirmativamente (26 alunos).

Relativamente ao facto da professora estar sempre disponível *online* para responder às questões, todos os alunos confirmaram a sua importância.

De uma forma geral todos os alunos defendem que esta estratégia deveria ser utilizada por mais professores e aplicada a outras disciplinas.

Questionados se através da realização de tarefas propostas pela professora no blogue conseguiram aprender/consolidar os conteúdos estudados na aula, todos responderam que sim.

Relativamente ao balanço da utilização desta ferramenta blogue no ensino de História, como podemos ver no gráfico 8, 20 alunos referiram como excelente, 5 referiram como muito bom e 3 responderam bom, não tendo ninguém avaliado como razoável nem decepcionante.

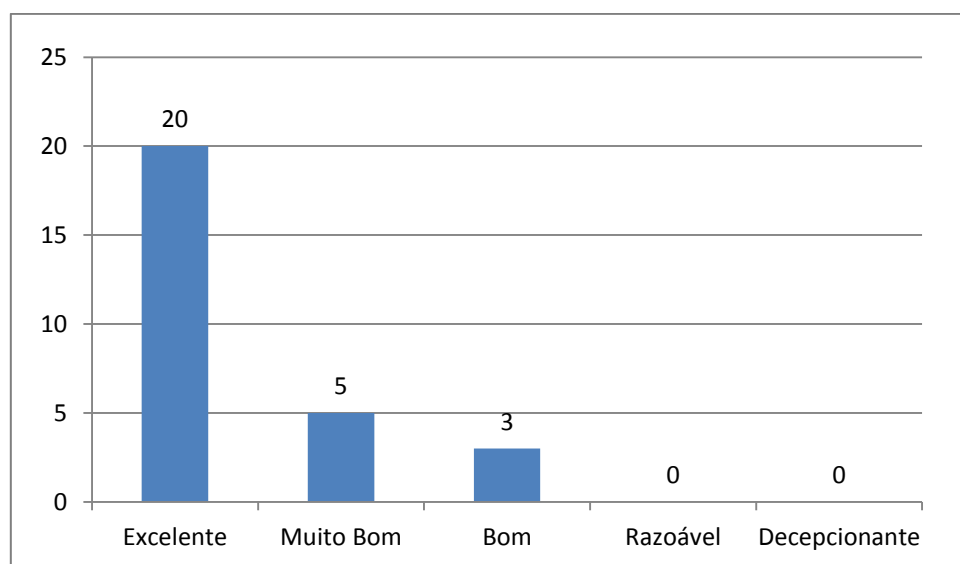


Gráfico 8 – Balanço final relativamente à introdução do blogue no processo de ensino e de aprendizagem

Fonte: Questionário *online*

Os resultados deste questionário têm de ser lidos com cautela, na medida em que se apresenta uma atitude altamente favorável por parte dos alunos face à utilização do blogue, isto porque na realidade nem sempre espelha os comportamentos percecionados. Isto é, os alunos admitem que o blogue é uma ferramenta muito vantajosa para a aprendizagem e colaboração, mas tal não se refletiu, quer em comentários autónomos, quer em debates entre pares.

CAPÍTULO V – METODOLOGIA DA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJECTO EM GEOGRAFIA

5.1 – CARATERIZAÇÃO DA TURMA DE GEOGRAFIA

Constituída inicialmente por 30 alunos (1 rapaz e 29 raparigas) e com uma média de idades de 17,2, a turma do 12º ano registou ao longo do ano letivo, entradas e saídas de vários alunos, alterando constantemente o número total de alunos inscritos nesta disciplina. Por se tratar de uma disciplina opcional no 12º ano, estes alunos referem frequentemente escolherem-na apenas por uma questão de estratégia de notas, para acesso ao ensino superior.

Estamos perante uma turma com um nível socioeconómico de cariz médio /médio baixo, em que os setores de atividade dos encarregados de educação distribuem-se entre o sector secundário (indústria) e o terciário (serviços).

De acordo com o gráfico 9, constata-se que a maioria dos pais se encontra numa situação laboral favorável, sendo reduzido o número de situações de desemprego.

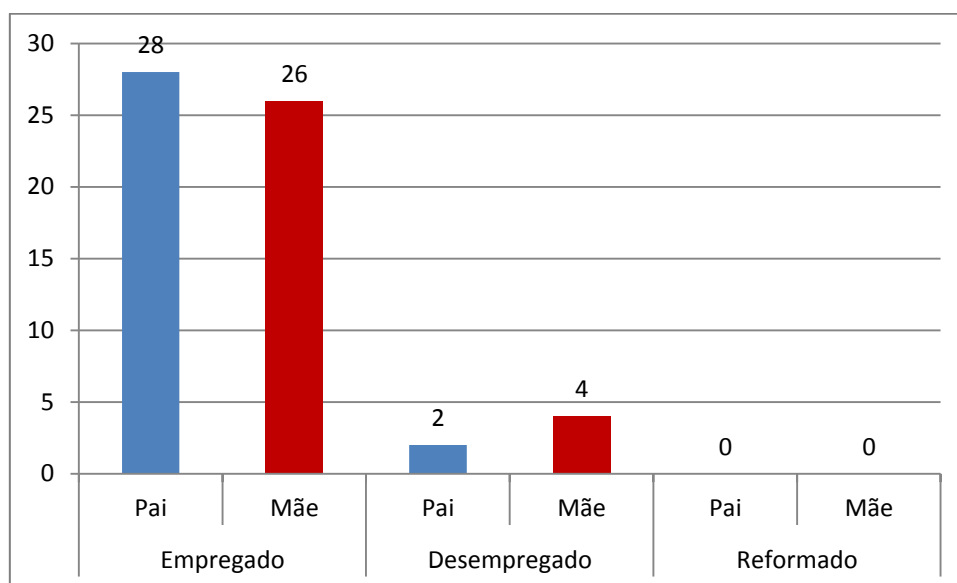


Gráfico 9 – Situação Profissional dos Encarregados de Educação

Fonte: Plano Curricular de Turma (PCT)

No que diz respeito às habilitações dos pais/encarregados de educação, estamos diante de uma turma com um nível sócio cultural mais baixo, na medida em que predominam as habilitações académicas ao nível do 1º e 2º ciclo e ensino secundário.

No que diz respeito ao elemento fundamental para o desenvolvimento deste nosso projeto, podemos ver no gráfico 10, que a maior parte dos alunos referiu ter computador em casa, tendo apenas um aluno referido que não. Relativamente ao acesso à internet, sete alunos afirmaram não o ter.

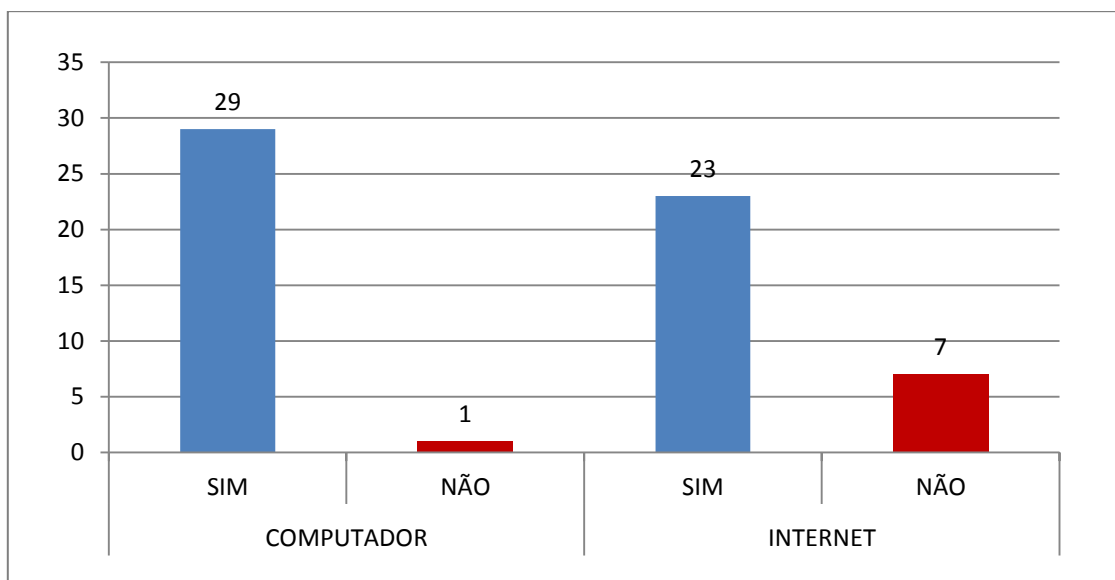


Gráfico 10 – Uso do computador e internet em casa pelos alunos de Geografia

Fonte: Plano Curricular de Turma (PCT)

No que às expectativas escolares diz respeito, tal como traduz o gráfico 11, 18 destes alunos revelam vontade em prosseguir os estudos, tendo como objetivo o ensino superior. Estes alunos evidenciam ideias já bastante claras em relação às escolhas que terão de tomar a nível académico, uma vez que estão prestes a fazer opções a esse nível. Ainda no mesmo gráfico, podemos destacar o número de alunos (12 alunos) que pretendem mesmo obter uma pós-graduação.

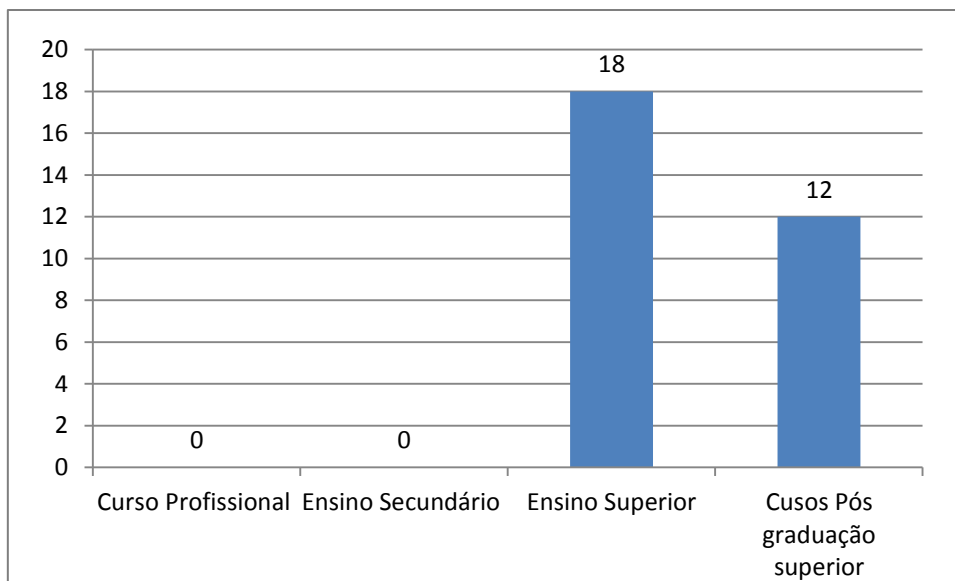


Gráfico 11 – Expectativas dos alunos face à escola

Fonte: Plano Curricular de Turma (PCT)

Apesar das expectativas escolares destes alunos serem bastante elevadas, não podemos deixar de referir que estamos perante uma turma com dificuldades de interpretação/compreensão escrita, lacunas consideráveis ao nível do poder de argumentação, bem como ao nível das competências essenciais da disciplina de Geografia. Maioritariamente feminina, esta turma revela ausência de concentração/atenção.

Ao nível do comportamento em contexto sala de aula, estamos perante uma turma com uma postura bastante desadequada, sendo habitual a falta de respeito pelas normas de postura e de comportamento. Demonstram habitualmente um reduzido nível de empenho e participação nas atividades propostas e total ausência de método de trabalho. Evidenciam grande desinteresse pela aula, sendo necessário um constante apelo à sua participação. Revelam ainda grandes dificuldades na aquisição e aplicação de conhecimentos.

No desenvolvimento da unidade curricular de observação, fomos conhecendo as realidades familiares de cada aluno, o que nos permitiu compreender determinados comportamentos em contexto sala de aula. Permitiu-nos também definir estratégias, capazes de controlar os comportamentos habituais destes alunos.

5.2 – O INSTRUMENTO PRINCIPAL: **AQUIHAGEOGRAFIA**

À semelhança da turma de História, a professora investigadora criou, através do software *Wordpress*, a principal ferramenta de trabalho para a turma de Geografia. Através do endereço eletrónico www.aquihageografia.wordpress.com os alunos acediam ao blogue de Geografia (*aquihageografia*) (Anexo XII). A apresentação do blogue à turma foi feita numa aula de 90 minutos. A professora investigadora começou por apresentar o blogue, seguindo-se uma explicação cuidada e pormenorizada sobre o mesmo. Esta explicação pretendeu também dar a conhecer aos alunos o âmbito do presente Projeto, os objetivos pretendidos, bem como a forma como o mesmo se iria desenvolver.

Os alunos foram convidados a participar no blogue como coautores, publicando as suas opiniões sobre todos os temas *postados*, colaborando e interagindo com os colegas de turma e com a professora investigadora, fazendo uso e tirando partido das suas principais características.

Todas as aulas eram publicadas no blogue, sendo crucial a participação de todos os alunos no debate de ideias, através dos comentários aos vários *posts* (*comentários curtos*). Todos os temas publicados eram acompanhados por propostas de trabalho, que funcionavam como consolidação dos conhecimentos.

A figura 5 mostra a página de uma das aulas postadas no *aquihageografia*:

No cabeçalho podemos ver o nome do blogue acompanhado por uma imagem que, por ser bastante sugestiva, permite ao aluno uma contextualização imediata do trabalho que se irá desenvolver.

No centro da página, o blogue apresenta *links* permanentes de acesso ao **Início** - página principal do blogue (Anexo XII) e ao **Sobre mim** (Anexo XIII) – breve apresentação da professora investigadora.

Na coluna lateral direita da imagem, surge uma zona de procura, onde os alunos podem de forma rápida localizar um *post* ou um tema abordado; um calendário que permite uma orientação precisa da evolução do estudo; artigos recentes; um arquivo dos *posts* colocados ao longo da implementação do Projeto, ordenado do mais recente para o mais antigo, conforme característica de um blogue. Através de um simples clique, temos acesso a cada aula e *posts*

publicados; categorias onde todas as informações colocadas no blogue estão devidamente categorizadas e armazenadas (sumários, inquérito); por fim, mas não menos importante, os *links* de acesso rápido e direto aos diversos sites, relacionados com os conteúdos abordados.

Aqui Há Geografia

Início Sobre mim

ARQUIVO DA CATEGORIA: SUMÁRIOS

Aula Nº 62/63

POSTEO ON 20 DE MAIO DE 2012

Sumário: Envelhecimento da População de Portugal

Envelhecimento da População de Portugal

RTP 1 - Telejornal , "Envelhecimento da populaç

Procurar

Calendário

Maio 2013

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Artigos recentes

Inquérito - Blogue de Geografia

Aula Nº 62/63

Aula Nº 60/61

Aula Nº 58/59

Aula Nº 56/57

Arquivo

Figura 5 – Blogue de Geografia

Fonte: Página principal do blogue de História (<http://aquihageografia.wordpress.com>)

No centro da página, ainda na figura 5, encontramos o desenvolvimento propriamente dito de uma das aulas lecionadas. Aqui foram publicados pela professora investigadora os vários *posts*, organizados de forma cronológica (do mais recente para o mais antigo). Surgem aqui os vários posts, que incluem, além do título, conteúdo, imagens, vídeos, espaço para os comentários e debates entre os alunos, entre os alunos e a professora investigadora e fichas como forma de consolidar a matéria lecionada.

5.3 – VISÃO GERAL DOS CONTEÚDOS ABORDADOS

De acordo com o programa de Geografia para o 12º ano, o tema 3 “*Um Mundo Fragmentado*”, trata sobre a lógica de um mundo cada vez mais interdependente, atravessado por deslocamentos de pessoas, de capitais, de bens materiais e imateriais, e de informações, exigindo uma cartografia profundamente renovada, que possibilite ver o mundo de outro modo e de vários modos simultaneamente. A este propósito, o nascimento dos grandes organismos interestatais, sobretudo após a segunda Guerra Mundial, possibilitou na maioria dos Estados a existência de dados harmonizáveis e comparáveis no espaço e no tempo. (M.E.Programa de Geografia C p.37). Ainda no âmbito da Tema 3, abordamos também o ponto 3.1 “*Um espaço de fluxos e atores mundiais*”. Este subtema visa analisar as redes de circulação e de fluxos, enfatizando a dimensão geográfica do fenómeno da mundialização/globalização. No desenvolvimento deste subtema, analisamos as principais tendências migratórias do mundo contemporâneo, tendo em conta as migrações laborais no quadro de divisão internacional do trabalho, as deslocamentos provocadas por catástrofes naturais, por conflitos, ou pela violação sistemática dos direitos humanos e as migrações turísticas. Abordamos também a qualificação profissional da imigração, as condições de vida, em particular dos imigrantes ilegais cuja sujeição a novas formas de clandestinidade origina o desenvolvimento de atitudes de racismo e xenofobia e, nos casos mais graves, situações de provocação e conflito entre as diferentes comunidades. Consideramos ainda pertinente equacionar os reflexos de duas situações: a “fuga de cérebros” e a sujeição dos imigrantes ilegais às *mafias*, a qual tem feito emergir novas formas de escravatura e redes organizadas de prostituição.

Como último ponto deste subtema, abordamos a dimensão geográfica e económica das migrações turísticas, quer em diversidade de destinos, quer em amplitude, evidenciando a

importância da modernização dos transportes na diversificação e intensificação dos fluxos turísticos, e os respetivos impactos económicos e ambientais do turismo.

O tema dos dois últimos posts esteve relacionado com o tema 4 “*Um Mundo de Contrastes*”, no qual abordamos as assimetrias de desenvolvimento do mundo atual, evidenciando a existência de um mundo de conforto e de um mundo que luta pela sobrevivência. De um lado o crescimento populacional exponencial e, por outro, as implicações das recentes tendências de desaceleração do crescimento demográfico, sugerindo o debate do comportamento demográfico dos países desenvolvidos e dos países menos desenvolvidos. Desta análise de causas, é possível perceber as implicações demográficas e económicas do progressivo envelhecimento da população no Norte e do ritmo de crescimento acelerado no Sul. De forma a motivar o debate, colocamos o caso de Portugal e o seu respetivo envelhecimento populacional.

5.4 – PROCEDIMENTOS DO PROJETO NAS AULAS DE GEOGRAFIA

A implementação do Projeto nas aulas de Geografia ocorreu nos dias 9, 12, 19 de Março, 4 e 9 de Maio de 2012, em aulas de 90 minutos. Definido como blogue de disciplina, este Projeto não se poderia limitar a uma ou duas aulas, carecendo de uma aplicação continuada ao longo das aulas lecionadas.

Alicerçada no método ativo de Mérenne-Schoumaker (1999), a implementação do Projeto nas aulas de Geografia seguiu os seus pressupostos metodológicos. Desta forma, as aulas eram constituídas por três momentos. Através de questões simples e relacionadas com o dia-a-dia destes alunos, a professora investigadora tentava no primeiro momento, introduzir os conteúdos a abordar, atraindo assim a sua atenção dos alunos. No segundo momento, a professora investigadora solicitava a realização de propostas de trabalho, habitualmente em grupos de pares, de forma a promover a participação de todos os alunos e a troca de ideias entre si. O último momento consistia na realização por parte dos alunos de um esquema das principais ideias, de forma a sintetizar os conteúdos abordados na aula.

Atividades em aula

Na primeira aula foram lecionadas as tendências migratórias no mundo contemporâneo, o seu padrão geográfico, bem como as causas fundamentais desses movimentos migratórios (Anexo XIV).

Para abordar este subtema, foram visionados alguns mapas e pequenos vídeos. Orientados pela professora investigadora, os alunos foram levados a desenvolver a capacidade de interpretação, argumentação e troca de ideias para cada visualização, com o intuito de construir um discurso estruturado entre professora aluno e vice-versa. Desabituaados a um papel tão ativo e interventivo, estes alunos revelaram bastantes dificuldades ao nível do debate, da argumentação e estruturação das próprias ideias.

A professora investigadora solicitou a realização da proposta de trabalho do manual escolar.

A aula foi integralmente *postada* no blogue de turma, acompanhada por uma proposta de trabalho, que individualmente os alunos teriam de realizar e enviar para a professora investigadora. Desta forma, todos os alunos deveriam ser capazes de construir o seu próprio conhecimento.

Foi a partir de uma destas propostas de trabalho realizadas a partir do blogue, que elaboramos a análise conceptual, como poderemos ver no subcapítulo do capítulo VI.

Na segunda aula do dia 12 de Março de 2012, demos continuidade ao tema dos movimentos migratórios, mas agora na vertente laboral e respetivas políticas de imigração (Anexo XV). Foram ainda lecionados os movimentos de refugiados e o papel das organizações formais e não formais. Seguindo a mesma metodologia adotada na primeira aula, os alunos visionaram o excerto de um vídeo *Refugiados – Até quando?*

No final da visualização, a professora investigadora colocou algumas questões pertinentes, de forma a dar início ao debate de ideias entre os alunos e a professora. Estes momentos serviram igualmente para esclarecimento de dúvidas por parte dos alunos.

Finda a aula, esta foi integralmente *postada* no blogue pela professora investigadora, acompanhada por uma proposta de trabalho. Em casa, ou em qualquer outro lugar fora das barreiras físicas da sala de aula, todos os alunos realizavam a proposta de trabalho e enviavam-na para a professora.

Convém no entanto referir que, nem sempre esta participação e respetivo envio das propostas de trabalho, foi feito atempadamente e regularmente pelos alunos, apesar das constantes chamadas de atenção da professora. Para além desta participação, a professora pretendia também que os alunos utilizassem o blogue para colocação de dúvidas e respetivo esclarecimento das mesmas, bem como para a partilha de opiniões sobre os diferentes temas abordados. No entanto, e apesar do constante estímulo feito pela professora, estes alunos nunca chegaram a fazer uso do blogue para esses fins.

Na aula de 19 de Março de 2012, concluiu-se o subtema das consequências fundamentais dos movimentos migratórios, e deu-se início ao subtema dos fluxos turísticos e os impactos ambientais: o turismo sustentável (Anexo XVI). Os alunos visualizaram um documentário acerca do turismo sustentável e, no final da visualização, realizaram uma proposta de trabalho em grupos de pares. Através desta atividade em grupos de pares, a professora pretendeu promover a troca de ideias entre os alunos.

Uma vez que os alunos realizaram esta proposta de trabalho em contexto de sala de aula, foram convidados a participar como coautores no blogue, postando as suas respostas *online*, de forma a avivar o debate. No entanto, e contrariamente ao esperado, este convite não foi aceite pelos alunos.

Talvez por vergonha ou por receio, o blogue de Geografia nunca chegou a ter qualquer comentário por parte dos alunos.

Por questões relacionadas com o calendário escolar, a quarta aula de Geografia teve lugar a 4 de Maio de 2012, também ela uma aula de 90 minutos. Já no tema 4, *Um Mundo de Contrastes*, a aula teve início com a lecionação da evolução da população mundial (Anexo XVII). Para abordar este subtema, a professora optou pelo recurso a gráficos, com o objetivo de estimular a capacidade de análise e interpretação dos mesmos, dado ser uma das grandes dificuldades destes alunos. Através dos gráficos, a professora deu lugar ao debate entre alunos e à interação com a professora. No final da aula foi feito o esquema síntese por parte dos alunos. Uma vez mais, a professora investigadora colocou a aula no blogue de Geografia, seguida da respetiva proposta de trabalho.

A última aula ocorreu a 9 de Maio de 2012, onde se abordaram as implicações demográficas dos países do Norte e as políticas natalistas nos países desenvolvidos (Anexos XVIII). Para introduzir este subtema foram visionados dois vídeos. O primeiro sobre os 7 biliões da população mundial, retirado de uma série de grandes reportagens da revista National

Geographic Brasil, o segundo, um pequeno vídeo da PorData (Base de dados Portugal Contemporâneo. Serviço público de informação estatística criado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos) intitulada *Nós portugueses – Quantos somos?* No final da visualização destes dois vídeos, os alunos tiveram oportunidade de debater as principais ideias aí apresentadas.

O *post* da aula anterior serviu de base para esta última aula.

É com alguma satisfação que constatamos a mudança de atitude destes alunos perante o desafio para mais um debate de ideias e a necessidade em evidenciar a capacidade de interpretação das mensagens em vídeo. De referir também o facto de, nesta altura, já serem os alunos a questionarem a professora pela proposta de trabalho que iria ser colocada no blogue.

Atividades no blogue

Não foi possível apresentarmos exemplos da participação dos alunos no blogue, como fizemos para a disciplina de História, uma vez que os alunos de Geografia não fizeram qualquer tipo de comentário ao blogue. Estes alunos limitaram-se a fazer as propostas de trabalho colocadas pela professora investigadora, mesmo que de forma pouco cadenciada.

À semelhança do que fizemos em História, *postamos* no blogue de Geografia o mesmo questionário em formato digital, constituído por 17 questões, a que todos os alunos responderam individualmente e enviaram as suas respostas (Anexo XIX).

Também aqui não foram alvo de tratamento as questões relativas ao sexo, idade, computador em casa e ligação à internet, uma vez que já tinham sido caracterizadas nos subcapítulos 5.1 através do Plano Curricular de Turma (PCT). No subcapítulo do capítulo VI relativo à monitorização da aprendizagem, efetuaremos o tratamento estatístico das restantes questões deste questionário.

CAPÍTULO VI – ANÁLISE DE DADOS

UTILIZAÇÃO DO BLOGUE EM GEOGRAFIA: ANÁLISE CONCEPTUAL DAS RESPOSTAS DOS ALUNOS

A análise conceptual para a disciplina de Geografia foi feita através da proposta de trabalho relativa ao tema 3, Um Mundo Fragmentado, mais precisamente ao subtema 3.1.1, As tendências migratórias no mundo contemporâneo (Anexo XX). À semelhança das propostas de trabalho postadas no blogue de História, estas eram também feitas individualmente pelos alunos, tendo estes de enviar as respostas para a professora investigadora. As propostas de trabalho desenvolvidas em contexto de sala de aula eram sempre feitas em grupos de pares.

É do conjunto das propostas de trabalho desenvolvidas pelos alunos através do blogue, que nos propomos analisar as respostas dos mesmos.

A presente proposta de trabalho tinha como principal objetivo, fomentar nestes alunos o método de investigação geográfica.

A análise dos dados foi direccionada para as respostas à questão:

1.1 - Que tipo de causa motivadora de movimentos migratórios sugere a imagem?"

Teve como principal objetivo averiguar a capacidade de observação dos alunos, relativa à imagem fornecida. Isto é, com esta questão pretendemos perceber que tipo de observação geográfica é que os alunos fazem a partir da fotografia que lhes foi fornecida, bem como aquilo que eles consideram como mais relevante. Esta análise considerou três níveis de elaboração – **Observação Indireta Inadequada, Observação Indireta Simples e Observação Indireta Contextualizada.**

Aquando da análise das respostas dos alunos, entendemos caracterizar como **Observação Indireta Inadequada**, respostas que para além de apresentarem um tipo de discurso conciso, pouco estruturado, ausência de narrativa geográfica, estão mesmo erradas na sua essência. Consideramos apenas uma resposta neste nível. Exemplo disso:

1.1 - A imagem sugere a que a causa dos movimentos migratórios na região é a baixa qualidade de vida que a população em questão se encontra. (Carla)

Como **Observação Indireta Simples**, definimos respostas que evidenciam um tipo de discurso pouco elaborado, bastante sucinto e que se limitam a referir informação básica. Este tipo de observação caracteriza-se por uma total ausência de narrativa geográfica. As respostas que se seguem são exemplo disso mesmo:

1.1 - Forçada devido a catástrofes naturais. (Barbara)

1.1 - Causa Natural. (Filipa)

1.1 - Migrações forçadas devido a catástrofes naturais. (Cláudia)

Por último, mas não menos importante, consideramos como **Observação Indireta Contextualizada**, tipos de respostas mais cuidadas, desenvolvidas e com algum conhecimento adicional. À semelhança do primeiro nível, também aqui consideramos apenas uma resposta, que de um modo geral e comparando com todas as outras respostas, apresentam uma pequena informação adicional. Exemplo disso, temos a seguinte resposta:

1.1 - O tipo de causa que a imagem 1 no sugere é desastres naturais, onde famílias inteiras ficam sem nada e com todos os seus bens destruídos. Desta forma vêm-se obrigados a abandonar o local onde residiam. (Vera)

Como podemos ver no gráfico 12, a maior parte dos alunos limitaram-se a fazer uma observação indireta simples, sem grande qualidade, pouco desenvolvida, não havendo qualquer tipo de cuidado ao nível da construção de texto, organização de ideias, muito menos ao nível da narrativa geográfica.

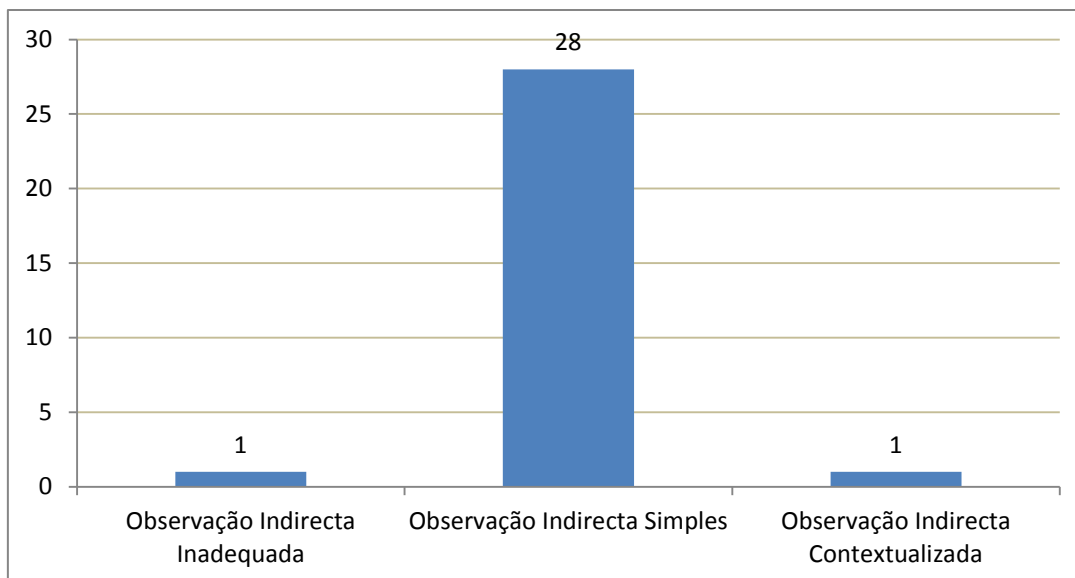


Gráfico 12 – Frequência de respostas dos alunos ao nível da Observação Indireta

Fonte: Elaboração própria

Contudo, não podemos deixar de referir a existência de uma resposta onde o aluno conseguiu fazer uma observação indireta contextualizada, bem como a existência de uma resposta com total ausência de relação com a imagem fornecida, classificada como observação indireta inadequada. Tal como já foi referido na caracterização da turma, estes alunos revelam grandes dificuldades de argumentação, reduzida capacidade crítica, discursos pouco fundamentados e com grandes imprecisões.

MONITORIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Concluída a aplicação deste projeto nas aulas de Geografia, e à semelhança de História, a professora investigadora publicou no blogue o mesmo inquérito de “avaliação global” do projeto pelos alunos de Geografia, também com objetivos de monitorização da aprendizagem e utilidade do blogue (Anexo XIX). De uma forma geral, podemos dizer que os alunos fizeram uma avaliação favorável do recurso e da estratégia desenvolvida a partir da sala de aula. Apesar das opiniões destes alunos terem sido bastante sucintas e parcas em palavras, consideraram o blogue uma mais-valia na aprendizagem da disciplina de Geografia.

Também aqui julgamos importante chamar a atenção para o facto deste registo não pertencer apenas ao número de acessos ao blogue por parte dos alunos, mas sim de um registo

total de todos os acessos, que incluíram visitas de vários continentes. Através deste software, conseguiu-se fazer um acompanhamento diário do número de acessos feitos, permitindo uma monitorização quase em tempo real. Foi através deste histórico, que a professora investigadora conseguiu aferir da importância e do interesse que os conteúdos disponibilizados iam tendo aula após aula, bem como da recetividade que os mesmos iam tendo ao longo da implementação do Projeto.

Tal como podemos ver a partir do gráfico 13, os meses de Abril, Maio e Junho foram sem dúvida os meses de maior fluxo no que diz respeito ao número de visitas registadas. No entanto, e apesar da implementação do Projeto em Geografia ter dado início pouco depois do de História, é evidente um acesso bem mais imediato e em maior número ao blogue de Geografia. Talvez possamos encontrar justificações no facto de esta turma ser constituída por alunos mais maduros e mais habituados a lidar com este tipo de ferramenta digital, comparativamente a alunos do 8º ano de escolaridade.

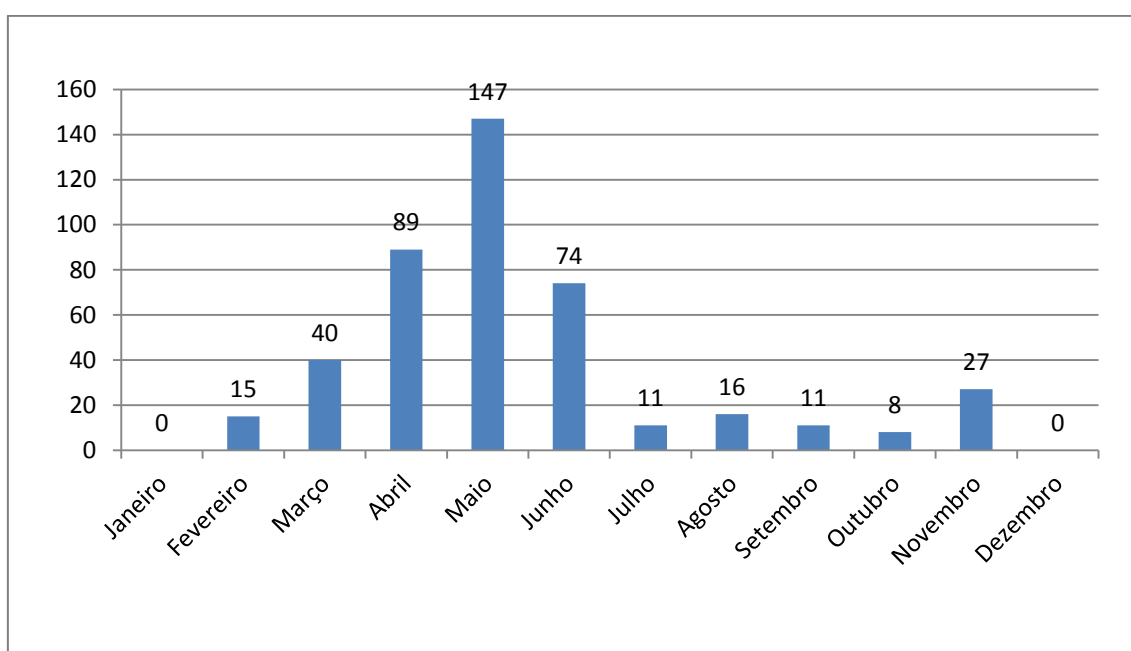


Gráfico 13 – Frequência de acessos feitos pelos alunos ao longo da implementação da Projeto em Geografia

Fonte: Elaboração própria

Ainda no gráfico 13, podemos constatar que o maior número de acessos registados no blogue foi no mês de Maio, período de implementação plena do nosso Projeto. No entanto, chamamos a atenção para o facto de, mesmo após o término da implementação propriamente

dita deste projeto em contexto de sala de aula e mantendo o blogue ativo, continuamos a registar um número de visitas interessantes.

Questionados sobre o tipo de utilização da internet, como podemos ver no gráfico 14, 8 alunos referiram utilizar a internet para aceder ao *facebook*, tendo 7 alunos respondido utilizarem-na para pesquisar assuntos do seu interesse. Em terceiro lugar 5 alunos mencionaram utilizar a internet para enviar e receber *e-mails*. Em quarto lugar surgem-nos 4 alunos com a indicação que utilizam a internet para ver vídeos e/ou ouvir música. De forma mais discreta aparecem-nos 3 alunos que a utilizam para pesquisar assuntos relacionados com as disciplinas, 2 alunos referiram os *downloads* de filmes e de forma ainda mais discreta, apenas 1 aluno refere a participação em fóruns de discussão.

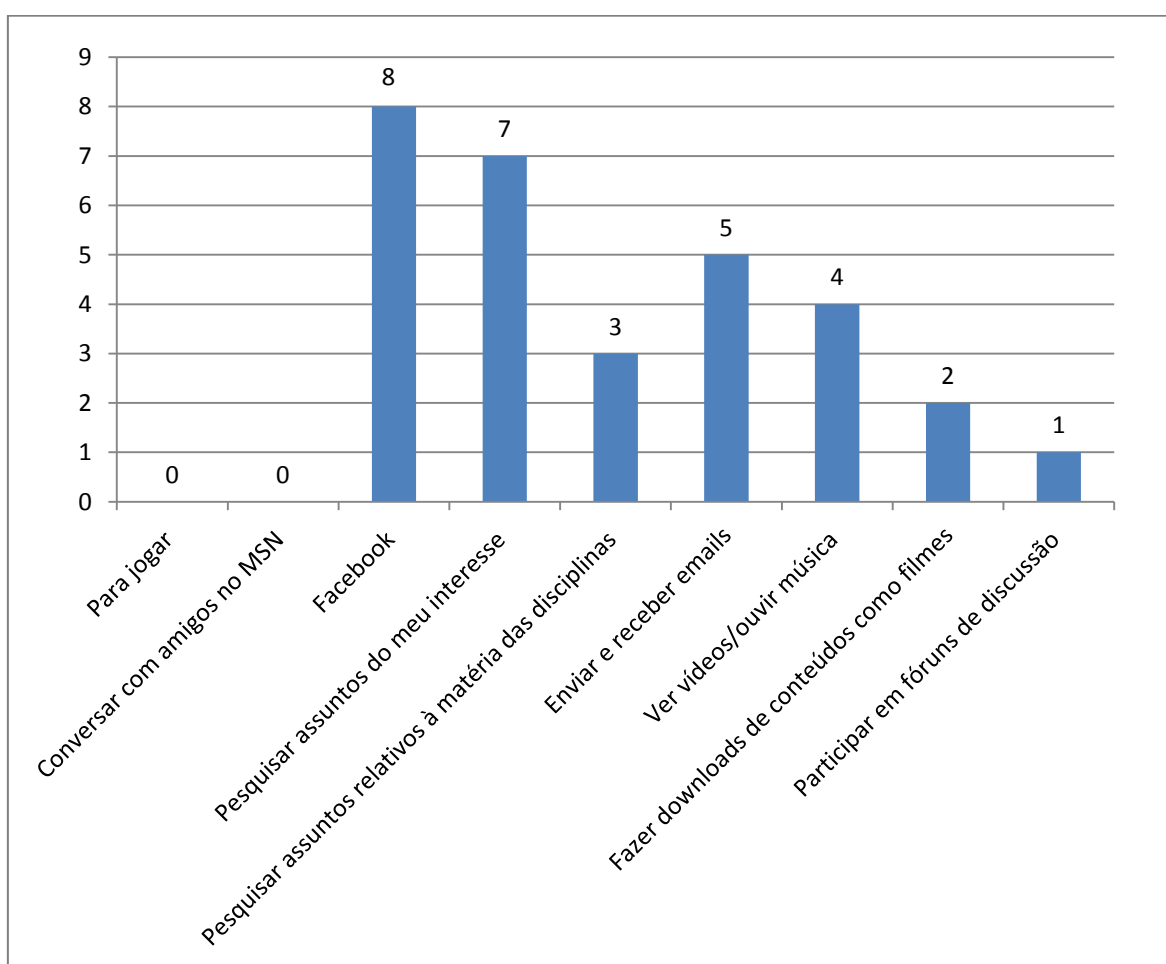


Gráfico 14 – Resposta à questão “Que tipo de utilização fazes com a internet?”

Fonte: Questionário *online*

No que diz respeito ao local de acesso à internet, 27 alunos referiram fazê-lo a partir de casa, tendo apenas 3 alunos referido fazem-no a partir de casa de familiares.

Relativamente à frequência de acesso ao blogue, a maioria dos alunos (26 alunos) respondeu acederem ao blogue algumas vezes, tendo 4 alunos referido acederem bastantes vezes, não tendo registado nenhuma resposta, como nunca.

O gráfico 15 referente à questão “Utilizas o blogue de disciplina para”, mostra que todos os alunos responderam que o faziam para rever a matéria dada e poderem fazer as propostas de trabalho colocadas pela professora investigadora, não tendo nenhum aluno referido que o fazia para ler as opiniões dos colegas, nem para colocar os seus próprios comentários.

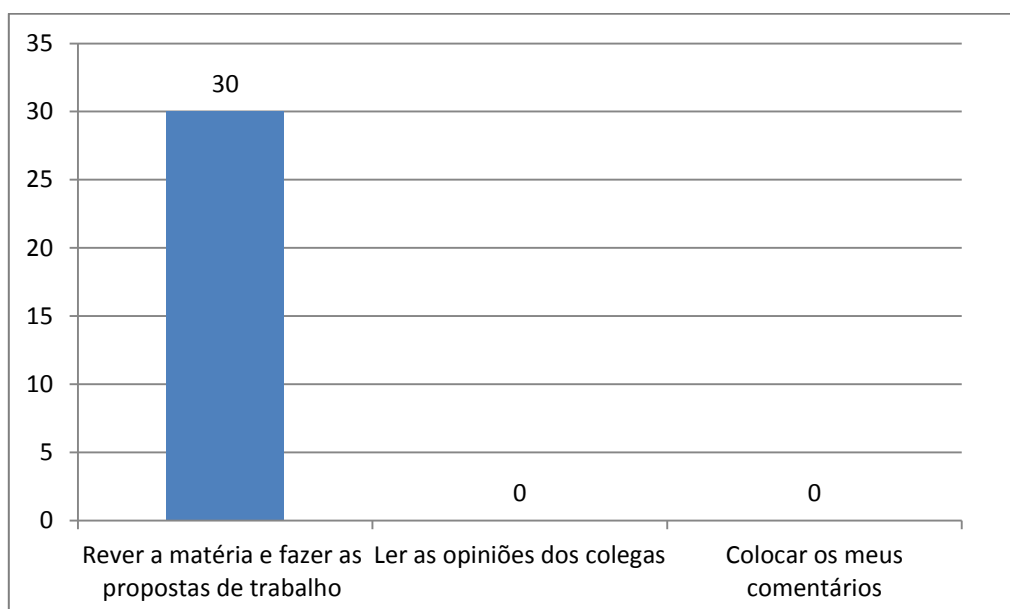


Gráfico 15 – Respostas dos alunos, relativas à intenção com que os alunos acediam ao blogue

Fonte: Blogue de turma

Apesar do “estímulo” por parte da professora investigadora ao longo do projeto de implementação, a participação no blogue através de comentários, constituiu desde o início um entrave, na medida em que foi interpretada como uma forma de exposição perante os colegas de turma.

No que diz respeito à questão “ Que vantagens encontras na utilização do blogue de disciplina”, obtivemos respostas como:

- *Comodidade, uma vez que podemos ter acesso aos conteúdos lecionados a partir de casa.*
- *Permite-nos desenvolver diferentes competências, não só ao nível da disciplina de Geografia, bem como ao nível dos recursos informáticos. Permite-nos desenvolver e adquirir diferentes destrezas.*
- *Rápido acesso à aula de Geografia*
- *Podemos aceder ao histórico das aulas, com o intuito de rever a matéria dada.*

Relativamente à questão “ Que desvantagens encontras na utilização do blogue de disciplina”, obtivemos respostas como:

- *O facto deste tipo de ferramenta incentivar a publicação das nossas opiniões e consequente comentário/crítica dos colegas, pode ser entendido como inibidor, na medida em que nem todos os alunos se sentem à vontade para exprimir as suas opiniões.*
- *Este tipo de ferramenta tem à partida um maior grau de dedicação e de disponibilização de tempo fora da escola, o que nem sempre é possível.*
- *Termos de ter acesso à internet.*

Relativamente à questão “Achas que aprendes melhor participando no blogue de disciplina?”, todos os alunos responderam afirmativamente.

No que diz respeito à disponibilização dos conteúdos da disciplina *online* para acesso em casa, a maior parte dos alunos (22 alunos) responderam bastantes vezes, tendo 8 alunos respondido algumas vezes.

Questionados sobre se “ a participação no blogue de turma foi importante na aprendizagem dos diversos temas da disciplina de Geografia”, a maioria dos alunos (21 alunos) respondeu que sim, tendo 9 alunos respondido que não.

Questionados sobre se a “utilização das TIC no processo de ensino e aprendizagem aumenta a motivação para aprender”, todos os alunos responderam afirmativamente.

Relativamente ao facto da professora estar sempre disponível *online* para responder às questões, todos os alunos validaram a sua importância.

À semelhança dos alunos de História, também os alunos de Geografia defendem que esta estratégia deveria ser utilizada por mais professores e aplicada a outras disciplinas.

Por último, mas não menos importante, o gráfico 16 mostra-nos o balanço feito pelos alunos de Geografia à utilização desta ferramenta no ensino de Geografia.

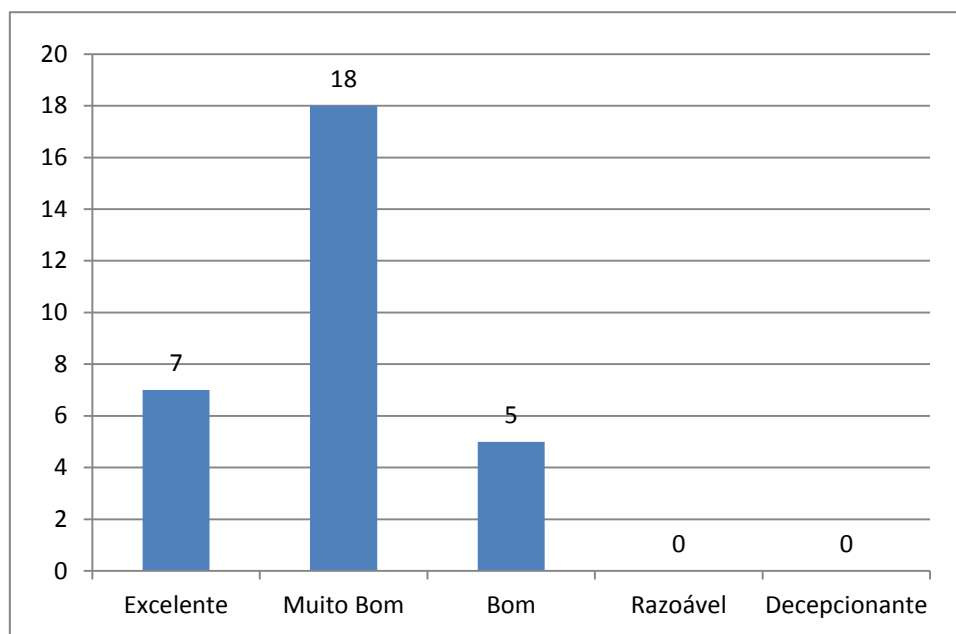


Gráfico 16 – Balanço final

Fonte: Inquérito próprio

Em resposta a esta questão, 7 alunos referiram como excelente, 18 referiram como muito bom e 5 responderam bom, não tendo ninguém caracterizado como razoável nem decepcionante.

À semelhança do que dissemos em História, também aqui em Geografia estes resultados do questionário têm de ser lidos com cautela, na medida em que, apresentam uma atitude altamente favorável por parte dos alunos face à utilização do blogue, apesar dos comportamentos percecionados ao longo do Projeto não evidenciarem tal facto. Podemos desta forma concluir que, os alunos admitem que o blogue é uma ferramenta muito vantajosa para a aprendizagem e colaboração, mas tal não se refletiu quer em comentários autónomos, quer em debates entre pares.

Apesar de realizarem o acesso ao blogue, estes alunos não foram capazes de participar no blogue através de comentários. Ao longo de todo o período de implementação, e apesar da

constante motivação por parte da professora investigadora, estes alunos não conseguiram deixar qualquer tipo de comentário, observação, questão ou até mesmo dúvida, no blogue de turma.

REFLEXÕES FINAIS

O Projeto de Intervenção pedagógica concentrou toda a sua atenção na questão de investigação - ***“De que forma é que a ferramenta blogue consegue promover o processo de ensino e aprendizagem nas aulas de História e de Geografia, proporcionando uma aprendizagem colaborativa?”***

Concluída a implementação deste Projeto, importa observar e refletir sobre o trabalho desenvolvido, sendo para tal, capazes de identificar os pontos fortes e fracos, apontar as limitações sentidas, bem como as possíveis implicações profissionais deste estudo.

Como pontos fortes, cumpre-nos evidenciar o facto de esta ferramenta permitir aos alunos uma maior flexibilidade no estudo e eficácia na consulta de documentos, não estando limitados ao seu desempenho presencial em contexto de sala de aula e possibilitando-lhes um ritmo individualizado na aprendizagem. Importante impulsionador da aprendizagem colaborativa nas suas intenções, o blogue apela a uma participação mais ativa por parte dos alunos no processo de aprendizagem, procurando promover uma maior interação entre professor aluno, bem como entre os colegas, despertando assim um maior espírito de partilha e de entreaajuda.

No que às aulas diz respeito, estas foram aproveitadas pelos alunos para esclarecer e debater dúvidas sobre questões *postadas* no blogue, enriquecendo o processo de ensino e aprendizagem, agilizando assim a construção do conhecimento em História e em Geografia. A exploração desta ferramenta educativa, contribuiu para a implementação de uma metodologia que se pretende mais interativa, desenvolvendo nos alunos o prazer de aprender nas aulas. Contudo, há que salientar que foi escasso o diálogo dos alunos entre si, a nível do blogue, o que sugere alguma estranheza na sua utilização por parte dos mesmos.

Apesar dos aspetos positivos identificados no uso do blogue, não podemos deixar de referir o importante papel que a professora investigadora procurou assumir em todo este processo, de acordo com o que é advogado por especialistas como Gomes, 2005;). Com efeito, na medida em que aliado a esta vertente de recurso educativo, o blogue tem também uma vertente lúdica, que pode facilmente deslumbrar e desviar as atenções dos alunos dos intuitos de aprendizagem. Por isso, cabe ao professor o importante papel de acompanhar o ritmo de cada aluno, mediando e orientando-o nas suas pesquisas, controlando a utilização desta

ferramenta, sendo necessária alguma destreza capaz de induzi-los a uma utilização inteligente e produtiva.

Numa vertente comportamental ao nível das aulas, este Projeto conseguiu registar importantes resultados, superando as expectativas iniciais, tal como foi sendo referido ao longo de todo o trabalho. Ou seja, as aulas foram claramente enriquecidas por esta ferramenta, que proporcionou um conjunto de comentários presenciais e de dúvidas despertadas nos alunos pelo blogue.

Numa vertente de cariz mais conceptual, na análise relativa à inferência a partir de documentação fornecida, os alunos de História, na sua maioria, foram capazes de fazer inferências históricas, não se limitando a uma observação simplista de senso comum. No entanto, não podemos deixar de constatar que ao nível da construção de textos, alguns alunos evidenciaram algumas dificuldades, apresentando um discurso pouco articulado, em respostas de nível simples.

Ao nível da interpretação de fontes, estes alunos demonstraram também, na sua maioria, alguma elaboração nas respostas, ao nível de interpretação contextualizada, relacionando os elementos observados com o contexto histórico, talvez porque lhes foi proporcionada a oportunidade de comunicar através de uma (breve) narrativa. Poucos, porém, limitaram-se a fazer uma análise superficial, e por vezes desajustada, das mensagens. Julgamos que as dificuldades detetadas em alguns alunos poderão ser ultrapassadas com mais exercícios de interpretação de fontes, nas aulas ou fora delas – incluindo a sua participação em blogues. Assim, haverá um contributo para a construção de um pensamento histórico mais válido, selecionando a informação para formular novas ideias e mais elaboradas.

Mesmo com algumas dificuldades encontradas, julgamos importante destacar a atitude positiva com que estes alunos encararam o desafio do blogue. Desde o início que os alunos desta turma se mostraram bastante recetivos e interessados em perceber o funcionamento do blogue, vontade em participar, por pequenos que fossem os comentários, para assim também garantirem a sua participação na sala de aula.

Por conseguinte, e em resposta à questão de investigação, no caso da História, o blogue pareceu contribuir favoravelmente para a aprendizagem e participação dos alunos na aula. O exercício conceptual, decorreu quando o blogue se encontrava ativo, e estes alunos já se encontravam familiarizados com ele e utilizando-o como base para as suas participações nas aulas. E, como já referido, estas participações denotaram abertamente a consulta dos materiais

postados. Os comentários *postados*, embora simples e pouco argumentativos, revelaram interesse em participar através do blogue, embora sem suscitarem um debate de ideias entre pares.

Quanto aos alunos de Geografia, apesar de serem alunos que frequentam o ensino secundário, revelaram grandes dificuldades ao nível da produção de narrativas contextualizadas, algumas deficiências ao nível da observação/interpretação de imagem, apresentando sobretudo ideias bastante simplistas (e uma das respostas ao nível de observação inadequada), sendo apenas uma resposta ao nível da interpretação crítica.

Em nosso entender, pelas suas atitudes em aula e no blogue, ficou claro que estes alunos consideraram este recurso de forma pouco séria e pouco atrativa, embora tal não se refletisse nas respostas ao questionário. Para que recursos como este funcionem com alunos com estas características, talvez seja necessário haver um maior acompanhamento no espaço e no tempo por parte dos professores, para que os alunos do secundário encontrem benefícios neste tipo de metodologias e recursos. Favorecem não só a interação entre os pares, mas também contribuem para a capacidade de comunicar as suas ideias e conhecimentos e, assim, para uma melhor aprendizagem (e competência para os exames).

Para responder à questão de investigação, no caso de Geografia, os resultados sugerem que a utilização do blogue talvez não fosse tão bem sucedida quanto em História. Tendo o exercício conceptual sido realizado, numa fase de uso de blogue mais avançada do que em História, o nível de elaboração conceptual apresentado por quase todos os alunos limitou-se a uma observação simples da imagem fornecida, havendo apenas uma resposta ao nível de observação contextualizada. A participação dos alunos em sala de aula não evidenciou um acesso frequente à informação disponível no blogue, não havendo aí também quaisquer comentários por parte dos mesmos.

Apesar de vivermos numa sociedade de comunicação, a verdade é que os alunos ainda se encontram demasiado expostos a um modelo de ensino tradicional, em oposição a um novo modelo que valorize o ensino mas, acima de tudo, a aprendizagem. Um novo modelo de ensino onde as metodologias, com o auxílio das TIC, visem promover o desenvolvimento do pensamento e estimular a descoberta do prazer de aprender, a par da cooperação, pode ser um importante caminho a percorrer.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

No que às limitações deste estudo diz respeito e que marcaram o desenvolvimento deste Projeto, cumpre-nos referir, em primeiro lugar, a desadequada e desconectada estrutura da unidade curricular Estágio Profissional que conjuga em simultâneo: a) a frequência presencial das unidades curriculares (módulos e sub-módulos); b) as atividades de observação das aulas em contexto real das aprendizagens; c) os diversos momentos de avaliação nas unidades curriculares; d) as práticas letivas de estágio; e) a implementação de um projeto específico, neste caso em duas disciplinas; f) a redação do Relatório de Estágio de Intervenção Pedagógica.

Em nosso entender, parece-nos urgente criar pontos de conexão mais coerentes entre a Universidade e a Escola, capazes de promover aprendizagens transversais e comuns, que visem o apoio e se afigurem mais produtivas para o desenvolvimento dos projetos nas escolas e para a respetiva realização das unidades curriculares na Universidade.

Outro dos aspetos que não podemos deixar de salientar, é o reduzido número de horas efetivas de lecionação atribuído a cada professor investigador, se combinado com a implementação de um projeto de investigação-ação. Parece-nos bastante reduzido o número de blocos de aulas atribuído ao desenvolvimento e respetiva análise de um projeto, principalmente quando em causa estão recursos como o nosso, que carecem de um controlo muito mais rigoroso e criterioso, capaz de controlar a vertente lúdica a ela inerente, convertendo-a sobretudo numa ferramenta desafiadora da aprendizagem.

Outra das questões que nos parece ficar para segundo plano, é a componente de lecionação propriamente dita ou seja, com um reduzido número de horas de intervenção pedagógica atribuídas, cada professor investigador não consegue explorar e aperfeiçoar esta vertente tão importante, como é a da lecionação refletida.

Ao nível do contexto escolar em que este projeto se desenvolveu, também encontramos alguns entraves. Trabalhar com alunos que à partida já estão sinalizados com diversos problemas de comportamento não é tarefa fácil, principalmente quando somos estagiários e acabamos por não sermos vistos como professores. Esta realidade foi sem dúvida sentida inicialmente, mas à medida que fomos evoluindo no tempo, creio que a questão ao nível do comportamento foi claramente ultrapassada.

Por último, mas não menos importante constatar a ausência de supervisão na área da Geografia sentida e considerada de extrema importância em projetos como este.

IMPLICAÇÕES PROFISSIONAIS

Ao nível do recurso escolhido, julgamos ter feito uma excelente aposta, na medida em que nos permitiu comprovar que apesar de vivermos numa sociedade do conhecimento, em que as novas tecnologias são o principal aliado das novas gerações, estes ainda não estão preparados para que essas mesmas tecnologias sejam aplicadas ao processo de ensino e aprendizagem, podendo assim garantir melhores resultados escolares.

Podemos desta forma concluir que a implementação deste projeto terminou com um saldo bastante positivo, mesmo atendendo a todas as limitações já mencionadas. Parece-nos ainda oportuno reafirmar que este tipo de prática pedagógica só é possível, se a escola tiver capacidade de responder a este tipo de desafio tecnológico. Foi graças às excelentes condições tecnológicas existentes na escola que tudo isto foi possível.

Por fim, mas não menos importante, conseguimos também reconhecer as implicações futuras que este tipo de práticas pedagógicas mais criativas e flexíveis, capazes de potencializarem a mudança de atitudes e o desenvolvimento do pensamento, bem como a descoberta do gosto de aprender em simultâneo com a cooperação, terão repercussões muito reduzidas ao nível das práticas dos professores. Poucos são ainda os professores que se encontram familiarizados com a utilização das novas tecnologias, principalmente quando aliadas ao ensino. Apostar nesta vertente mais tecnológica do ensino, obrigaria a uma maior dedicação por parte dos professores, bem como a um investimento e respetiva reformulação da própria formação de professores, com o intuito de colmatar tais limitações.

No entanto, tudo isto serviu para perceber e dar a perceber que existem outros tipos de ensino para além do convencional, que funcionam e que poderão ser propulsores de mais, e quem sabe, melhores resultados. Mas claro que nada se alcança sem muito trabalho e dedicação.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV (2005). *Glossário da Sociedade Portuguesa da Informação. Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação*
(<http://www.icp.pt/template20.jsp?categoryId=165602&contentId=303212>) Consultado em 18-02-2012.
- Alvim, L. (2007). Avaliação da qualidade de blogue. In *Actas 9º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*. Ponta Delgada, Açores: BAD.
(<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/595/444>)
Consultado em 04-03-2012
- Barbosa, E. & Granado, A. (2004). *Weblogs – Diário de Bordo*. Porto Editora.
- Barca, I & GAGO, M. (2000) De pequenino se aprende a pensar: formar opinião na aula de história e Geografia de Portugal. Lisboa, A.P.D.
- Barca, I. (Org) (2001) Perspectiva em Educação Histórica. In *Actas das primeiras jornadas internacionais de educação histórica*. Centro de Estudos em Educação e Psicologia.
- Barca, I. (2003) Para uma educação histórica de qualidade: *actas quartas jornadas internacionais de educação histórica*. Braga, CIED/ Instituto de Educação e Psicologia.
- Barca, I. & Gago, M. (2001). Aprender a pensar em História: um estudo com os alunos do 6º ano de escolaridade. *Revista Portuguesa de Educação*, 14(1). Braga: CEEP, Universidade do Minho, pp. 239-261.
- Barca, I.(2004). Aula Oficina: Do projecto à Avaliação. In Barca, I (Org), *Para uma Educação Histórica de Qualidade – Atas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: CIED, Universidade do Minho, pp. 131-144.
- Carvalho, A; Moura, A. ; Pereira, Luís e Cruz, Sónia (2006). Blogue: Uma ferramenta com potencialidades pedagógicas em diferentes níveis de ensino. In *Actas do VII Colóquio*

- sobre Questões Curriculares - III Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares*, Braga: CIEd; pp.635-652.
- Castells, M. (2003). *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Coutinho, C. & Bottentui, J. (2007). *Blog e Wiki: Os Futuros Professores e as Ferramentas da Web 2.0, SIIIE'2007 - IX Simpósio Internacional de Informática Educativa*. Porto. (<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7358/1/Com%20SIIIE.pdf>) Consultado em 04-03-2012
- Coutinho, C. & Bottentuit, J. (2007). *A Complexidade e os Modos de Aprender na Sociedade do Conhecimento. Comunicação apresentada no XV Colóquio AFIRSE*, Lisboa.
- Coutinho, C. (2006). *Utilização de blogues na formação inicial de professores: um estudo exploratório*. In PANIZO *et al* (Eds.) *Proceedings of the 8th International Symposium on Computers in Education*, (Vol 2), pp. 157-164
- Coutinho, C P. (2008). *Aspectos metodológicos da investigação em Tecnologia Educativa em Portugal (1985-2000)*. In J. Ferreira & C. Marto (Org) *Actas do XIV Colóquio AFIRSE: Para um balanço da Investigação em Tecnologia em Portugal de 1960 a 2007: teorias e práticas*. pp.1-13, Lisboa: FPCE-UL. ISBN:978-972-8036-88-1. [CD-ROM
- Ferreira, S. & Bianchetti, L. (2004). *As tecnologias da informação e da comunicação e as possibilidades de interactividade para a educação. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*. Salvador, (Vol 13), nº 22, pp. 253-263. (<http://www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/numero22.pdf>) Consultado em 30-06-2012
- Figueiredo, A. (2002). *Redes e educação: a surpreendente riqueza de um conceito*. In Conselho Nacional de Educação (2002), *Redes de Aprendizagem, Redes de Conhecimento*, Conselho Nacional de Educação, Ministério da Educação, Lisboa. (http://cmapserv.unavarra.es/rid=1086267925576_323537807_686/cne2002-figueiredo.pdf) Consultado em 30-06-2012
- In Fosnot, C. (Org.), *Construtivismo e educação. Teoria, perspectivas e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 23-58.

- Glaserfeld, E. (1999). Introdução: Aspectos do construtivismo. In Fosnot, C. (Org.), *Construtivismo e educação. Teoria, perspectivas e prática*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 15-21.
- Gomes, M. (2005). Blogs, um recurso e uma estratégia pedagógica, *VII Simpósio Internacional de Informática Educativa - SIIIE*. Leiria, pp. 311-315.
(<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4499/1/Blogs-final.pdf>) Consultado em 11-05-2013
- Gomes, M. (2006). Portefólios digitais: revisitando os princípios e renovando as práticas. In *Actas do VII Colóquio sobre Questões Curriculares III Colóquio Luso-Brasileiro Globalização e (des) igualdades: os desafios curriculares*, Centro de Investigação em Educação. Braga: Universidade do Minho, pp.295-306
(<http://eportefolio.ese.ipsantarem.pt/eportefolio/images/stories/materiais/artigos/doc2.pdf>) Consultado em 06-04-2013
- González, F. (2005). Ferramentas da Web para a aprendizagem colaborativa: Weblogs, Redes Sociais, Wikis, Web 2.0.
(<http://www.scribd.com/doc/21015722/Artigo-2005-Ferramentas-Web-para-aprendizagem-colaborativa-Fernando-Santamaria-GONZALEZ>) Consultado em 20-10-2012
- In Fosnot, C. (Org.), *Construtivismo e educação. Teoria, perspectivas e prática*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 177-206.
- Jonassen, D. (1996). O uso das novas tecnologias na educação a distância e a aprendizagem construtivista. *Revista em Aberto sobre Educação a Distância*, 16 (70), INEP/MEC, Brasília.
(http://www.inep.gov.br/cibec/word_docs/em_aberto_70.doc.p.1-20) Consultado em 13-10-2012
- Jonassen, D. (2007). *Computadores, Ferramentas Cognitivas - Desenvolver o pensamento crítico nas escolas*. Porto: Porto Editora.
- Lara, T. (2005). Uso de los blogs en una pedagogia constructivista.
(<http://unileon.pbwiki.com/f/edublogs.pdf>) Consultado em 13-07-2013
- Mérenne-shoumaker, B. (1999). *Didática da Geografia*. Porto: Edições Asa.

Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário (2001) Programa de Geografia A, 10º, 11º, 12º.

Ministério da Educação – Inspeção Geral da Educação (2009-2010). Avaliação Externa das Escolas.

Ministério da Educação – Orientações Curriculares para o 3º ciclo. Lisboa: Departamento de Educação Básica.

Moran, J. (1997). Como Utilizar a Internet na Educação, *Revista Ciência da Informação*, vol.26 (2), pp.146-153.

<http://www.eca.usp.br/prof/moran/Internet.htm> Consultado em 29-01-2012

Moran, J. (2005). A Pedagogia e a Didáctica da Educação Online. In R. Silva & A. Silva (Org.), *Educação, Aprendizagem e Tecnologia - Um Paradigma para Professores do Século XX*, pp. 67-93. Lisboa: Edições Sílabo.

Plano Tecnológico da Educação (2007). Resolução do Conselho de Ministros N.º137/2007, DR I Série, N.º180, de 18 Setembro de 2007.

http://www.unic.pt/images/stories/publicacoes200801/RCM_137_2007.pdf Consultado em 10-04-2012

Simão, A, & Barca, I.(2011). As metas de aprendizagem e a educação histórica: contributos para uma educação histórica de qualidade na era da globalização. In Barca, I. (Org.), *Consciência Histórica na Era da Globalização. Atas XI Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: Universidade do Minho, pp.65-109.

Vigotski, L. (1984). A Formação Social da Mente: *O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*, 7ª edição. São Paulo: Martins Fontes.


<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf> Consultado em 12-10-2013

ANEXOS

ANEXO I

Aqui Há História


Vamos aprender história!



[Início](#) [Sobre mim](#)

Inquérito – Blogue de História

Posted on 9 de Maio de 2012



Necessito da tua ajuda para avaliar se a utilização do Blogue contribuiu para a melhoria da aprendizagem e se de alguma forma estimulou o prazer de aprender. Pretendo apenas saber a tua opinião e por isso não há respostas erradas. O anonimato é garantido, bem como a confidencialidade dos resultados. Obrigado desde já pelo teu contributo!
*Obrigatório

1. Dados Pessoais - Sexo *

Masculino

Feminino

2. Dados Pessoais - Idade *

12

13

14

15

CALENDÁRIO

JANEIRO 2014

S	1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11
12	14	15	16	17	18
20	21	22	23	24	25
27	28	29	30	31	

[< Mai](#)

ARTIGOS RECENTES

- [Inquérito – Blogue de História](#)
- [Aula Nº 74/76](#)
- [Aula Nº 73/75](#)
- [Questionário – Revolução Francesa e Revolução Americana](#)
- [Aula Nº 70/71](#)

ARQUIVOS

- [Maio 2012](#)
- [Abril 2012](#)
- [Março 2012](#)
- [Fevereiro 2012](#)

CATEGORIAS

- [Boas Vindas](#)
- [Inquérito](#)
- [Questionário](#)
- [Sumários](#)


LINKS

- [Escola Secundária D. Maria II](#)

ANEXO II

Aqui Há História

Vamos aprender história!



[Início](#) [Sobre mim](#)

Sobre mim

Sou licenciada em Geografia e Planeamento pela Universidade do Minho e propus-me a ir mais além na minha formação académica e iniciar este verdadeiro desafio no mestrado.

A semelhança do que foi dito na aula de apresentação, este blogue insere-se no projecto de estágio do curso de Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

No blogue poderás consultar todos os conteúdos abordados nas aulas bem como todo um conjunto de informações.

Espero que este blogue seja um contributo na aprendizagem da disciplina.

Bom estudo!

Share this: [Twitter](#) [Facebook](#)

Costar mais: [Gosto](#)

Be the first to like this.


Deixar uma resposta

Escreva o seu comentário aqui...

ANEXO III

Aqui Há História

Vamos aprender história!



[Início](#) [Sobre mim](#)

Posted on 5 de Março de 2012

[← Anterior](#) [Seguinte →](#)


Aula Nº 63/64

Sumário: O Iluminismo na Europa.

Visualização de um vídeo sobre o Iluminismo.

O ILUMINISMO NA EUROPA

O Iluminismo na Europa



0:00 / 3:29

YouTube


Actividade:

Realização de uma ficha formativa.

ANEXO IV

Aqui Há História

Vamos aprender história!





[Início](#) [Sobre mim](#)

Posted on 12 de Março de 2012 [← Anterior](#) [Seguinte →](#)

Aula N^o 65/66

Sumário: A revolução agrícola e o arranque da revolução Industrial.


A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL NA INGLATERRA



ANEXO V

Aqui Há História

Vamos aprender história!



[Início](#) [Sobre mim](#)


Posted on 18 de Março de 2012 [← Anterior](#) [Seguinte →](#)

Aula Nº 67

Sumário: A revolução francesa. O ambiente pré-revolucionário. Situação política, económica e social.

A REVOLUÇÃO FRANCESA

Revolução Francesa




Séc. XVI Séc. XVII Séc. XVIII Séc. XIX Séc. XX

Revolução Francesa

ANEXO VI

Aqui Há História

Vamos aprender história!




[Início](#) [Sobre mim](#)

Posted on 18 de Abril de 2012

[← Anterior](#) [Seguinte →](#)

Aula Nº 68/69

Sumário: A revolução americana.



Revolução Americana


Revolução Americana

96

ANEXO VII

Aqui Há História

Vamos aprender história!



[Início](#) [Sobre mim](#)

Posted on 20 de Abril de 2012 [— Anterior](#) [Seguinte —](#)

Aula Nº 70/71

Sumário: Os acontecimentos revolucionários: o radicalismo republicano.

Os acontecimentos revolucionários: o radicalismo republicano

- ✓ Apesar das cogitativas, os populares, sobretudo os mais pobres, os Raros-Quilómetros, revoltaram-se e manifestaram-se contra a fome, miséria e o facto de lhes ser negado o direito de voto.
- ✓ A Prússia e a Áustria, temendo o propágido de revolução, prepararam-se para invadir a França. No entanto a assembleia legislativa declarou a guerra.




Fig. 8 - Luís Colares


[About these ads](#)

97

ANEXO VIII

Aqui Há História

Vamos aprender história!



[Início](#) [Sobre mim](#)


Posted on 23 de Abril de 2012

[← Anterior](#) [Seguinte →](#)

Aula Nº 72/73

Sumário: A Revolução Liberal Portuguesa.

Revolução Liberal Portuguesa



Séc. XVII	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. <u>XX</u>
-----------	-----------	------------	----------	----------------


98

ANEXO IX

Aqui Há História

Vamos aprender história!

Terço



Início Sobre mim

Posted on 7 de Maio de 2012

— Anterior Seguinte —

Aula Nº 74/75

Sumário: A Guerra Civil.

O «Terror» Miguelista




Fig. 5 – Ação de repressão miguelista.

Ação de repressão desencadeada pelo governo miguelista exercida sobre os liberais que ficaram em Portugal, traduzindo-se essencialmente em inúmeras prisões, perseguições e condenações à morte por fuzilamento ou enforcamento.

Actividade:

Realização de uma ficha de trabalho.

ANEXO X

INQUÉRITO DE HISTÓRIA

1 - Sexo

Masculino Feminino

2 - Idade

12 13 14 15

3 - Computador em casa

Sim Não

4 - Ligação Internet

Sim Não

5 - Tipos de utilização da Internet (escolhe apenas a que se mais se identifica contigo)

Para jogar

Conversar com amigos no MSN

Facebook

Pesquisar assuntos do meu interesse

Pesquisar assuntos relativos à matéria das disciplinas

Enviar e receber emails

Ver vídeos/ouvir música

Fazer downloads de conteúdos como filmes

Participar em fóruns de discussão

6 - Local de acesso à Internet (escolhe apenas a que se mais se identifica contigo)

Casa

Mediateca

Casa de amigos

Casa de familiares

Cybercafé

7 - Com que frequência acedes ao blogue?

Bastantes vezes Algumas vezes Nunca

8 - Utilizas o blogue de turma para? (escolhe apenas a que se mais se identifica contigo)

Colocar comentários

Ler opiniões dos colegas

Rever a matéria e fazer as propostas de trabalho

9 - Que vantagens encontras na utilização do blogue de disciplina?

10 - Que desvantagens encontras na utilização do blogue de disciplina?

11 - Na tua opinião aprendes melhor participando no blogue de disciplina?

Sim Não

12 - O facto dos conteúdos da disciplina estarem sempre disponíveis online facilitou o teu trabalho em casa?

Bastantes vezes Algumas vezes Nunca

13 - A participação no blogue de turma foi importante na aprendizagem dos diversos temas da disciplina de História?

Bastantes vezes Algumas vezes Nunca

14 - A utilização das novas tecnologias aumentou a tua motivação para aprender?

Sim Não

15 - O facto da professora investigadora estar disponível online para responder às questões dos alunos é importante para a aprendizagem?

Sim Não

16 - Gostavas que esta experiência se aplicasse a outras disciplinas?

Sim Não

17 - Que balanço fazes da utilização de recursos informáticos no ensino de História?

Excelente Muito Bom Bom Razoável Dececionante

ANEXO XI



Escola Secundária Dona Maria II - Braga Ano letivo 2011-2012

Disciplina: História Ano: 8º Turma B

Data: 9 de Março 2012

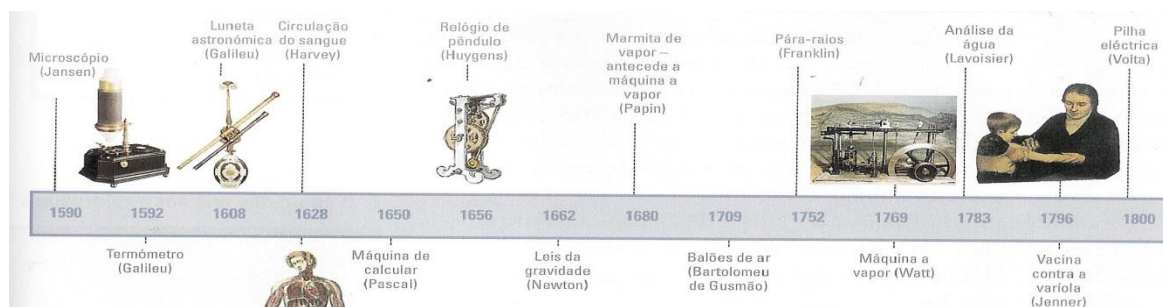
FICHA DE TRABALHO

NOME: _____

Nº _____

1) Lê atentamente as perguntas e responde:

1.1) Justifica, com base na cronologia, afirmação “os séculos XVII e XVIII são considerados um período de revolução científica”.



1.2) Com base no documento 4 identifica que tipo de conhecimento defende o autor.

4. (...) devemos evitar cuidadosamente a precipitação e as conclusões apressadas: apenas podemos reconhecer como autênticos os conhecimentos que se apresentem ao nosso espírito com tanta clareza que em ocasião alguma os possamos pôr em dúvida.

Descartes, *Discurso do Método*, 1637
(adaptado)

1.3) Refere se os cientistas representados nos documentos 2 e 3 terão seguido as ideias defendidas pelo autor do documento 4.



2. Representação de Tycho Brahe e do seu laboratório, segundo o *Atlas* de J. Blaeu.




3. O Geógrafo, de Johannes Vermeer.

Bom trabalho.

ANEXO XII


Aqui Há Geografia



[Início](#) [Sobre mim](#)

Vamos aprender geografia!

Inquérito – Blogue de Geografia
POSTED ON 9 DE MAIO DE 2012



Inquérito – Blogue de Geografia

Necessito da tua ajuda para avaliar se a utilização do Blogue contribuiu para a melhoria da aprendizagem e se de alguma forma estimulou o prazer de aprender. Pretendo apenas saber a tua opinião e por isso não há respostas erradas. O anonimato é garantido, bom

Procurar:

Calendário

Janeiro 2014

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		


[+ >>>](#)

Artigos recentes

- [Inquérito – Blogue de Geografia](#)
- [Aula Nº 02/03](#)
- [Aula Nº 00/01](#)
- [Aula Nº 05/09](#)
- [Aula Nº 06/07](#)

ANEXO XIII

Aqui Há Geografia



[Inicio](#) [Sobre mim](#)

Sobre mim

Sou licenciada em Geografia e Planeamento pela Universidade do Minho e propus-me a ir mais além na minha formação académica e iniciei este verdadeiro desafio no mestrado.

À semelhança do que foi dito na aula de apresentação, este blogue insere-se no projecto de criação do curso de Mestrado em Ensino de Matemática e de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

No blogue poderá consultar todos os conteúdos abordados nas aulas bem como todo um conjunto de informações.

Espero que este blogue seja um contributo na aprendizagem da disciplina.

Com carinho!

PARTILHA COM: [Twitter](#) [Facebook](#)

GOSTAR DISTO: [Gosto](#)

Be the first to like this.

Deixar uma resposta

Escreva o seu comentário aqui...

Procurar

Calendário

Janeiro 2014

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

[+ Mais](#)

Artigos recentes

[Inquérito – Blogue de Geografia](#)

[Aula N.º 62/63](#)

[Aula N.º 60/61](#)


[Aula N.º 58/59](#)

[Aula N.º 56/57](#)

Arquivos

ANEXO XIV

Aqui Há Geografia



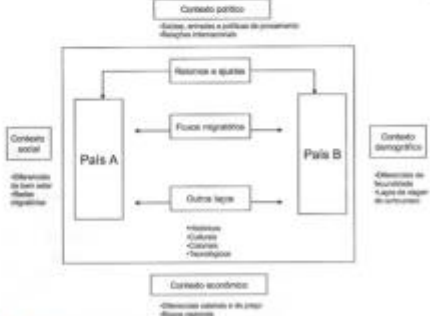
[Detalhe](#) [Sobre mim](#)

Aula Nº 56/57
POSTED ON 9 DE MARÇO DE 2012 BY CLARA GONÇALVES

Sumário: Um espaço de fluxos de zonas mundiais.

As tendências migratórias no mundo contemporâneo.

Estrutura geral do Sistema Migratório



Contexto político
Leis, acordos e políticas de governo
Fluxos internacionais

Contexto social
Observação de base sobre fluxos migratórios

Contexto demográfico
Observação de tendências
Aplicação de regras de seleção

Contexto econômico
Observação relativa a fluxos migratórios

País A ↔ **País B**

Razões e quotas
Fluxos migratórios
Outras ligações
Habilidades
Cultura
Tecnologia

Tipos de Migrações

Procurar

Termo

Calendário

Março 2012

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	
+ Fev						Mar >

Artigos recentes

[Inquérito - Blogue de Geografia](#)

[Aula Nº 62/63](#)

[Aula Nº 60/61](#)


[Aula Nº 58/59](#)

[Aula Nº 56/57](#)

Arquivos

ANEXO XV

Aqui Há Geografia




[Detalhe](#) [Sobre mim](#)

Aula N° 58/59
POSTED ON 12 DE MARÇO DE 2012 BY CLARA GONÇALVES


Sumário: As migrações laborais e as políticas de imigração

Tema 3 - Um Mundo Fragmentado

As migrações laborais e as políticas de imigração



ONU indignada com a expulsão de milh...



[Procurar](#)

[Calendário](#)

Março 2012

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

[+ Fev](#) [Mai >](#)

[Artigos recentes](#)


[Inquérito - Blogue de Geografia](#)

- [Aula N° 62/63](#)
- [Aula N° 60/61](#)
- [Aula N° 58/59](#)
- [Aula N° 56/57](#)

[Arquivos](#)

ANEXO XVI

Aqui Há Geografia




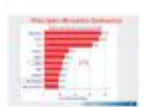




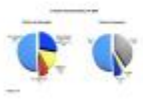

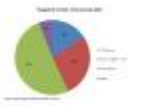



[Detalhe](#) [Sobre mim](#)

Aula Nº 60/61

POSTED ON 19 DE MARÇO DE 2012 BY CLARA GONÇALVES

Sumário: Os fluxos turísticos.

Os impactos ambientais: o turismo sustentável.



Procurar

Calendário

Março 2012

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

[+ Fev](#) [Mai >](#)

Artigos recentes

[Inquérito – Blogue de Geografia](#)

[Aula Nº 62/63](#)

[Aula Nº 60/61](#)


[Aula Nº 58/59](#)

[Aula Nº 56/57](#)

Arquivos

ANEXO XVII

Aqui Há Geografia




[Detalhe](#) [Sobre mim](#)


Aula Nº 62/63
POSTED ON 4 DE MARÇO DE 2012 BY CLARA GOMÇALVES

Sumário: Envelhecimento da População de Portugal.

Envelhecimento da População de Portugal



RTP 1 - Telejornal , "Envelhecimento o



Procurar

Calendário

Mais 2012

S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

+30 dias

Artigos recentes

[Inquérito – Blogue de Geografia](#)

[Aula Nº 62/63](#)

[Aula Nº 60/61](#)

[Aula Nº 58/59](#)

[Aula Nº 56/57](#)

Arquivos

ANEXO XVIII

INQUÉRITO DE GEOGRAFIA

1 - Sexo

Masculino Feminino

2 - Idade

12 13 14 15

3 - Computador em casa

Sim Não

4 - Ligação Internet

Sim Não

5 - Tipos de utilização da Internet (escolhe apenas a que se mais se identifica contigo)

Para jogar

Conversar com amigos no MSN

Facebook

Pesquisar assuntos do meu interesse

Pesquisar assuntos relativos à matéria das disciplinas

Enviar e receber emails

Ver vídeos/ouvir música

Fazer downloads de conteúdos como filmes

Participar em fóruns de discussão

6 - Local de acesso à Internet (escolhe apenas a que se mais se identifica contigo)

Casa

Mediateca

Casa de amigos

Casa de familiares

Cybercafé

7 - Com que frequência acedes ao blogue?

Bastantes vezes Algumas vezes Nunca

8 - Utilizas o blogue de turma para? (escolhe apenas a que se mais se identifica contigo)

Colocar comentários

Ler opiniões dos colegas

Rever a matéria e fazer as propostas de trabalho

9 - Que vantagens encontras na utilização do blogue de disciplina?

10 - Que desvantagens encontras na utilização do blogue de disciplina?

11 - Na tua opinião aprendes melhor participando no blogue de disciplina?

Sim Não

12 - O facto dos conteúdos da disciplina estarem sempre disponíveis online facilitou o teu trabalho em casa?

Bastantes vezes Algumas vezes Nunca

13 - A participação no blogue de turma foi importante na aprendizagem dos diversos temas da disciplina de Geografia?

Bastantes vezes Algumas vezes Nunca

14 - A utilização das novas tecnologias aumentou a tua motivação para aprender?

Sim Não

15 - O facto da professora investigadora estar disponível online para responder às questões dos alunos é importante para a aprendizagem?

Sim Não

16 - Gostavas que esta experiência se aplicasse a outras disciplinas?

Sim Não

17 - Que balanço fazes da utilização de recursos informáticos no ensino de Geografia?

Excelente Muito Bom Bom Razoável Dececionante

ANEXO XIX



Escola Secundária Dona Maria II - Braga Ano letivo 2011-2012

Disciplina: Geografia C Ano: 12º Turma I

Data: 9 de Março 2012

FICHA DE TRABALHO

NOME: _____

Nº _____

Grupo I

1. Distingue migrações definitivas de migrações temporárias.

2. Identifique países emissores e países recetores de migrantes.

3. Aponte razões que justifique a sujeição de migrantes qualificados a situações de trabalho precário e muitas vezes não qualificado (abaixo da sua qualificação).

4. Refira a importância deste tipo de imigrantes para os países recetores.

Grupo II

1. Milhões de pessoas migram todos os anos no mundo, devido a causas diversas. Observa a Fig. 1 e responde às questões que se seguem.



Fig.1

1.1 Que tipo de causa, motivadora de movimentos migratórios, sugere a imagem?

1.2 Indica outras duas grandes causas de migrações.

Grupo III

As migrações originam consequências diversas, quer nas regiões de partida, quer nas de chegada ou destino.

Escolhe as opções corretas para cada uma das frases seguintes.

2.1 Nas regiões de partida, podem ocorrer as seguintes consequências demográficas:

- A – Descida da natalidade.
- B – Rejuvenescimento da população.
- C – Despovoamento das regiões mais desfavorecidas.

2.2 Nas regiões de destino, registam-se consequências demográficas como:

- A – Aumento da população e da mortalidade.
- B – Rejuvenescimento da população dos países desenvolvidos.

2.3 Nas regiões de partida, as consequências socioeconómicas podem ser as seguintes:

- A – Diminuição da população ativa.
- B – Aumento do desemprego.
- C – O envio de poupanças permite melhorar as condições de vida das famílias dos emigrantes.

2.4 Nas regiões de chegada, ocorrem as seguintes consequências socioeconómicas:

- A – Aumento da população ativa.
- B – Incremento ou manutenção do crescimento económico.
- C – Manutenção de uma sociedade monocultural.

Bom trabalho.